

II ANTOLOGIA
Casadense

ORG. ADEMILSON LEANDRO



Performance
Editora

Antologista

“Todos sabem, só não sabem que sabem”.

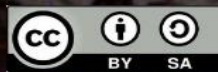
Escrever por exemplo, todos sabemos. Só não sabemos que sabemos. E, às vezes, é necessário que alguém nos diga: ei, você sabe! Você só não sabe, ainda, que sabe. E, eu estou aqui para lhe dizer isso! Que você sabe e que você pode! Agora, é só querer e, fazer. Porém, eu posso melhorar ainda mais: Escreva, eu publico no nosso livro compartilhado, na nossa Seleta, na nossa Antologia. Eu sou Antologista e quero que você seja Escritor. Sou Antologista e quero que você descubra a felicidade que é ter algo registrado para a eternidade num livro. O livro immortaliza a sua produção literária, a sua vida, a sua obra. Antologista, figura nova no panorama literário que desponta como os maiores promotores e transmissores do conhecimento através da escrita. E, o melhor, através da escrita dos outros. O antologista procura se realizar no que o outro tem condição de fazer, e faz. Assemelha-se ao professor, ao educador que são os agentes que geram e transformam o mundo através do pensamento e da transmissão do conhecimento. Sejam bem-vindos meus colegas antologistas, vamos fazer a nossa parte, oferecendo oportunidade para que todos participem, evoluam, cresçam e façam os seus melhores e sejam, também, melhores. Avante, é Deus no comando.

DOMINGOS PASCOAL

É professor, palestrante, jornalista, escritor, advogado, radialista. Ocupa a Cadeira 17 da Academia Sergipana de Letras. Também é membro de várias Academias de Letras do Estado de Sergipe e de outros estados. É criador e organizador do I Encontro de Escritores do Estado de Sergipe e um dos criadores da Bienal do livro de Itabaiana-SE.



Performance
Editora



ADEMILSON LEANDRO
(Organizador)

II ANTOLOGIA **Casadense**

Arapiraca-AL
2021



Performance
Editora

© COPYRIGHT 2021 BY ADEMILSON LEANDRO (ORG)

Editora Performance

www.editoraperformance.com

Edição: Carla Emanuelle Messias de Farias

Revisão: Ademilson Leandro Correia e José Edson C. Silva

Diagramação: José Edson Cavalcante da Silva

Idealização da Capa: Ademilson Leandro Correia.

Capa: Carla Emanuele M. de Farias e Celiana Feitosa S. Silva.



Esta obra é licenciada sob uma Licença Creative Commons
Attribution-ShareAlike4.0 Brasil.

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C824ac2

Correia, Ademilson Leandro. (Org.)

II Antologia Casadense: 2º Encontro de Escritores Casadense e Convidados. (Digital) / Ademilson Leandro Correia. -- Arapiraca/Alagoas: Editora Performance, 2021.

228 p.

ISBN: 978-65-87637-86-0

1. Antologia 2. Casadense 3. Literatura 4. Textos 5.
Escritores 5. Literatura alagoana, I. Título.

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Miscelâneas de Escritos Brasileiros B869.8

2º ENCONTRO DE ESCRITORES
CASADENSES E CONVIDADOS

II ANTOLOGIA
Casadense

2021
ANTOLOGIA
Org.: ADEMILSON LEANDRO

APRESENTAÇÃO

Olá, caro leitor! Estamos dando continuidade ao grande projeto literário, que deu-se início no ano de 2019, consagrando-se no final do referido ano com o lançamento da I Antologia Casadense e o Encontro de Escritores na cidade de Olho d'Água do Casado, terra do Caju e dos Cânions do São Francisco, no alto sertão de alagoas. Foi lá que tudo começou. Foram muitas expectativas, muitos desafios, e muita vontade de fazer bonito.

Para o ano de 2020, as expectativas não foram diferentes! Foram muitas, mesmo com as incertezas inerentes ao cenário pandêmico desenhado no início do ano, que atingiu não apenas este pedaço de terra sertaneja, mas o mundo inteiro.

Ao lançarmos a proposta, logo começou a chegar uma enxurrada de textos com formatos e estilos diferenciados, porém carregados de grande emoção. Por trás de cada texto, uma história, uma novidade, um ensinamento, um incentivo, uma motivação. As palavras escritas em cada texto nos inspiram e nos motivam a continuar, proporcionando oportunidades para que novos escritores sentiam-se incentivados a ler e escrever, externando dessa forma seus sentimentos por meio da escrita literária.

O projeto é bastante desafiador, porém muito gratificante, a medida oportuniza muitos jovens a descobrirem novos mundos por meio da literatura e novas pessoas com suas histórias e experiências de vida.

O primeiro Encontro de Escritores Casadenses reuniu escritores, tanto experientes quanto iniciantes, inclusive crianças e adolescentes que nunca haviam experimentado tal sensação. Eram estudantes do ensino fundamental que certamente haviam realizado algum tipo de leitura ao longo das suas vidas, mas que nunca tinha vivenciado na prática um momento tão impactante. Foi um encontro marcado com muita emoção, onde trocas de experiências entre pessoas de vários lugares aconteceram.

A II Antologia Casadense promete muita emoção, pois cada linha foi escrita com muito carinho e atenção por cada coautor(a). Por isso, ela vem por meio da sua segunda edição convidar você para fazer uma viagem dentro do seu imaginário por meio das palavras presentes em cada frase contida neste livro.

ADEMILSON LEANDRO

Graduado em Física – UFAL. Especialista em Mídias na Educação-UFAL.

Mestre em Ensino de Ciências e Matemática – UFAL. Escritor e Membro

correspondente da Academia Canindeense de Letras e Artes – ACLAS.

Também é Idealizador do Encontro de Escritores Casadenses e Convidados.

PREFÁCIO

Uma coletânea de emoções

Os florilégios têm o papel de difusão da literatura; eles oferecem, em uma única obra, um conjunto de seleção de textos com objetivos e padrões próprios, aproximando escritores de um público confiante: os leitores.

Toda coletânea é um atalho; é uma linha direta para que os antologistas sejam vistos por seus intelectos leitores. Em uma Antologia há um pouco de tudo, uma contemplação para diversos gostos.

O livro ao qual estou preludiando reúne os mais variados temas, onde os compartes, por meio das palavras, fazem uma recriação do mundo real; eles transbordam uma linguagem figurada que faz o leitor transportar para o outro lugar: o mundo da literatura.

O que se espera de qualquer antologista é que este exerça o seu arbítrio livremente; que busque trazer aquilo que outrora estava dentro do seu interno sentimento e que aflorou através de poesias, contos, crônicas, cordéis e artigos de opinião.

Sendo assim, com este pródromo, não tenho nenhuma pretensão de fazer uma análise crítica, mas apenas fazer um registro das minhas impressões ao ler tal obra e, de antemão, asseguro, a você nobre leitor, que as minhas impressões, com esta obra, foram as melhores possíveis.

Aqui temos escritores ecléticos, apaixonados pela arte de escrever, contagiando e convidando os que se atreverem a

sentir aquilo que foi transcrito por estes com a mais profunda dedicação a ir além das linhas escritas: em uma viagem ao seu interior.

Em cada texto lido é possível sentir a emoção vivida pelos coautores. Os textos da II Antologia Casadense provocam no leitor diferentes sentimentos: o pensar, a saudade, a excitação, o prazer, a liberdade. As emoções sentidas se modificam a cada texto para quem mergulha de corpo, alma e coração nas palavras aqui expostas.

Em sua curta existência, o Encontro de Escritores Casadenses e Convidados já conta com muitos escritores locais participando e é desde a sua criação que o confrade Ademilson Leandro buscou incentivar os alunos a participarem deste brilhante projeto. É preciso ter fé e força de vontade para construir e seguir com um projeto dessa magnitude.

Novos autores precisam desengavetar suas ideias e atualizar os acervos literários desse sertão. Esses serão sempre bem-vindos, sobretudo considerando que é variada e rica a produção literária desse solo sertanejo denominado Olho d'Água do Casado-AL, complementando esta obra com autores vindos de diversas regiões do país.

Além desta Antologia reunir textos de diversos escritores já experientes, ela apresenta também textos daqueles que ousaram a escrever pela primeira vez. Quanto a esses novos e extraordinários escritores, deixarei a cargo da apreciação do leitor; não caberá a mim antecipar aquilo que esses aspirantes trouxeram de presente para nós, pois não posso estragar a surpresa que os coautores prepararam, afinal, os seus textos são

bem mais intensos do que a minha pretensão de explicá-los.

Assim, amigo leitor, você está prestes a vivenciar as grandes emoções trazidas por cada linha transcrita aqui. Com isso, trago uma sugestão: esteja disposto a mergulhar no cerne de cada texto deste opúsculo e assim sentirá uma enxurrada de sensações que só esta obra tem o poder de produzir.

TINHO SANTANA

Poeta, escritor, membro fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS) e da Academia Canindeense de Letras e Artes (ACLAS).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
PREFÁCIO	8
<i>POESIAS</i>	20
ITINERÁRIO	
Abelardo Nogueira	21
MINHA QUERIDA CIDADE	
Ademilson Leandro	23
O VENTO EM PESSOA	
Alexandre Drummond	25
PERDOA	
Alveriano Dias	26
O TEMPO	
Amâncio	27
O MEIO AMBIENTE	
Ana Lara	29
COR DA INSPIRAÇÃO	
Bandeira	30
O LIVRO	
Bruno Pinheiro	32
SAUDADES DE VOCÊ	
Ana Carla	34
O MEIO AMBIENTE	
Évila Paula	36

A SUBLIME NATUREZA	
Ceição Viana	37
VAMOS SEMEAR VAMOS SEMEAR	
Célia Mônica	39
MADRUGADA INSANA	
Cenira Soy	40
LEMBRANÇAS ETERNAS	
Claudia	41
NÃO TE AFLIJAS... AME!	
Cláudio Araújo	42
ALMA NEGRA!	
Cristina Medrade	44
MARCOS TEMPORAIS	
Cruz, O Poeta Do Aço	46
DIAMANTES DO CRIADOR	
CT	48
APRENDENDO A LIÇÃO COM A PANDEMIA EM QUESTÃO	
Daniela Soares Menezes	50
O PSICÓLOGO E O POETA MORTO	
Diógenes Pereira	54
CAPELA, "SENHORA DOS ENGENHOS"	
Dora	56
CONSTRUINDO A POESIA	
Edvaldo Felix	59
QUERO UM MEIO AMBIENTE	
Emilly Victoria	60

O PODER DA PALAVRA	
Fabiana Félix Cordeiro	61
ADOLESCÊNCIA	
Gileide Barbosa	63
DESILUSÃO	
Gorete Lira	65
A CASA DA VOVÓ	
Helô Santos	67
ISOLAMENTO	
Hortência Braz Chalegre	69
SERTANEJAR	
Iara Gsome	71
POEMA DO FIM	
Ildebrando Gutemberg	72
NOVA ESPERANÇA	
Ilian	74
ONDE EU VIVO	
Islâine	75
Ó NÓS DOIS	
Jardel Britto Ferreira	76
SEGURA O COCO!	
João Lemos	77
MÃE	
Jania Souza	78
EU TENHO MEDO	
Júlia Gonsalves	79
MELANCOLIA	
Juli	80

MOMENTOS OU FASES	
Kevin Gelton Santos	81
QUEM SOU?	
Laiane Silva	82
A ÚLTIMA DESPEDIDA	
Lourdinha	83
CLAUDILUCIA SILVA	
Liu Poetisa	84
TODOS PRECISAMOS DE UM TEMPO.	
Marcos Neto	85
UM SIMPLES GESTO	
Marry Assis	87
CONSERVAÇÃO DA FLORA E FAUNA	
Martinha	89
AMOR E DISSABOR	
Melo	91
CASULO	
Nicy Alves	92
QUANDO VOCÊ FOR DORMIR	
Nilo Moraes	94
NÃO TENHO MEDO DA CHUVA	
Ninfa	95
VIVER	
Odilma Macedo	97
O COMEÇO DO FIM	
Mário Santos	98
ESPERANÇA	
Patrícia Pereira	100

COSTURANDO HISTÓRIAS: Uma homenagem a Sra. Maria José (Dona Zezé...)	
Rita Freire	101
PENSAMENTO INSANO A ME CONTER	
Rosilda Da Souza Tavares Pinheiro	104
LUTO É VERBO	
Rosyelly Araújo	105
TEMPOS DIFÍCEIS	
Silmaria	106
A PRIMAVERA NO SERTÃO NORDESTINO	
Socorro Leitão	107
NOSSAS BELEZAS	
Sophya Dos Santos	108
ESTRELAS...	
Sophia Sandes	109
ÚNICO	
Sóstenes Ericson	110
A MORTE DA ORQUÍDEA - DESTRUÇÃO INVISÍVEL	
Orquídea Negra	112
LENTAMENTE ME FOI...	
Um.Tal.De.Brito	113
VIVA A VIDA PLENAMENTE	
Valdemira Albuquerque	114
FONTE DA ORIGEM.	
Vaval Leite	116
TERRA DE TODOS NÓS	
Vaval Leite	118
EXÍLIO	

Vera Lúcia	120
CORONAVÍRUS	
Vinícius	121
RECÔNBITO	
Virgínia Assunção	122
CORONAVÍRUS	
Vinícius	123
MEU SERTÃO	
Vitória Melo	124
DECADÊNCIA	
Wellison Ribeiro	126
MINHA EXPRESSÃO	
Weudes Maycon	127
SOBRE A ROSA	
Welson Menezes	128
AMANHECER	
Willys Soares	129
PRESENÇA AMNÉSICA	
Yago Marinho	130
<i>PROSAS</i>	131
O DEUS ÚNICO	
Adonay	132
A ORIGEM DO NATAL – A HISTÓRIA RECONTADA	
Alex Xela Lima	136
A EXISTÊNCIA DO AMOR	
Aparecida Carvalho	140
PÁSSARO AZUL	

Carla Daniely	142
SOL: TRISTEZA, DOR E ALEGRIA!	
Ginaldo De Jesus	143
METAMORFOSES DA VIDA	
Domingos Pascoal	146
FALANDO SOBRE A VIDA	
Eduarda Leite	150
AOS DOMINGOS	
Beleu	151
VIVER OU REVIVER.	
Betty	154
A VIDA FORA E DENTRO DA PANDEMIA	
Camile	158
UM LIVRO MARCANTE	
Cida Quelé	160
O BRILHO E A COBRA	
Cleuza Leite	163
CONSELHOS DOS PAIS	
Cristiana	164
AMÁLGAMA	
Dartanhan Holanda	166
<i>“O ERRO JUDICIÁRIO MAIS FAMOSO NO BRASIL: O CASO DOS IRMÃOS NAVES EM ARAGUARI – MINAS GERAIS”</i>	
Edson Alexandre Da Silva	169
SAUDADES... MALDADES... SÓ QUERO DIZER QUE AS AMO	
Elton Fireman	176

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA	
Fátima Stela	178
UM GRANDE SONHO	
Guilherme	180
TEMPLOS VERSUS CORONAVÍRUS	
Hendrickson Rogers Melo Da Silva	181
MANDATO CONQUISTADO OU COMPRADO?	
Idenilson De Albuquerque	185
OS MEUS HERÓIS FAVORITOS	
Jacyanna Vieira Torres	187
AS PRÁTICAS DE LEITURA EM SALA DE AULA	
Jardel Britto	189
A MEMÓRIA COMO ELEMENTO DE RECONSTRUÇÃO DO PASSADO	
Jailson Costa	192
DEIXE A IMAGINAÇÃO CONQUISTAR O MUNDO POR VOCÊ	
Jany Monteiro	196
DEUS NÃO NOS FEZ PARA SOFRER.	
Jany	197
PRAIA DO FRANCÊS	
JB	199
NADIR DA ESPORA	
Luciano Acciole	201
A ÁRVORE GENEALÓGICA	
Laurinha	204
O ENCONTRO	
Maria Lima	205

FAMÍLIA CASADA COM ESCOLA	
Magna Cristina	207
CRÔNICA DE UM FILHO AOS PAIS AUSENTES	
Melo	209
O CAVALO QUE VIROU HERÓI	
Salatiel Hora	210
AO LEITOR	
Professor Oliveira	211
DO TIPO PEGADOR	
Sóstenes Ericson	213
BAILE DE MÁSCARAS	
Thiago Sotthero	215
REMINISCÊNCIAS DA INFÂNCIA	
Tinho Santana	216
INVÓLUCRO	
Vania Bandeira	218
UM AMOR VERDADEIRO	
Vitória	241
POLÍTICAS PÚBLICAS E MEIO AMBIENTE	
Uberlange Professor	223
O AMOR E A ESTÉTICA REALISTA: UMA ANÁLISE DE “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”, DE MACHADO DE ASSIS	
Valéria Santos	225



Poesias





Abelardo Nogueira

Abelardo Nogueira é natural de Aracoiaba-Ce. Músico, poeta, escritor, trovador e cordelista é um típico representante do seu povo, cujos costumes, os valores e a vida de sua gente estão sempre presentes em muitos dos seus escritos (poemas, causos, trovas e cordéis). Contudo, sua obra é composta por distintos pendores, marcas ativas da poesia e traços peculiares da sua arte. Premiado em concursos literários nos âmbitos municipal, estadual, nacional e até internacional, participa de Coletâneas físicas de Academias de Letras e revistas virtuais internacionais. É autor e coautor de várias obras literárias e Sócio fundador da UBT-Ocara-Ce.

ITINERÁRIO

Foram tempos de outrora,
Não esqueci, pois, jamais.
Um dia disse aos meus pais,
Amanhã eu vou embora.
E saí caminho a fora
Com o mundo a minha frente,
Tristonho, enquanto contente,
Numa peleja discreta
E minha alma repleta
De esperança, tão somente.

Segui o curso da estrada
A me esguiar do perigo.
Busquei a sombra do abrigo,
Adormeci na jornada.
Despertei na madrugada
Enquanto o sol ressurgia.
Com a barriga vazia
Muitas vezes recobrei

Minha força e palmilhei
No labor de mais um dia.

Tropecei nem sei o quanto,
Amarguei os dissabores.
Recebi tantos favores,
Por vezes, o desencanto.
Meu orgulho, entretanto,
Sufoquei sem pretender.
Silenciei ao querer
Suplicar um simples feito,
Um abraço, um gesto, um jeito,
Fosse qualquer parecer.

Nas portas em que bati,
Delas, quase não se abriram.
Poucos notaram, me viram,
Desiludido, saí.
Vontade, porém, senti,

De um dia desistir.
Mas, depois de refletir,
Despi-me do desalinho
E pus o pé no caminho
E voltei a prosseguir.

Ouvi sim e ouvi não,
Seus valores, bem conheço.
Cada um tem o seu preço
Em qualquer ocasião.
Seja qual for a razão
Urge, contudo, entender,
Embora sem convencer
A quem se julga ciente
Que o tempo ensina pra gente
Pois, a arte de viver.

Conclui em cada ato,
Enxerguei à revelia

Que algo diferencia
Um e outro, pois, de fato.
O prestígio, o aparato,
Um diploma pra mostrar...
Descobri sem desejar,
Ademais, que, na verdade,
A vida é faculdade
De quem não pode estudar.

Pelo árduo cumprimento
Do constante itinerário,
Fez-se nobre, necessário,
Conceber cada momento.
Qual singelo sentimento
Ou altivo proceder.
Convém, portanto, dizer,
Que tanto instrui e, decerto,
O mundo é um livro aberto
A quem deseja aprender.



Ademilson Leandro

Ademilson Leandro Correia é brasileiro, natural de Santo Amaro-BA, casado com Neila Maria Melo Correia e pai Anelly Melo Correia. Licenciado em Física - UFAL, Especialista em Mídias na Educação-UFAL e Mestre em Ensino de Ciências e Matemática-UFAL. Tem experiência em Ensino de Matemática e Física. É escritor, autor da obra: feito para você (2015) e idealizador do 1º Encontro de Escritores Casadenses e Convidados. É membro correspondente da Academia Canindeense de Letras e Artes-ACLAS". Ex-Secretário Municipal de Educação de Olho d'Água da

Casado-AL (10 de Julho de 2017 a 11 de dezembro de 2019), onde reside desde os 3 anos de idade. Foi professor Substituto de Física no IFAL (Campus Satuba-AL) em 2014 e no IFAL(Campus Piranhas-AL) de 05 de outubro de 2017 a 20 de janeiro de 2019.

MINHA QUERIDA CIDADE

Situado no interior de alagoas,
no sertão nordestino,
uma terra de pouca chuva,
cuja vegetação é a caatinga.

De um clima semiárida,
peculiar do nordeste,
terra de gente guerreira,
competente e honesta.

Embora seja pequeno
o município em questão,
Como é visto por muitos
como cidadezinha do sertão.

É uma terra de gente humilde,
de pessoas de valor,
que não desiste facilmente,

mas batalha com fervor.
Coragem e disposição
é o que mais o povo tem,
Competência é o que não falta
e habilidades também.

É uma terra de gigantes,
corajosos e heróis,
de um povo destemido,
ousado e que tem voz.

Uns trabalham daqui,
outros trabalham de lá,
na saúde, na agricultura,
na educação e no lar,

Todos em um só propósito,
trabalham com dedicação,

desempenho, muita força
e amor no coração.
É uma terra abençoada
e gostosa de morar.
não só os que nasceram aqui
sabem,
mas também os que vieram pra
cá.

Aqueles que ainda não sabem

as belezas que aqui têm,
visitem o Riacho do Talhado
e as trilhas ecológicas também

Essa cidade linda,
há 58 emancipada,
É hoje conhecida
por Olho d'Água do Casado.



Alexandre Drummond



Alexandre Drummond, nascido Alexandre Henrique Nascimento dos Santos é um poeta e escritor Aracajuano, naturalizado em Japaratinga.



O VENTO EM PESSOA

Para onde foi o vento?
Levou tudo que sou,
Arrancou-me tudo,
E nada sobrou,
Levou minha alegria,
Meu pedaço de chão,
Extraíu minha vida,
Deixou solidão,
Para onde foi o vento?
Carregou meu amor,
Minha Mariazinha,
E nada restou,
Sugou tudo de mim,
Deixou-me sem rumo,
Destruíu a estrada,
Abraçou o meu mundo,
Para onde foi o vento?
Partiu para casa,
Deixando minha vida,
Jogada na estrada.



Alveriano Dias

Alveriano de Santana Dias é pernambucano natural de Recife. É médico Veterinário, formado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Especialista em Extensão Rural para o Desenvolvimento Sustentável, com enfoque em agroecologia. Tem residência fixa em Picuí-PB., cidade que o adotou com o título de cidadão Picuiense em 11 de dezembro de 1994. É membro efetivo da Academia Paraibana de Letras Maçônicas (APLM), ocupando a cadeira de nº 14. É escritor e poeta. Publicou: A Maçonaria Simbólica e a Filosofia; Igreja, Templários e Maçonaria; A Vida e a Morte; Fatos e Relatos na Maçonaria e por último, Filosofia Usos e Costumes, na Revista Maçônica O BUSCADOR. Editou o livro de poesias intitulado: ENCANTOS DA POESIA. Contatos; (83) 99930-3010; e-mail: alverianodias@hotmail.com

PERDOA

Perdoa pelos meus erros,
Por todos os meus exageros.
Perdoa pelas minhas faltas
Por não estar junto de ti
Quando precisavas de mim.

Perdoa o meu jeito de ser,
Por não te dar o meu amor
quando
Estavas carente ao meu lado.
Perdoa todos os meus
enganos,
Por não acreditar em você.

Perdoa pela minha tristeza,

Quando devia estar alegre.
Perdoa toda' as minhas
fraquezas,
Quando devia te proteger
Sem a nada me submeter.

Perdoa minha ação indevida,
Pela minha atitude atrevida,
Pela minha insana
insensatez,
Por amar menos do que
devia,
Por toda a minha estupidez.

Perdoa, Perdoa, Perdoa.



Amâncio



Luís Laércio Gerônimo Pereira é natural de Pão de Açúcar-AL, nascido em 05 de Janeiro de 1976. É escritor, historiador e acadêmico em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe; Em 2017 tomou posse na Academia de Letras de Pão de Açúcar-AL, ocupando a cadeira de número 23, tendo como Patrono, Francisco Henrique Moreno Brandão. Em 2020, no dia 01 de março, implantou o movimento literário e itinerante, Café poético e filosófico de Pão de Açúcar-AL, onde se tornou presidente de forma democrática. Atualmente é membro correspondente de várias academias de letras do Brasil, entre elas a Academia de Artes, letras e ciências – Alpas 21 de Cruz Alta – RS e academia de artes, ciências e letras do Brasil – Alcibras ,Volta Redonda - RJ



O TEMPO

Difícil de ser explicado, estranho de ser compreendido
Cada passo meu que é dado, já foi um tempo percorrido
Que a pouco estava ao meu lado, agora virou passado,
E o futuro é indefinido.

Essa temporalidade, trouxe-me aparentes mudanças
Outrora com pouca idade, corria como uma criança,
Então veio a maturidade, em seguida a senilidade,
Do futuro, tenho esperança.

Através do pensamento, do meu presente estado
Viajo na reminiscência, memorizo meu passado,
Em estado de latência, idealizo uma vivencia
Pra um futuro almejado.

Recorte de temporalidade, de tudo aquilo que é vivo,

Porém a mensuridade, de todos os seres vivos
Compete a divindade, e a sua complexidade
É incognoscível ao mundo sensível.

O tempo assim se apresenta, limitado e obscuro
Num estágio consciente, penso, percorro, procuro
Enquanto eu for “ser vivente”, vai está em minha mente,
Presente, passado e futuro.



Ana Lara

Ana Lara Vieira de Melo tem 10 anos, mora na comunidade Lagoa Da Cruz, município de Olho D' água do casado, filha de Rosilauo Januário de Melo e Claudineide Vieira de Aquino. O seu apelido é Aninha e estuda na escola municipal de Educação Básica Jerônimo Vieira Souza.

O MEIO AMBIENTE

O meio ambiente
É muito importante
Para a riqueza da natureza

É muito importante
Para a riqueza da natureza
Porque nada nem ninguém tem sua beleza

Precisamos cuidar do meio ambiente
Porque se não cuidarmos dele
Problemas vão chegar pra gente

O lixo destrói o mundo
Fazendo mal para o meio ambiente
Se o lixo dominar o mundo
O que vai ser da gente?

Por isso devemos cuidar
Da nossa riqueza
Não devemos descuidar
Da nossa natureza.



Bandeira



Antônio Marcos Bandeira- Professor de Língua portuguesa, Poeta, Escritor Cordelista, Pós Graduado em Gestão e Coordenação Escolar, Graduando em especialização em Docência do Ensino Superior. Bacharel Livre em Teologia, Membro da Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura, textos publicados em várias Antologias pelo Brasil em especial no nordeste brasileiro. Textos publicados no Jornal Vida Brasil em Houston Texas Estados Unidos e Revista Cultive-Genebra.



COR DA INSPIRAÇÃO

Vou falar sobre um assunto
Complexo e interessante
Processo neuro sinóticos
Imensamente importante
O seu nome? INSPIRAÇÃO
Inspirador, instigante.

Inspirar-se é viajar
De onde estar não sair
Pintar, falar, escrever
Compor, aprender, cingir
Bordar, cantar, dançar
A obra a se aplaudir

Inspiração é o nome
Crie, mostre, exponha
Grite, acorrente-se, livre-se
Na letra que o acompanha
No filme, livro ou peça

Ou o quadro que se sonha

Inspiração são sinergias
Psíquicos neurais
Pensamentos melindrosos
Ações intelectuais
Processos criativos
Movimentos cerebrais

Inspiração tem cheiro
Textura e até cor
Espessura e comprimento
Explico caro leitor
Inspiração tem diâmetro
Circunferência e sabor.

O cheiro da inspiração
É o do sentimento
Sua textura é:

O prazer do entendimento
Sua espessura é:
O que há no pensamento

A circunferência
Do que inspiração chamamos
E pois assim dizer
O sabor que almejamos
Na poesia e na música

Notas pois que alcançamos

Então o comprimento
E diâmetro da inspiração
E sua cor é o que há
De melhor no coração
A criação do poeta
É a sua inspiração



Bruno Pinheiro

Bruno Vinícius Santos Pinheiro é brasileiro, natural de Aracajú-SE, nasceu em 21 de setembro de 2008, mas reside na Comunidade Quilombola Lagoa de Campinhos em Amparo de São Francisco. É filho de Ana Carla Santos Roberto e Agripino Pinheiro de Lemos e tem três irmãos. Aos 11(onze) anos de idade, está cursando o 6º ano da Escola Municipal Ivany da Glória Freire, gosta muito de ler, mas sua paixão é escrever. Desde muito cedo Bruno demonstrou seu gosto e talento pela poesia. Sua mãe percebeu desde o início a facilidade ao escrever e se tornou sua maior incentivadora. Mas como poeta foi descoberto pelas coordenadoras do Município, através do Projeto Viajando na Leitura e já coleciona mais de 30 poesias de sua autoria e pretende lançar seu primeiro livro na 6ª Bienal do Livro de Itabaiana- SE no ano vindouro (2021).

O LIVRO

No mundo existem
Muitos tipos de histórias
Que são abordadas em livros
Cheios de esperanças e glórias

As histórias são variadas
Vão de romance a ação
Deixando o leitor
Com muita animação

Também tem as comédias
E os contos de fadas
A maioria dessas histórias
Acontecem nas estradas

Tem também as enciclopédias
Criadas por sérios autores
São livros importantíssimos
Que guardam muitos valores

Ah, e os livros de poesias
Junto com os de poemas
Com rimas ou sem rimas
Eles variam em seus temas

E os livros de Antologias
Criados por vários escritores
Neles eles expressam
Saberes e valores

E não esquecendo, os livros infantis
Que divertem a criançada
Quadrinhos e histórias
Juntos com contos de fadas

Então em um livro
Vamos para as aventuras
E nele conhecemos pessoas
Puras e impuras.



Ana Carla



Ana Carla Rodrigues de Oliveira é brasileira, natural e residente na cidade de Propriá-SE. Filha de Jacy Rodrigues da Silva Oliveira e José Basílio de Oliveira. Licenciada em Pedagogia, formada pela Faculdade de Formação de Professores de Penedo- Al e Pós-graduada em Pedagogia Empresarial pela Faculdade São Luís de Aracaju- SE. Trabalha no município de Amparo de São Francisco, como Orientadora Pedagógica há 16 anos e é responsável pela educação infantil do município. Recentemente em meio à pandemia, criou uma biblioteca comunitária juntamente com duas colegas e é idealizadora do projeto Viajando na leitura e Escritores Amparenses. Amante da poesia, em suas horas vagas costuma rabiscar versos e é apaixonada pela educação, seu maior sonho é ver seus alunos brilharem nas páginas literárias do Brasil e do mundo.



SAUDADES DE VOCÊ

Ela se aflorou
Durante a pandemia
Saudades do que vivemos
Dias e noites sombrias
Ainda sinto o teu cheiro
Arrancando minha alegria.

A saudade é grande
Tem sido minha agonia
Judiando meus dias
Minha triste companhia
Se eu pudesse te ter
Era você, eu escolheria.

Essa saudade doída
Insiste em permanecer
Respirando o teu amor
Levando-me a esmorecer
Vá embora da minha vida
Meu Deus venha me socorrer

Eita saudade cruel
Saudade que me faz chorar
Desejar noites quentes
Teu beijo eu almejar
Meu coração ainda é teu
Desculpa por ainda te amar.

Como vou me livrar
Desse sentimento que tanto dói
Só vai matando ela
Senão ela me destrói
Já estar na hora de ir
Saudade que me corrói.



Évila Paula

Évila Paula Monteiro Aquino, tem 10 anos, mora no povoado Lagoa da Cruz município de Olho D' Água Do Casado, é filha de Quitéria Monteiro e João Manoel Aquino, o seu apelido é Lala e ela estuda na Escola Municipal de Educação Básica Jerônimo Vieira Souza.



O MEIO AMBIENTE

Vamos cuidar do meio ambiente
Para que ele
Fique sempre contente

Com suas paisagens
Que formam
Uma bela imagem

Não jogar lixo no meio ambiente
Para que ele fique
Sempre lindo e contente

Cuide do meio ambiente
Para que
Ele fique sempre do lado da gente



Ceíça Viana

Maria da Conceição Silva Viana, natural de Neópolis-Se, brasileira, solteira, filha de Mirian Silva Viana e José Viana Filho, mãe dedicada e amorosa de Emmanoel Júnior e Laryssa Emmanoele e avó de Enzo Guilherme. Licenciada em Letras-português/inglês, Especialista em Didática do Ensino Superior, Direito Educacional, Mestra em Ciência da Educação – Interdisciplinaridade e Subjetividade e Doutoranda em Ciências da Educação. Membro efetivo e de Instalação da Academia Canindeense de Letras –ACLAS, cadeira 05 Desenvolve suas

atividades profissionais na Secretaria Municipal de Educação de Canindé de São Francisco, estado de Sergipe como Coordenadora do Departamento de Gestão Escolar – DAGE e na Secretaria Municipal de Educação de Olho D’ Água do Casado, estado de Alagoas, dirige o Departamento de Gestão e Políticas Educacionais – DGPE. Inspirada pelas letras, tem por paixão a escrita através de Prosas, poemas, artigos e os mais variados textos dedicados a experiência da vida humana, a natureza e a Deus.



A SUBLIME NATUREZA

É encantador observarmos o quão belo é a natureza
Possibilitando estimular a Nossa vida
Proveniente de tanta beleza

Ela passa a ternura
Que nos faz inspirar
Tantos momentos de ternura
Que se firma em um olhar.

O sol se apresenta como aconchego
A lua com a mais pura e irradiante luz

As estrelas com seu encanto prevalece
E as nuvens com sua beleza resplandecente traduz .

As plantas , em sua essência
Evidencia a harmonia
Das cores, dos cortes e faces
Que os tipos diferentes irradiam.

O que traduz tanta beleza
Quando focamos em amar
Amar o próximo como a si mesmo
É o mesmo que se apaixonar.

Na lida do dia a dia
A natureza nos acompanha
Nos dá tantos motivos
De Força e Fé tamanha..



Célia Mônica



Professora e Escritora Célia Mônica Alves da Silva, nascida na Cidade de Atalaia-AL, é mestre em Ciências da Educação, Licenciada em Língua Portuguesa, Ciências Biológicas e Artes. Pós-Graduada em Pedagogia do movimento, Português, Literatura e língua espanhola, atualmente exerce a função de coordenadora pedagógica na Escola Municipal Prof. Eliete de Melo Guimarães no município de Japoatã. Idealizadora do projeto Chá Literário, Uma das Organizadoras e idealizadoras do DPASCOAL Cultura e Artes de Japoatã-SE A professora está como-Presidente da Academia de Letras e Artes de Japoatã-AJLA, ocupando a cadeira de nº 4, e publica mensalmente poemas na revista online atração e já participou de algumas antologias



AMOS SEMEAR VAMOS SEMEAR

Vamos semear o amor
Cuidar uns dos outros
Como cuidamos de nós
mesmos
Sem desigualdade
Longe da maldade
Buscando a paz e a felicidade.

Vamos semear a compaixão
Ajudando uns aos outros
Estendendo as mãos
Dividindo o pão
Matando a fome
Dos pobres cristãos.

Vamos semear a união

Jogando fora a discórdia
Não deixando ter espaço
Jogando para bem longe
Sem retorno, sem chance de
voltar
Para a união continuar a reinar.

Vamos semear á vida
Levando paz e esperança
A todos que nessa Terra Santa
Teve a chance de nascer
Independente da aparência
O que importa é o coração
Vamos semear sem distinção.



Cenira Soy



Cenira Bezerra Cavalcante (Cenira Soy), nasceu em Maruim/Se, no dia 17/06/1962, filha da professora Joselita dos Santos, Licenciada em Pedagogia e Letras Português/Espanhol, Pós Graduada em Gestão de Pessoas, Coordenação Pedagógica e Alfabetização. Pedagoga, Palestrante, Professora de Inglês. Lançou seu primeiro livro VIVENDO EM VERSOS em 2019 pela editora Doce Design. Atualmente faz parte da Rede de Ensino do município de N.Sra. do Socorro/Sergipe e reside na cidade Barra dos

Coqueiros/Sergipe. Membro do Café Poético Sergipano e Sarau de Mulheres Sergipanas.



MADRUGADA INSANA

Que se passa comigo?
Cá estou a perguntar.

Perturba minha alma
E não vem saciar

Que se passa comigo?
Quem virá desvendar?

Saciar meus devaneios
E me toma por inteiro
Sem me deixar descansar.

Desvendar este mistério
Que está a me rondar.

Oh! Madrugada insana
Vê se te manca

Que se passa comigo?
Oh! Madrugada insana.

E vá pra longe sussurrar.

Tão silenciosa...
Que sós os pingos da chuva
Te faz perturbar



Claudia



Claudia dos Santos Rocha, sou formada em pedagogia e pós graduada em educação infantil, jovens e adultos. Sou amante da literatura e agora podendo expressar em palavras não só pensamentos, mas também sentimentos. Sou grata a Deus por tudo que tem me concedido, por ser mulher, por ser esposa, por ser mãe e por ter honrado meus pais e continuar a amá-los, que todos os dias sejam de Lembranças Eternas.



LEMBRANÇAS ETERNAS

Saudades de minha infância, lembranças das pessoas que conviveram ao meu lado durante meus dias de criança, recordações dos lugares que me fizeram felizes, de cada momento que vivenciei.

Saudades infinitas do meu Pai, que fez parte da minha vida:



IN MEMORIAN

Saudade da sua presença;
Saudades de suas palavras;
Saudade de seu sorriso;
Saudades dos seus abraços;

Lembranças que o tempo não poderá apagar do meu Pai, que sempre me amou.

Lembranças sem fim deste homem que foi filho desta terra.

Lembranças de seus atributos, tais como, hospitaleiro, companheiro, sábio e que gostava de viver a vida a cada momento;

Lembranças que não existe palavras o suficiente para descrever esse homem, que foi pai, foi marido, foi ombro para momentos bons e

ruins, foi meu amigo.
Lembranças imensas de Jacó Gomes Vieira.



Cláudio Araújo



O Poeta e Escritor Cláudio Dortas Araújo é natural da Cidade de Itabuna, do Estado Bahia. Reside na Cidade Berço da Cultura do Estado de Sergipe, ESTÂNCIA. Onde nasceu o 1º Jornal O Recopilador Sergipano. É Coautor de mais de 50 Antologias Nacionais e Internacionais, e autor dos Livros de Poesias: Horizontes de Liberdade e Fé(1999), Estrada de Infinito e de Paz(2001), Alumbramentos D'Alma(2010), Belvedere de Nostalgia e

Amores(2017) É Colaborador da Escrita Impressa do Estado de Sergipe e Além Fronteiras(1982/2020) É Sócio Fundador do Clube dos Poetas Estancianos, Fundado em 24 de Fevereiro de 1991. É Membro das Academias: ALB/Suíça/Sergipe, Cadeira n.º 02 e ANLPPB, Cadeira n.º 41.



NÃO TE AFLIJAS... AME!

Por que eu? "Por que não eu!"
Que chego humilde e solícito a entrada
Em tua vida, no teu coração!
Despojado de "valores"
Suplico que "Eu Te Amo".
Sentir que para ti,
Pode nada representar, mas para mim,
É o meu "respirar"...!
Vivo "até aqui", porque "tu" existe.
Pela luz dos teus olhos,
Contemplo meu futuro.
Não sei se só, ou farto da tua presença
Ao meu lado.
Se "quiseres", venha...! Não, não tenha medo!

Não queres "por mim" ser ao extremo amada!?
Sei "és Mulher de Fibra", se demoras, "insensatez",
Não fiques triste, vem, segura em minha mão,
Deixe eu te abraçar... agora, com força e carinho!
Não sei por quanto tempo, inda "estarei aqui".
Jogue-te em meus braços...
Saiba, para sempre, que
Eu só quero "te amar"!
Por que afligir-se!?... Eu Te Amo!



Cristina Medrade

Cristina Medrade dos Santos de Aragão, nascida em 26/08/1986 em Cuiabá – MT, residi no Povoado Ladeirashas “A”, município de Japoatã/SE. Membro da Academia Japoatanense de Letras e Artes, graduada em Biologia, Pós-graduada em Fundamentos Metodológicos da Ciência, História e Geografia, Mestra em Ciências da Educação, sempre amou toda a forma de vida e por esse motivo enxerga poesia em tudo que a rodeia.

ALMA NEGRA!

Alma negra, pele branca
Pele branca, alma negra
Mistura de cores e raças
De sonhos e de temores
Esse é o resumo da história
Dessa humanidade sem igual
Onde, embora ainda exista preconceito
O bem sempre vence o mal.
Não julgue o livro pela capa
Se não teve a coragem abri-lo
Não julgue a minha capacidade
Olhando apenas meu tipo
Sou muito mais que a cor da pele
Sou a essência daquela que luta
Por uma sociedade mais justa
E que busca ser respeitada e ouvida.
Não abra uma discussão
Sobre um tema que desconhece

Sou incógnita certa, dessas que intriga a mente
Pois mesmo me descrevendo erroneamente
Sou muito mais do que sente
Sou guerreira, sou valente
Não desisto de alcançar, minhas Metas, meus sonhos e de conquistar
o meu lugar.
Sobre as molinhas do meu cabelo minha identidade está,
Tenho Negritude até no molejo de quando estou a bailar
Minhas raízes, meus trejeitos isso nunca vou mudar.
Se não agrado, só lamento, pois não tenho a intenção
De ofuscá-lo com meu brilho e com minha opinião
Não revido o que dizes porque tenho educação
Aprendi que o respeito vem através das ações
E por isso te aconselho revise seus conceitos e suas indagações.
A cor da minha pele não revela quem sou
Meus cabelos cacheados ou crespos
Não diminuem o meu valor
A escravidão que nossos antepassados sofreram
A muito tempo acabou, pelo menos no papel
Quando a Lei Áurea a princesa Isabel assinou
O sangue que corre em minhas veias
Não são de uma outra cor, é vermelho
E não tem saída temos o sangue da mesma cor.



Cruz, O Poeta Do Aço

Antônio da Cruz, ativista cultural, é sergipano de Maruim, mora e trabalha em Aracaju; é cronista e poeta. Embora seja mais conhecido pela sua atuação na área das artes visuais. Através de premiações tem o reconhecimento público de instituições pela sua colaboração às artes e à cultura.

Em 1987 lançou coletivamente “Dimensões, livro que, além do conteúdo poético tinha um compromisso social. Em 2014, na parceria feita com o fotógrafo Nailson Moura lançou o livro “Crônicas do Ateliê”, contendo fotos das suas atividades nas artes visuais e 13 crônicas por ele escritas e ligadas à arte e à cultura. Tem participado de várias antologias com crônicas e poemas, organizadas pelas academias sergipanas. É colaborador de jornais e se articula nas redes sociais, principalmente face book, como exercício literário e reflexivo, através de textos opinativos. Chegou a ser colunista no Cinform On-line durante quatro anos; é colaborador de publicações, a exemplo de “Revista Aracaju” e “Cumbuca”; Cruz integra a Sociedade Semeiar, FAVS - Fórum de Artes Visuais e a ALA - Academia de Letras de Aracaju, em todos como um dos fundadores. Na ALA ele ocupa a cadeira nº 6, que tem como patrono o artista visual, poeta e escritor Jordão de Oliveira.



MARCOS TEMPORAIS

Sacar do indicador de tempo
três alcaguetes de ocasos.
Que deste gesto acintoso
se estanque a fluidez do cosmo,
congelem-se a emergência das horas
a urgência dos minutos e a voracidade dos segundos.
Faça-se perdurar o momento
exalte-se instantaneamente a perenidade.
Que o homem não seja escravo dos três tiranos
a apontar com sofreguidão
os números fatídicos que o aprisionam.
Neste momento as rugas estão proibidas,

as dores articulares inconcebíveis.
Todo vigor e sentidos aguçados.
Não havendo avanço nem recuo
assim, não se conjuga o pretérito nem o porvir.
Manhãs, tardes e noites
tornam-se amálgamas dos crepúsculos.
Todas as idades estáticas.
Consta em certidão universal
que criança, jovem, adulto e velho
não avançam para seus limites existenciais.
O imutável certifica o ser e o estar,
A roda do tempo fixa um ponto no topo do ciclo.
Ali, a maior grandeza de fatos se concentra
no pulsar da vida plena.
Delírio! Delírio! Delírio!
Tal exaspero diz da minha incapacidade
de estancar a finitude,
os giros do sol, da terra e da lua,
ditadores do fluxo, do devir, dos marcos temporais
na viagem cosmológica.
Extraio eu, então, os ponteiros do relógio.

Antônio da Cruz, o poeta do aço.
Aracaju, inverno pandêmico de 2020.



CT

Ana Cristina Duarte Queiroz Tracaioly da Silva, natural da cidade de Macapá-AP. Graduada e Licenciada em Letras/Português pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. Especialista em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER). Mestre em Educação pela Universidad de lá Integración de las Américas-UNIDA/PY. Servidora pública pertencente ao quadro Federal do Estado do Amapá, exerce suas atividades educacionais na Escola Estadual Irmã Santina Rioli, na cidade de Macapá, Estado do Amapá e membro da ALIAP (ASSOCIAÇÃO LITERÁRIA DO ESTADO DO AMAPÁ) desde 2019. E-mail: ctracaioly@gmail.com.



DIAMANTES DO CRIADOR

Vivemos em um mundo,
De grandes diversidades
Com muita complexidade!
É um mundo, interessante!...
E das criações,
A mais importante obra do
Criador
Ele fez o homem,
com carinho e muito amor!...

Devemos agradecer
A Deus a todo instante.
Somos todos diamantes,
Jóias sublimes e raras,
Obras-primas do Senhor,

que nos criou e abençoou
Com muito amor e esplendor!

Somos jóias raras,
Cada um com seu valor
Somos todas lapidadas
Com seu sublime amor.

E, não sabemos dar valor
Às obras do nosso Senhor!...

Somos preciosos contrastes
Deus criou sua arte
Com negros, brancos e índios
Cada um com seu destino.

Somos todos brilhantes
Somos todos fascinantes
E de Deus somos semelhantes

Devemos respeitar,
O brilho peculiar,
Saber amar e apreciar,
E em nosso Deus acreditar!

Devemos suplicar...

Que Deus renove nossa fé
Nos revista de forças
E nós coloque de pé!

Vamos ter sempre mansidão
Clamar por seu PERDÃO
E ter sempre GRATIDÃO!
Por tudo que
Ele nos der...
Sem nunca perder a FÉ.



Daniela Soares Menezes

Sou Daniela Soares Menezes, natural de Santos - São Paulo, filha de Benedito Soares Menezes e Sofia Soares Menezes, solteira, reside desde a infância em Santana do Ipanema-AL. Atualmente reside em Águas Belas-PE. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Pós-graduada em Direitos Humanos e Diversidade pela Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL, Pós Graduada em Direitos Humanos e Diversidade pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL (EDHDI). Pós-graduada em Direitos Humanos e Diversidade pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL. Pós-graduada em Gestão e Coordenação Pedagógica (NEAD-UPE). Atualmente sou Professora da Educação Básica da rede pública de Águas Belas-PE. Participante da I Encontro de Escritores Aguasbelenses e Convidados (2019). Aprecio a literatura e gosto muito de escrever pensamentos e sentimentos reflexivos sobre a vida através de poemas e poesias, quando criança dizia que desejava ser escritora de livros..



APRENDENDO A LIÇÃO COM A PANDEMIA EM QUESTÃO

Não foi a pandemia
quem cortou a sua liberdade
Pois não é sair de casa
A finalidade

Foram a indiferença e o egoísmo
Presentes na humanidade
Que, por tantos excessos e uso da libertinagem,
Impediam de ver e ouvir essa triste realidade

O mal uso do tempo
A vaidade e a ganância levaram o homem a se questionar
Será que sou feliz de verdade?

Se tenho tudo, mas algo me falta
Onde a vida é ameaçada
E a morte desencadeada
O que me resta a fazer?
Senão temer a uma crise inesperada

A crise das da saúde, das finanças e do amor estourou.
As pessoas perderam o sentido e surgiu, assim, um grande prejuízo
A troca do que é essencial pelo que é secundário
O ter em detrimento do ser
Sem imaginar o que no futuro poderia acontecer

Não precisa ser religioso para a história compreender
O homem perdeu o foco da sua essência
Se preocupou apenas com a aparência
Buscando o vazio preencher

O nosso Criador está dando uma nova chance à humanidade
Para que tenha vida com mais qualidade
Mesmo que à custa de muito sofrimento
Sem deixar faltar o seu alento

É preciso seguir o exemplo
Enquanto há tempo
Exercer a caridade
E amar a todos, sem distinção, neste tempo. Eis a grande necessidade.

Uma lição você possa tirar
Que não somos donos da verdade
Afinal, ela está nas mãos do autor da humanidade

Pois só Ele sabe o que é melhor para nós de verdade

Nada poderá nos separar do amor
daquele que Sua vida na cruz por nós doou
Nem a dor, tempestades, depressão ou até a morte irá conseguir
Pois para onde Ele foi, um dia poderemos ir.

Se você está sofrendo
Escute o que vou te falar
Nunca deixe de confiar Nele
Pois, no tempo certo, o melhor Ele fará.

É preciso confiar e esperar
Pois só o Seu amor te saciará e te curará
E todo o medo cessará e o tempo da vitória chegará

Afinal, Jesus também sofreu
E nenhum mal cometeu
Para nos amar e salvar
E, mesmo sofrendo, precisamos acreditar
Que de todo o mal
Um bem irá tirar
Só nos resta confiar

Neste tempo de pandemia
Escreva sua nova história com maestria
Saiba que ao seu lado tem Aquele que tudo pode
Mudar um dia

Se estamos em guerra, a batalha devemos vencer
Pois, se Deus é por nós,
Nada e ninguém devemos temer

Cuida da sua vida e dos seus
Pois tudo é presente que o bom Pai nos concedeu

Mas não se esqueça de agradecer por tudo
O que aqui neste mundo você recebeu

Sem deixar de olhar para o Alto
Pois é de lá que a força vem para todo o mal vencer
E o bem estabelecer
E, no final da vida, como prêmio,
A eternidade feliz você possa receber

Não precisa ser religioso para a história compreender
O homem perdeu o foco da sua essência
Se preocupou apenas com a aparência
Buscando o vazio preencher

O nosso Criador está dando uma nova chance à humanidade
Para que tenha vida com mais qualidade
Mesmo que à custa de muito sofrimento
Sem deixar faltar o seu alento



Diógenes Pereira



É Alagoano, natural e residente de Santana do Ipanema, Psicólogo Clínico, Especialista em Avaliação Psicológica, Servidor Público, Poeta, Cordelista, Toadeiro, membro da AALC – Academia Alagoana de Literatura de Cordel, ocupando a 23ª cadeira. Amante das riquezas da Cultura Nordestina. Sua Inspiração poética vem da união da Poesia com a Psicologia que é sua base de estudos comportamentais. Começou participar de Antologias em 2017, por influencias de suas conterrâneas Lícia Maciel e Kέλvia Vital. Sendo participante das quatro edições da Antologia Santanense. Atualmente incentiva e contribui com preservação do CORDEL como Patrimônio Cultural Brasileiro.



O PSICÓLOGO E O POETA MORTO

Vou descrever um pouquinho
Da profissão do Psicólogo,
Prepare-se eu digo logo
Leia com muito carinho,
Perceba todo o caminho
De tratar um paciente,
Que sofre muito doente
Com a tal da depressão.
Eu amo essa missão
De gerenciar a mente.

Ouvi um grande poeta
Dizer: Não escrevo mais,
Tenho problemas demais
Desisto da minha meta.
Minha mente inquieta

É refém do sofrimento,
Até o meu pensamento
Já não encontra saída,
Vou encerrar minha vida,
Acabar esse tormento.

Respondi: poeta amigo
Eu sei o que está sentindo,
Por isso estou pedindo
Que aceite o meu abrigo.
Quando estiver em perigo
Com a cabeça perdida,
Entenda que essa ferida
Sozinho você não muda.
Aceite a minha ajuda
Para refazer sua vida?

O poeta respondeu:
Não sei se tenho futuro,
A mente está no escuro,
Não sei como aconteceu,
Tão sonhador era eu
Tinha proposta e projeto.
Estou como um objeto
Vagando sem direção,
Até o meu coração
Desaprendeu ter afeto.

Eu respondi: vou fazer
Um trabalho social,
Doze vezes no total
Pretendo te atender,
Não posso deixar morrer
Um poeta do sertão,
Que tem grande coração,
Mas quer tirar sua vida,
Tem na mente uma ferida
Chamada de depressão.

O poeta ficou branco
Disse-me meio sem graça:
Melhor amigo na praça
Do que dinheiro no banco.
Sou sincero e muito franco,
Psicólogo me ampare,
Mas peço que se prepare,
A minha dor é pesada,
Estou numa enrascada
E se não aguentar pare.

Respondi: sim. estou pronto

Pra superar a barreira,
Saiba não é a primeira
Vida que cuido e remonto.
Vou te mostrar cada ponto
Que você deve ajustar,
Lado a lado caminhar,
Com minha intervenção,
A maldita depressão
De você não vai ganhar.

A sessão acontecia
Sempre uma vez por semana,
A evolução bacana
O poeta conseguiu,
Pouco a pouco construiu
Criou sua melhor versão,
Contornou a depressão,
Evoluiu, renasceu,
E com isso ele aprendeu
Gerenciar a emoção.

Bem na última sessão
O poeta confessou,
Que nunca imaginou
Controlar a depressão,
Segue cada instrução,
E toma o medicamento,
Reduziu o sofrimento,
Batalhou pra estar vivo,
Por esse nobre motivo,
Fizesse depoimento



Dora

Maria Auxiliadora de Santana Silva é brasileira, natural de Capela- SE, casada, mãe de Simone de Santana Silva, Gustavo Moura da Silva Neto e José Alberto de Santana Júnior. Avó de Emilly Sophia Oliveira Moura. Licenciada em Pedagogia Faculdade Pio Décimo e História EAD, PUC-RIO. Pós-graduada em Planejamento Educacional. Professora aposentada da Rede Estadual de Ensino de Sergipe, durante os anos que esteve na ativa lecionou da Educação Infantil ao Ensino Médio e nas modalidades de ensino: EJA e Educação Especial. Exerce no município a função de Especialista, concursada na Rede Municipal de Ensino de Capela- SE, desde o ano de 2003 até a presente data. É Coordenadora de Bases Municipais do SINTESE desde o ano de 2016. Amante dos textos poéticos, mas sem publicação literária. Reside no município de Capela desde o seu nascimento.

CAPELA, “SENHORA DOS ENGENHOS”

Aqui no Leste Sergipano

Capela fica situada

Nas terras do Cotinguiba

Surgiu através de seus engenhos

Lá no Período Colonial, na Província de Sergipe Del Rey Capela, a “Senhora dos Engenhos”

Afamada entre o Período Colonial e Imperial.

Nessa época, a mão de obra escrava aqui chegou, o plantio da cana de açúcar em solo de massapé aflorou nos latifúndios dos senhores de engenho.

É impossível esquecer o açoite, o tronco, gritos e tortura

Castigos esses que os irmãos negros sufocaram pela dor.

Já a figura da Sinhá era marca da beleza feminina em Capela
Mas foi através do suor e do sangue do negro que
A “Senhora dos Engenhos” progrediu e enriqueceu
Em sua obra *Vida Patriarcal*, o saudoso Orlando Dantas
Catalogou com muito esmero cerca de cento e dez pequenos
engenhos.
E, assim, a “Senhora dos Engenhos” do Período Imperial. Vivenciou o
seu grande apogeu açucareiro.

Ah! Capela, “senhora” dos famosos engenhos:
Engenho Pedras, Engenho Junco Velho e Junco Novo,
Engenho Flor do Rio e também de Boa Vista
Até hoje são lembrados, seja por suas histórias
Ou por sobreviverem à Evolução Industrial.

Mas aqui faço destaque aos engenhos das bandas da Igrejinha
Lá do Período Provincial de Sergipe Del Rey
O Engenho Palmeira e o Recurso são conhecidos Brasil afora,
Pois estão imortalizados na obra de Orlando Dantas
E, numa Era Patriarcal, foram cenários da história do jornalista citado.

Não há como esquecer o Engenho Rezende e o Engenho Formigueiro
Esses são engenhos bem conhecidos do povo capelense
Além do Engenho Proveito, que foi destaque triunfal
Isso foi lá no final do Período Imperial
Em Sergipe Del Rey, esse foi pioneiro na produção do açúcar cristal.

Ah! Nestas terras de Capela, “Senhora dos Engenhos”,
Identidade cultural e pertencimento quilombola ao povo afro não
faltou, e dois dos seus engenhos com a garra dos afros, que nas suas
terras vivem, labutam com fervor.

Ah! Capela, “Senhora dos Engenhos”,
Dos seus engenhos os destaques são o Coqueiral e Saco da Areia,
atual Pirangi, terras de afros que, com garras e destemor,
ressignificaram a sua história nas terras da Senhora dos Engenhos.

E da Fundação Palmares o título de Comunidades Quilombolas receberam com fervor.

Foi o jeito gratificante de compensar os direitos dos seus ancestrais, de modo violento usurpados.

Ah! Minha Capela, “Senhora dos Engenhos” do Período Imperial, Viveu e sobreviveu ao apogeu açucareiro de Sergipe Del Rey, que o Brasil esqueceu. Capela, “Senhora dos Engenhos”.

Aqui no Leste Sergipano, Capela fica situada nas terras do Cotinguiba. Surgiu através de seus engenhos Lá no Período Colonial, na Província de Sergipe Del Rey Capela, a “Senhora dos Engenhos”, Afamada entre o Período Colonial e Imperial.

Nessa época, a mão de obra escrava aqui chegou
O plantio da cana de açúcar em solo de massapé aflorou
Nos latifúndios dos senhores de engenho
É impossível esquecer o açoite, o tronco, gritos e tortura
Castigos esses que os irmãos negros sufocaram pela dor.

Ah! Capela, “Senhora dos Engenhos”,
Tu foste aos afros muito ingrata,
Tua dívida é imensa, de valor imensurável,
Quantos choros e sofrimentos da nossa gente tu escondestes nos teus engenhos e senzalas!



Edvaldo Felix

Sou sergipano da cidade de Itabaiana, formado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal de Sergipe. Sou apaixonado por Literatura e desde os meus 15 anos, escrevo poesias. Para mim, é um prazer participar dessa Antologia.

CONSTRUINDO A POESIA

Para construir a poesia
Pega-se caneta e papel
(Prefiro à moda antiga),
Coloca-se ponto, vírgula, reticência
A interrogação e a exclamação,
Por vezes, não deve faltar.
Necessariamente não se precisa rimar.
Com carinho, nesta folha de papel
Colocamos, agora, algumas palavras soltas
Umhas simples, outras rebuscadas.
Se quiser, elas podem até ser rimadas.
Mistura tudo bem devagar,
Usa-se um pouco do pensar
Para a poesia lapidar.
Depois, lentamente, vai montando, construindo
Sua estrutura, sua forma, numa cadência
Ao mesmo tempo, despreocupada, mas ciente,
Tudo trabalhado em plena consciência
Pelo poeta, este eterno operário
Do fazer poético... da poesia...
E, às vezes, até com uma certa sabedoria

Por ele adquirida no dia a dia.
Ah, o poeta! Este eterno operário das letras...
Antes um eterno visionário...
Visionário ao construir a poesia.



Emily Victoria

Emily Victoria Barbosa de Melo, tem 12 anos e mora na comunidade Lagoa da Cruz, município de Olho d' Água do Casado, é filha de José Walison Pereira de Melo e Flausiana Barbosa dos Santos, seu apelido é Victoria e ela estuda na escola Municipal de Educação Básica Jerônimo Vieira Souza.

QUERO UM MEIO AMBIENTE

Quero um meio ambiente sem desmatamento,
sem queimadas, sem lixo e sem poluição.
Um ambiente com muito amor no coração.

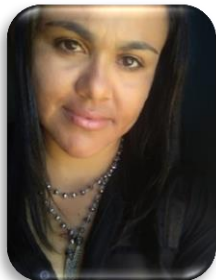
Que os animais na natureza possam viver em liberdade, sem
perseguição, e os peixes vivam contente nos rios sem poluição.

Como é bela a natureza que foi criada por Deus.
Quero um ambiente bem mais limpo e atraente,
para poder respirar um ar puro e ser bem contente.

É assim que desejo ter um país com mais respeito,
para cuidar da nossa gente.
Vamos cooperar nessa tarefa urgente para preservar o nosso meio
ambiente



Fabiana Félix Cordeiro



Fabiana Félix Cordeiro, natural de Bom Conselho – PE, nascida em 15/02/1989, é filha de José Roberto Cordeiro Alves e Maria José Félix Cordeiro. Está cursando o ensino superior: 6º período de Licenciatura em Letras/Português pelo Instituto Federal de Alagoas – IFAL, Polo Palmeira dos Índios. Sempre foi apaixonada por leitura, porém há pouco menos de um ano que se descobriu fazendo cordel. O primeiro que fez foi em maio de 2019, denominado de: “Retrôcesso à Vista”, pois estava em momento crítico no âmbito educacional, com muitos cortes de verbas nas

Universidades. Foi algo espontâneo, de repente se viu pensando em algo que daria um belo cordel e recorreu ao papel. Fabiana tem amado essa liberdade que o gênero dá para que ela possa se expressar, sem contar que pode elaborar cordel com vários temas do cotidiano. Busca, junto a sua poesia, resgatar essa cultura característica do Nordeste, região onde reside e ama.



O PODER DA PALAVRA

1

Nos magoa demais
Uma palavra mal proferida
Ainda que peçam desculpas
Ela jamais será esquecida
Muitas deixam sequelas
Que levamos pra toda vida

2

As palavras têm poder
De levantar a autoestima
Quando estamos tristes
Uma palavra nos anima

Nos faz ter esperança
E damos a volta por cima.

3

Na hora da raiva
Escolha não revidar
É preferível o silêncio
Até você se acalmar
Pois num momento tenso
A tendência é magoar.

4

Usada para o bem
A palavra é um remédio
Uma conversa agradável
Tira a gente do tédio
Respeite o que é sagrado
E não cometa sacrilégio.

5
Ouça com muita atenção
Quem com você quer falar
Valorize quem te procura
Para poder desabafar
Quem faz isso acredita
Que em você pode confiar.

6
Seja sempre acolhedor
Fale com ponderação
Uma palavra nos destrói
Também faz transformação

Quando usada para o bem
Nos traz paz ao coração.

7
Palavras salvam vidas
Mas pode tirá-las também
Não faça pouco caso
Da tristeza de ninguém
Meça suas palavras
Fazer o mal não convém

8
Perdoar não é fácil
Pior ainda é esquecer
Às vezes magoamos
Sem ao menos perceber
Pense em cada palavra
Para depois poder dizer

9
Fale menos, ouça mais
Aja com muitas sabedoria
Valorize às amizades
Com o outro tenha empatia
Ouvir palavras positivas
Nos causa muita alegria.



Gileide Barbosa



Gileide Barbosa de Souza Santos, natural de São Miguel do Aleixo-SE, mas considera-se também da cidade de Feira Nova-SE, é residente em Aracaju-SE. Seus pais: Pedro Barbosa de Souza e Josefina Francisca de Souza. Casada com Sildeno Dantas dos Santos. Mãe de três filhos, avó de duas netas. Apaixonada pelas artes e cultura em geral. Jornalista, publicitária, interior designer, especialização em marketing e em didática do ensino superior. Teve sua ascensão profissional consolidada, ao compor o quadro de dirigentes do Instituto Banese, onde aposentou-se, como gestora do Museu da Gente Sergipana. Tem participado de diversas antologias, dedicando-se também aos trabalhos artísticos da empresa virtual @donafinaarts. É membro efetivo fundador, da Academia Gloriense de Letras (AGL), Cadeira nº 01, patroneada por Alcino Alves da Costa, ilustre poeta sergipano. Contato: gileide@globo.com



ADOLESCÊNCIA

Uma das fases mais lindas
Onde o medo gela e alucina
A infância arrebatada pelo tempo
Brota em flor e já não é mais menina

Sentimentos conflitam os pensamentos
Dúvidas, emoções, impulsionam a ansiedade
A efervescência hormonal dilacera à inocência
O corpo se transforma para viver a nova idade

Se vive nela uma confusão mental
Entre ser flor e botão, adulto ou criança

Nem tudo é alegria, mas tudo é novidade
É estação da timidez, contraponto da autoconfiança

Em meio à descontrolada inquietação
A menina-moça segue seu rumo, sem tropeços
Impelida pela luz que emerge do coração
Inicia esplêndida o seu recomeço

É vida nova!
É latência!
É encanto!
É adolescência!

Gileide Barbosa

(Dedicado à neta, Ana Cláudia.



Gorete Lira



Maria Gorete de Macedo Lira é Paraibana da Cidade de Picuí, onde reside atualmente. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande, possui especialização em Educação de Jovens e Adultos com ênfase em Economia Solidária no Semiárido Paraibano. Professora da Rede Municipal de Ensino, atualmente exerce a função de Coordenadora Pedagógica em sua cidade natal. Amante das letras, se arrisca no mundo da poesia, tendo já publicado alguns poemas e 13 folhetos de cordel.

Contatos: (83) 999696647 e-mail: goreteeducacao2@gmail.com



DESILUSÃO

Duas vidas tornam-se uma e não de multiplicar-se
Duas histórias distintas pra uma história contar
Duas almas se completam para outras almas criar
Dois mundos que irão fundir-se e em novo mundo formar-se.

Dois corações batem juntos, sonham juntos, sentem juntos.
Mesmas crenças, mesmos gostos, mesmo tudo, tudo igual.
E esse mesmo, já mesmice, já causando um estar mal
Dar sinais de que essas vidas já não têm mesmos assuntos.

Do compasso ao descompasso, passos largos sucedidos
Desconstroem o ritmado, confundindo corações
Realidade que se apressa em dissipar ilusões
Gosto amargo, pesadelos, belos sonhos destruídos.

Alma gélida, ressentida, mau presságio, falta amor.
Que fazer com esse mundo construído na ilusão?

Destruí-lo? Não é justo! Outras vidas pagarão
Por atos inconsequentes da vinha que não brotou.

Duas vidas, agora duas, mesmo perto, tão distantes
Seguem a vida sem o sentido de tudo que houve antes
Amargando os dissabores da fé que o viver matou.



Helô Santos



A jovem Escritora Heloysa Alessandra Alves dos Santos, tem 12 anos, cursa o 8º ano no Colégio espírito Santo, é membro da Academia de Letras Estudantil de Japoatã_ALE, ocupando a cadeira de nº 8. A jovem além de escrever e tocar flauta, declamar poesias e publicar na Revista Atração, já participou de outras antologias como também é conhecida entre os 100 Melhores poetas Lusófonos contemporâneos de 2019 pela Literatte –Rio de Janeiro.



A CASA DA VOVÓ

O melhor lugar é a casa da Vovó
Comida boa se encontra lá
E histórias gostosas de escutar.
Já comeu o feijão da vovó?
A melhor coisa de se provar
Ali tem mão boa
Tanto para cozinhar,
quanto de seus netos cuidar.

De vez em quando
Uma palmada ameaça dar
Quando se junta os netos
Querendo brigar
Depois ela chega
Com um bolo de fubá
Para a criançada lanchar.

Correr de pega-pega
Debaixo das mangueiras
Depois se esconder
Dentro das roseiras
E um belo balanço
Passo a tarde inteira.

A noite lá vem um cuscuz
Com carne e macaxeira
Comida para a família inteira
Depois vamos contar histórias
Olhando as estrelas.

Na madrugada
O galo a cantar
Avisando que o dia já vai começar
E o cheiro do café da vovó
Logo cedo no nosso nariz estar
Dizendo levanta povo
Para o desjejum degustar.

Lá vem nossa guerreira
Agradeça a ela
Por cuidar de seus machucados
Que quando criança
Você corria para lá e para cá
Sem medo de um ferimento causar.

Cuide dela como ela cuidou de você
Alimente-a como ela o alimentou
Abraça-a como ela o abraçou
Dê beijos, carinho, e amor.



Hortência Braz Chalegre



Hortência Braz Chalegre, nasceu em Pernambuco, em 04/02/1984, é educadora e pesquisadora na área da educação, possui graduação em Matemática pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde-AESA (2009), especialização em Ensino da Matemática pela Universidade de Pernambuco-UPE (2011), e mestrado em Ciências da Educação pela Absolute Christian University (2019).

A mesma possui participação na I antologia de Escritores Aguasbelenses, um artigo científico publicado na coleção "Conexão Educacional: Dimensões, olhares e saberes" volume

IV (2018) e outro na coleção "Pensamentos e Palavras: Tecnologias e mediação pedagógica" volume 6 (2019), pela editora Phillos.



ISOLAMENTO

Nem sempre os dias são bons
Às vezes, vem o tormento,
Vem, também, a incerteza
Em dias de isolamento.
Quando esse mal passar,
Será que vamos olhar
A vida com mais alento?

Não se sabe bem ao certo
O que vai acontecer.
Tem males que trazem o bem,
Isso posso lhe dizer!
O mal que afasta aproxima,
De tal modo que a família
Volta agora a conviver.

É triste viver assim
Longe de quem queremos abraçar
Porém mais triste ainda
É a conclusão chegar:

Éramos estranhos em nossa casa
Por assim nos comportar!

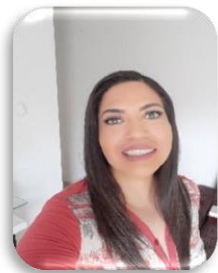
Tão grande era agonia
De muitos em tal momento,
Que mesmo fora de casa
Viviam grande tormento;
Não podiam nem parar
Para poder relaxar
Com seus amores em seu lar;
Isso sim era um tormento!

Precisou que o mal terrível
A todos viesse afetar,
Trazendo a ameaça
De muitas vidas ceifar
Para o mundo ter a chance
De poder analisar
Compreendendo que o importante
É o que não se pode comprar!

Famílias podem agora
Todos juntos conviver,
Desfrutando de momentos
Que não se podiam mais ver
Todos juntos em conversas,
Brincadeiras e risadas
É o lado bom de viver!



Iara Gomes



Iara da Silva Gomes. 36 anos. Alagoana. Brasileira. DelmireNSE de nascimento, ourobranquense por amor. Orgulho de ser sertaneja. Graduada em Pedagogia e Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Atua na docência desde 2008, e atualmente é professora da rede municipal de ensino na terra de Graciliano Ramos, Palmeira dos Índios, onde reside há oito anos, e em Igaci, cidades interioranas de Alagoas. É amante da poesia e apaixonada por cordel.



SERTANEJAR


As paisagens do sertão
São de extrema beleza
E de tamanha grandeza
Aos olhos, traz emoção
Oh, meu Deus, que perfeição!
Enxergar as suas cores
Exalar as suas flores
Aqui é o melhor lugar
Que não tem como negar
Sertão de tantos amores.

Quando a chuva aparece
Molhando o nosso chão
É grande a gratidão
O trabalhador merece
Seu coração agradece

Que com fé, nos ilumina

Essa bênção tão divina
Para as nossas plantações
Vida para as criações
O Sertão não desanima.


Nosso solo não é triste
Ele é uma fortaleza
Disso, nós temos certeza
Que alegria aqui existe
Gente forte que resiste
Terra de trabalhador
De dignidade e valor
Sempre temos consciência
Essa é a nossa essência
Povo bom e acolhedor



Ildebrando Gutemberg



Natural de Garanhuns, mas filho de Águas Belas. Licenciado em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE, professor da rede municipal de ensino de Águas Belas – PE, e atualmente assessor parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco – ALEPE. Filho de Ildebrando José dos Santos e de Maria Adeilda dos Santos, tem 31 anos. Criador do portal de notícias IGS Web, entusiasta da cultura, aficionado pelas paisagens do Agreste e Sertão, que costuma registrar com fotos e vídeos.



POEMA DO FIM

Olho abismado
Para o horizonte a minha frente
Onde a névoa da loucura
Embaça tudo que vejo;

Parece-me que o amor pela vida
Perdeu espaço pela paixão por morte
Apesar das loucuras de tempos de outrora
A banalização do mal segue firme
Concreta, evidente;

Na insanidade que impera
Ao invés de caçarmos os agressores culpados
Crucificamos vítimas inocentes
O mundo virou...

Assistimos a uma ópera de tragédia:
Triste, melancólica
Mas infelizmente, real

Que traça um fim incerto para tudo

Assistimos incrédulos

Apoio à violência

Negação da paz

Ódio a fraternidade

Esse é o mundo atual

Esse é o nosso mundo

Aqui, agora

Esse é o mundo que você está construindo

Com tragédias tão próximas

Mas invisíveis a nossa dor

Nesse poema do fim.



Ilian

Ilian Araújo da Silva, Estudante, cursando 6º ano do Ensino Fundamental II na Escola Municipal de Educação Básica Dom Pedro II, nascido em 18 de julho de 2008, filho de Iremá Manoel Bezerra da Silva e Maria Elisângela de Araújo.



NOVA ESPERANÇA

Esse lugar onde eu vivo é muito bom de morar
Tem tantas coisas legais até rio pra se banhar
Também tem o Por do Sol Uma beleza de lugar
Chamado Nova Esperança, venham conhecer esse lugar!

Todo final de semana gostava de passear,
Pegava o meu cavalo e depois ia cavalgar
Também ia para quadra onde gostava de brincar,
Mas de repente tudo para e o Mundo parou,
Por causa desse tal vírus que no mundo inteiro chegou.

Com ele, muita tristeza, morte, sofrimento e dor...
Saudades da minha escola e de cada professor,
Saudades dos meus colegas e diretora com muito amor.

Mas nesse grande momento precisamos nos unir
Se todos lutarmos juntos, iremos conseguir...
Esse vírus vai embora e nós voltaremos a sorrir.



Islâine

Maria Islâine Araújo da Silva, Estudante, cursando 3º ano do Ensino Médio na Escola Estadual João Francisco Soares, nascida em 20 de março de 2003, filha de Iremá Manoel Bezerra da Silva e Maria Elisângela de Araújo.



ONDE EU VIVO

O lugar onde eu vivo
tem muita diversidade
tem casa de todo tipo
nessa querida cidade

temos áreas reservadas
que tem vários animais
temos desenhos rupestres
beleza que não acaba mais

o lugar onde eu vivo
e muito bom de morar tem

tantas coisas legais
até rio para se lembrar
também tem o pôr do sol
uma beleza de lugar

tem o show da natureza
vem gente de todo o lugar
caraiibeiras, são paulo,
pernambuco e paraná
pessoas de todo tipo
você encontra por lá



Jardel Britto Ferreira



É Professor de Língua Portuguesa, poeta, escritor e organizador do Histórico do Município de Olho d'Água do Casado de autoria de sua saudosa mãe Profª Neusa Britto Petrauskas. Nasceu em 09 de setembro de 1978 em Paulo Afonso-BA, filho de José Ferreira Cunha e Neusa Britto Petrauskas, residindo, atualmente, na cidade alagoana de Olho d'Água do Casado-AL, onde já assumiu, em duas gestões (2008 e 2017), o cargo de Secretário Municipal de Educação. Atualmente, está como

Coordenador Técnico da EJA na Secretaria Municipal de Educação-SEMED de Olho d'Água do Casado-AL e Coordenador Pedagógico da EJA na Escola Municipal Antenor Serpa.



Ó NÓS DOIS

Amo-te assim:
dentro de mim,
numa loucura de amor,
num prazer sem fim.
Eu e você, juntos,
construindo um mundo de
emoções,
de paixões e sensações,
de desejos, carícias e afagos.
Amo-te assim:
somos dois em um,
nas doces horas de amar
que fazemos tão bem,
que nos faz um bem...
Doces lembranças de doces
dias,
horas doces do meu bem.
Amo-te assim:
estás em mim,
louco, delirante,

felizmente, incessante.
Estou em ti, estás em mim...
Sempre assim...
Amo-te assim:
totalmente abraçado,
acordado,
apaixonadamente amado.
Vejo-te assim:
dentro de mim...
Numa eterna loucura de amor,
de prazer e gemidos sem fim...
Amo-te assim:
você em mim,
só nós dois, dois em um,
prazer assim, até o fim!.



João Lemos

É Artesão, restaurador, brincante do Guerreiro São Pedro Alagoano, escritor, compositor e jornalista. Filho de Mozart Viana da Silva e Dorcas Lemos Viana. Médio no Colégio Isaac Newton (2013). Graduação em Comunicação Social – Jornalismo, CESMAC (2019). Jornal O Dia Alagoas: Repórter Editor do caderno de cultura, desde 2019, Jornal Cultural Gente da Gente: Editor Chefe, desde 2019, Jornal A Voz da Cultura: Editor Geral, desde 2020

- noticiário da Academia Alagoana de Cultura, onde ocupa a cadeira nº 31, cujo patrono é Pedro Teixeira de Vasconcelos.



SEGURA O COCO!

**OI, OI! SEGURA O COCO!
OIIIII SEGURA O COCO!**

1 - Esse coco é muito lindo,
E me faz requebrar.
Esse coco é genuíno,
Da Cultura Popular!

**OI, OI! SEGURA O COCO!
OIIIII SEGURA O COCO!**

2 - Esse Coco é arrochado,
Veio de uma terra boa.
Esse coco bem sambado,
Só pode ser de Alagoas.

**OI, OI! SEGURA O COCO!
OIIIII SEGURA O COCO!**

3 - No quilombo eu nasci,
Nas noites de lua cheia.
Na batida do tambor,
Canjerê se alumieia!

**OI, OI! SEGURA O COCO!
OIIIII SEGURA O COCO!**

4 - Vai toda população,
Pro terreiro dançar.
Pra manter a tradição,
Do coco do meu lugar.



Jania Souza

Jania Souza é poeta, escritora e artista visual brasileira nascida em Natal, RN. Escreve para crianças e adultos. Participação em entidades literárias e culturais nacionais e internacionais. Tem quatorze obras solas públicas, além de publicar em coletâneas, revistas, internet blog <https://www.janiasouzasparncultural.blogspot.com> janiasouza@uol.com.br <http://www.youtube.com/user/JaniaSouza/videos>.

MÃE

Essa mulher que tanto ama
Faz das lágrimas, esperança
Consegue força no desespero
Esquece rápido a dor de parir.

Mesmo desenganada tem fé
Alegra-se com o retorno da cria
Agradece a Deus ao ver seu filho
Sem jamais desistir desse fruto.

Essa mulher incansável e pronta
Para enfrentar qualquer situação
Abraça as dificuldades dos dias
Entrega seu enorme coração
É bênção de Deus para o mundo.

Mãe é o nome dessa santa mulher!
Seu amor é tão grande, que vela
Os filhos sem qualquer restrição
Cumpre com fidelidade sua missão
Sem reclamar do carma da Cruz
Que lhe foi atribuída pela salvação.



Júlia Gonçalves

A jovem Escritora Júlia Santos Gonçalves, tem 14 anos, estuda no Colégio Estadual Josino Menezes, é membro da Academia de Letras Estudantil de Japoatã-ALEJ, ocupando a cadeira de nº 12.



EU TENHO MEDO

Eu tenho medo,
Confesso...
Medo do que possa acontecer comigo
Medo de não acreditar
Medo de viver
Medo de ser enganada

Nunca vive, mas pelo o que as pessoas falam e o que eu ouço nas músicas fazem com que eu tenha medo...

Esse tal de amor é tão importante assim?



Juli

Juliana Souza Barros, natural de Paulo Afonso - Bahia, tem 20 anos. Formada no curso técnico de Agroecologia pelo Instituto Federal de Alagoas – IFAL e graduanda em Física Bacharelado pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Apesar de dizer que prefere os números, nunca escondeu seu encanto pela poesia.

MELANCOLIA

A calma é encontrada quando os olhos veem no céu que já amanhece

Dentro do peito, pelo contrário, é uma agitação constante

O quarto é uma bagunça permanente

Reflete aquilo que se sente

Reflete a saudade

"saudade da rotina que foi presente"

É a repetição do subconsciente

Como se a dor no peito fosse insuficiente

Sem aguentar

Com pensamentos difíceis de organizar

Chora o melancólico em busca de se libertar

Se libertar da prisão

Que parece se tornar infinita, a cada ocasião

Causando-lhe mais melancolia e aflição



Kevin Gelton Santos

Kevin Gelton Alves da Silva Santos é Neo-Academico da AJEL- Academia Japoatanense de Letras Estudantil de Japoatã-SE, tem 19 anos, Cursando o curso de Recursos Humanos pela Universidade Tiradentes. Já publicou poema na revista Atração e participou de algumas antologias.



MOMENTOS OU FASES

Não podemos viver só de momentos
Ou todos os momentos
Mais podemos viver cada fase
Pois assim é a nossa vida
Se criança, que vivamos nossa infância
Se adolescente, que vivamos nossa juventude
Se adulto, que vivamos com maturidade
Seja qual for à fase da vida

Não devemos pular
Cada fase da vida é para ser vivida
No seu determinado tempo
No seu determinado lugar.
Não se vive uma adolescência
Sem ter passado por uma infância
Não se torna um adulto
Sem ter vivido a adrenalina da juventude
Momentos se pulam
Mas as fases da vida precisa ser vivida
Para que mais na frente
Não perca o brilho pela vida.



Laiane Silva

Laiane dos Santos Silva nasceu em 28 de Julho de 2000, na Comunidade Porteiras, município Japaratuba-SE.

Ela é filha de Leandro da Silva e Maria Lenalda dos Santos Silva. Concluiu o Ensino Médio em 2019. Aprendeu nesse meio tempo que o equilíbrio é o segredo do sucesso e que a mente e a força de vontade são maiores do que qualquer tombo, qualquer recaída. E é como diz uma frase que gosto " Se estiver cansada de recomeçar, pare de desistir".



QUEM SOU?

Sou mulher ou sou menina...

Sou flor ou sou sereia...

Sou fada ou sou bruxa.

Sou linda ou sou feia...

Talvez eu seja a menina
sonhadora

Que vocês não conhecem

Ou até mesmo a menina
delicada

Que vocês nunca viram

Ou a menina colorida

Do mundinho preto e branco

A menina que sabe a fórmula

Mas não tem o dom de amar

Sou quem erra quando busca
acertar...

Ou quem acerta quando não
sou?

Sou mulher..

quer nem tentar...

Que diz palavras pesadas com
a leveza do ar...

Ou palavras amenas com a
força de um trator...

Se por trás de toda folha

Há uma gota

Se em cada flor

Há uma borboleta

Se existe em todo campo

Um singelo beija-flor

Por trás da minha tristeza

O arco-íris do amor

Canto a vida e a dor...

Choro e sinto amor...

Sou início, meio e fim..

mas enfim, quem



Lourdinha



Maria de Lourdes Fernandes- Graduada em Licenciatura Especifica Pedagogia. Acadêmica da ALASAC-III Feira Brasileira do Cordel- Textos publicados em varias antologias no Brasil e no exterior. FLI7- Festa Literária Sete de Setembro I Ceará em Letras-UFC. Integrante da Academia Virtual da Língua Portuguesa e Literatura, textos publicados em várias Antologias pelo Brasil em especial no nordeste brasileiro. Textos publicados no Jornal Vida Brasil em Houston Texas Estados Unidos e Revista Cultive-Genebra.



A ÚLTIMA DESPEDIDA

Quando nós nos despedimos
pela última vez de quem amamos,
sabemos que a morte vem pra todos,
Independente da condição social, religião ou cor.
Com ela, vem a tristeza e a dor
da separação permanente.
Paramos a frente de um corpo imóvel e frio,
para darmos nosso último adeus.
Balbuciamos algumas palavras,
que se misturam ao soluço e as lágrimas.
A dor nos consome,
o arrependimento de não ter falado coisas,
que agora esse alguém não ouvirá mais.
Como vou pedir perdão?
Como agradecer? A quem vou dizer te amo?
Tu não me ouves mais...
Só me resta aconselhar a todos
a falarem pra quem ama,
tudo o que querem, pedir perdão e agradecer,
todos os dias, pois irá chegar o dia
que não vai ser mais possível.



Liiu Poetisa

Níleides Rodrigues ou Liiu Poetisa é Escritora Sergipana Japaratusense que coleciona textos em 39 renomadas Antologias por todo o País e publicou dois livros de sua autoria. Sua meta é escrever cada vez mais...

CLAUDILUCIA SILVA

Vou definir uma grande mulher
Em verso e poesia
Inspiração de poeta e escritor
Dona de um sorriso que
contagia...
Orgulho de toda cidade
Querida por todo mundo
Carrega em si uma humildade
Que espalha por onde passa em
tudo.
Flor do jardim do amor
Mãe dedicada e amorosa
Seu dom culinário é majestoso
Cria receitas perfeitas e
saborosas...
Dona de um coração gigante
Que transborda alegria
Recheado de sabedoria e
bondade

Simplicidade e simpatia. Doce é
o seu Lar
Abençoado por nosso Senhor
Que na sua vida Luciano Huck
Deus como um anjo o enviou.
Mulher guerreira e sábia
Exemplo de garra e determinação
Estrela radiante que exala brilho
Em qualquer direção.
Olho d'Água do Casado em
Alagoas
Terra dessa filha citada acima em
rima
Se orgulha dessa mulher
admirada
Chamada: Claudilucia Silva.



Marcos Neto

O jovem escritor, Marcos Alberto Oliveira Neto, tem 15 anos, já participou de algumas antologias, estuda na escola Nossa Senhora das Graças – Propriá, é membro da Academia de Letras Estudantil de Japoatã –ALEJ, ocupando a cadeira de nº 13.

TODOS PRECISAMOS DE UM TEMPO.

Um passado que me condena,
Palavras que machucam.
Minha alma pede arrego,

Meu coração gelado não suporta mais.
Peço a Deus uma luz que se ascenda em meu caminho,
Que meus sonhos ganhem vida.

Se transformem em rios fartos,
Onde sejam pescados sorrisos,
Onde a felicidade das pessoas renasça... Que a dor que hoje me fere,
Amanhã seja apenas uma lembrança levada para longe,
Jogada nas águas do esquecimento.

O Louco aqui precisa de tempo,
Precisa ser internado,
Pois ele está preso em mágoas do passado.

Viajando com sua mente,
Enfrentando seus pesadelos,
Uma mão que não se abre,

Coração fechado,
Triste, e amargurado...
Pobre coitado!

Quem nunca pensou em desistir?
Em uma situação onde a vida te pendura de cabeça pra baixo,
Te dando a oportunidade de escolher...
Entre decidir viver ou morrer!

Mas o meu "EU" interior implora por mais tempo.

Ele só quer uma chance de poder sorrir.

Viver suas conquistas,
Só quer se orgulhar de si mesmo... Não tenho coragem de desistir dos
meus sonhos,
De desistir da vida.

Por que a força que me guia me firma, fortalece os meus passos, e
põem cor em meus sonhos!

Tudo é só um momento,
É a vida te provando que você é forte para vencer tudo o que vier.

Um dia tudo isso ficará para traz,
Enfrente tudo,
Não se permita perder a oportunidade de viver!

A vida é como a Lua,
Ela é feita de fases!



Marry Assis

Maria Pastora de Assis, nasceu em 21 de maio de 1988, filha natural de alagoas, residente no assentamento Nova Esperança, localizado na cidade de Olho d'Água do Casado, bióloga, Gestora Ambiental, docente, condutora de turismo, líder comunitária e apaixonada pela natureza.

UM SIMPLES GESTO

Olá caros leitores, aqui vou lhes contar:
Como um simples gesto pode seu dia mudar,
Pode ser um bom dia ou até mesmo um boa noite.
Basta apenas cumprimentar,
Não importa quem seja a pessoa, você só precisa falar.

Lembro-me de um certo dia, eu estava a caminhar
Vi uma senhora sentada e logo fui a cumprimentar.
Ela sorriu para mim e logo pôs-se a falar,
Respondeu o meu gesto sem mim indagar.

De repente virou rotina, todas as vezes eu passava lá,
A senhora estava sentada em uma cadeira, a rua a observar.
Mais uma vez a cumprimentei
E ela, com um semblante de felicidade,
Se sentindo percebida,
Naquela pequena cidade.

Os dias foram passando (...)
E, na rua mais uma vez fui passar.
Lá estava ela sentada sempre a observar,
Lhe dei boa tarde, ela logo respondeu.
Perguntou-me: quem é você que sempre vejo passar?

E todas as vezes vem mim cumprimentar?

Eu, sorrindo para ela,
Logo disse quem sou.
Ela ficou feliz e me abraçou.
Vi que seu semblante logo desabrochou.
Certa vez eu demorei a passar.

E quando apareci ela me disse: sentir sua falta aqui.
Ela sorriu para mim e começou a falar,
Disse-me da sua felicidade,
Por ter nesta cidade alguém para lhe cumprimentar.

Hoje somos amigas,
Perco horas com ela a conversar.
Ela contou-me de sua vida,
E também deste lugar.
É uma simples senhora que alguns tende a julgar.
Porém, pouco a conheço,
E já aprendi a amá-la.

Aqui deixo meu recado.
De todo meu coração:
Seja mais humilde,
Tenha mais dedicação.
Aprenda a amar o próximo.
Sem subjugação.
Olhe para o outro.
Não esqueça que somos irmãos



Martinha

*Marta Carvalho é professora Estatutária desde 1997 na Rede Pública Municipal de Educação, pesquisadora desde 2008, escritora, cordelista, Bióloga, Ambientalista, uma admiradora das letras e artes, da cultura em especial a cultura Nordestina, é graduada em Biologia pelo INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO MARANHÃO / CEFET especialista em Supervisão, Gestão e Planejamento Educacional pelo INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO, / IESF - MA, Participou do Curso de Formação de tutores pela Universidade Estadual do Maranhão / UEMA, Doutoranda em Ciências da Educação, pela UNIVERSIDAD TECNOLÓGICA INTERCONTINENTAL / UTIC – PY. Recebi o título de Acadêmico e Membro Correspondente, pela Academia Canindeense de Letras e Artes - ACRAS, Canidê de São Francisco / SE / BRASIL. Contatos: (98) 999669302.
E-mail:martapereira_612hotmail.com*



CONSERVAÇÃO DA FLORA E FAUNA

Amigos preste atenção
Ao que vou dizer-lhes agora,
Falarei do meio ambiente,
No caso: Fauna e Flora.
A fauna hoje é escassa,
Diferente da que existia outrora.
Já a Flora está diferente,
Desmatações criminosas
Prejudicam muita gente,
isso é um dano a todo meio
ambiente.
Tanto a fauna quanto a flora
Precisam ser preservadas,

Todos dependemos delas,
E sem elas não somos nada,
Destruídas fauna e flora,
humanidade aniquilada.

Muito dos nossos animais
Caminham pra extinção,
de alguns só existem machos,
e sem fêmea não da não,
De macho e fêmea é que vem
Todas as vidas irmão.
Olhando a natureza
Vale apenas observar,
Como muitos animais,

tem uma beleza sem par,
Veja um beija-flor,
Observe ele voar.

Observe uma serpente,
Quando está a caçar,
olhe com que paciência,
ela vem para achar
a presa que fatalmente
vai sua fome saciar.

Temos que ter muito cuidado,
Pra poder sobreviver,
destruídas fauna e flora,
vamos todos parecer,
cuidado Brasil, cuidado!

Da fauna vem o alimento
Que todos necessitamos.
É por isso meus caríssimos
Que delas nós precisamos
Cuidamos de nossa fauna
Antes que todos morramos.
E é esse alimento
Que a todos vem saciar,

a fome infelizmente mata em
todo lugar.

Com a destruição da fauna
A vida humana vai acabar.
Olhem como elas fazem,
Pra poder regurgitar,
Um alimento nocivo
Que vá lhe prejudicar.
Veja suas contorções,
É muito importante olhar.

Veja a muriçoca
Voando pra lá e pra cá,
Elas nos perseguem tanto
Que chega nos incomodar,
Pesticidas não conseguem
A todos exterminar.


Olhe como os pinguins
Se unem para suportar
O frio do seu ambiente
Que todos conseguem gelar,
Assim é a natureza
De uma beleza sem par



Melo



Claudio Cardoso de Melo, nascido e residente em Delmiro Gouveia-Alagoas. Casado. Professor graduado em Pedagogia e Letras. Mestre em Teologia e em Gestão e Política em Educação. Especialista em Gestão Escolar; Formação em Docência; Direito Educacional, Inspeção Escolar; Gestão e Política em Educação; Cursando Especialização em Libras e Cursando Bacharelado em Direito. Tem artigos publicados.



AMOR E DISSABOR

Na vida vivo só
Querendo um amor encontrar
Pra gostar e amar
Com aquela com quem vou me casar
E minha vida com amor
Vou eternizar.
depois de muito andar

nas estradas tortas da vida
encontrei meu amor
nas ruas, na avenida.
solitária e sem amor
do último dissabor e despedida.

Olhou, olhei. Cismou, cisme!
Não desisti, investi!
A princípio rejeitou!
Depois me amou!
O amor nasceu, floresceu!
mas, o amor me embriagou, sofri!

Alô! O amor se transformou,
acabou!
magoei, perdi
No dissabor quem me amou.
sumiu novamente o amor
deu lugar ao dissabor.
e a vida continuou.



Nicy Alves



Nascida aos 12 de agosto de 1972, em Barra dos Coqueiros, Sergipe, Lenice de Jesus Santos (Nicy Alves), é filha de Antônio Alves Santos (in memorian) e Maria de Lenaide de Jesus Santos. A mesma é poetisa e cronista. O seu primeiro livro, "Lembranças que Me Inspiram", é composto de crônicas que retratam a sua infância. Educadora Popular e graduanda em Gestão Ambiental, Nicy Alves é Sócia Fundadora da OSCATMA/BC, Organização Sócio Cultural Amigos do Turismo e do Meio Ambiente de Barra dos Coqueiros. Participou do Comitê das Bacias dos Rios Japarutuba e Sergipe, como membro titular e do grupo de Preservação do Macaco Guigô na cidade de Capela. A autora ocupa a cadeira 17 da ABLA (Academia Barrense de Letras e Artes), cuja a sua patronese é a professora Maria do Céu Sales de Andrade.



CASULO

Caminho sem direção
na úmida areia da praia,
pés descalços,
vento gelado sobre a pele.
Olho para trás e vejo marcas na areia,
pequenos traços,
que são apagados facilmente pela fina onda que as cobre.
Sobre a luz do sol, minhas roupas me traem, mostrando toda nudez
da minh'alma.
Um mar de dúvidas me toma por inteira, me faz desviar do espelho...
Ahh o espelho,
ele traz à tona
todos os meus medos, fracassos.
Abraço meu corpo, numa tentativa real de me proteger...
De mim sentir tocada.
Recolho-me numa posição fetal.

Pela janela dos meus dedos, tento encarar meus monstros...
Está escuro,
vejo a chuva cair lá fora... Sinto frio.
Em meu casulo busco proteção, do invisível...
De mim mesma.



Nilo Moraes



Nilo Moraes É Natural de Pesqueira PE, Presidente da ASPEL-ASSOCIAÇÃO PESQUEIRENSE DE LITERATURA, Presidente do Lions Clube Pesqueira, Secretário de Governo de Turismo e Cultura do município de Pesqueira, filho de Socorro Moraes, casado com Edgeuza Torres de Moraes, 2 maravilhosos filhos, Pedro Nilo e João Victor, envolvido com a cultura do município e dedicado aos bons caminhos do futuro da cidade. Atualmente com um livro e um CD em dias de ser lançado.



QUANDO VOCÊ FOR DORMIR

Quando você for dormir
Veste pra mim
Essa blusa assim
Tão delicada
Quanto você é delicada
Tão meiga quanto você é meiga
Tão sensual quanto você é sensual

Quando você for dormir
E sozinha estiver
Lembra de mim
Que não esqueço de ti
Um minuto sequer.

Quando você for dormir
Me sinta envolvendo teu corpo
Num abraço suave forte e crescente
Envolvida nesta blusa,
Tu haverás de lembrar e sentir
de quem lembra e sente a presença de você
Eternamente.



Nínia



Maria José dos santos, nasceu na fazenda Oiterinhos nas mercês de baixo, em 20/12/1958. Filha de Joana Barbosa da Conceição Santos e Eduardo Lima dos Santos. Sua mãe era costureira e professora de corte e costura e seu pai era trabalhador Rural.

Até os dez anos de idade vivia na fazenda onde nasceu. Estudou seu 1º grau nas Escolas Rurais (da 1ª a 4ª série). Da (5ª a 8ª série) estudou na Escola poeta José Sampaio. E o 2º grau estudou em Japarutaba na escola da CENEC. No ano de 1990 prestou vestibular na universidade Federal de Sergipe (UFS), sendo

aprovada no curso de Geografia.



NÃO TENHO MEDO DA CHUVA

Quando pequena brincava alegremente,
soltando barquinho na enxurrada
e nesse barquinho que descia veloz
levava consigo toda a magia
de minha alma.

Hoje! Ao lembrar-me desse tempo
o meu semblante despetala-se.
Sinto falta...dessa luz que enveredava no campo
e enchia de flores a paisagem molhada
de nossa casa.

Já vi crianças!!!
sem rumo, sem comida, descalças,
perambulando pelos becos fétido e escuros
disputando com os ratos e baratas
as porcarias jogadas nas latas.

Já ouvir tiros nas ruas!
Corpos nus nas calçadas e o vento assoviar nas matas.

o som do machado cortando as árvores
e os pássaros fugirem em revoada.

Ao lembrar-me desse tempo
o meu semblante esmorece
ao vê a paisagem despida sem os pingos de chuva
caindo no chão, nem sapo coaxando nas poças d'água
nem aves cantando nas árvores.

Não tenho medo da chuva!
Antes do entardecer...Ela descia tranquila sobre o telhado
E escorria pelos campos embelezando a paisagem.
Hoje! sem arbustos...correm intranquilas pelos vales
levando tudo...até faz rolar as pedras do caminho
e esse olhar contempla a morte das abelhas,
dos rios, flores e matas.

Não tenho medo da chuva!
Porque já aprendi o "segredo da vida"
construo castelos de areia sobre mar
colho conchas e construo paisagens
junto retalhos e costuro cada pedacinho.

Ando descalça...entre espinhos.
Nas ruas! retiro algumas pedras do caminho
e às vezes! deixo tantas outras ficarem.
Não tenho medo da chuva!
Essa chuva!!! que move moinhos, há de brotar todas as flores
e levará as curvas do caminho, pedras, espinhos,
noites sem luar e risos despedaçados.
E abra uma janela para o sol.



Odilma Macedo



Odilma Macedo Silva Santos é brasileira, natural de Picuí-PB e mãe de Iara Beatriz e Jefferson Roberto. Licenciada em Pedagogia, pela Universidade Vale do Acaraú, com Especialização em Gestão, Supervisão Escolar e Docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Professora efetiva da Rede Municipal de Ensino, acumula experiências no Ciclo de Alfabetização do ensino fundamental e na Educação de Jovens e Adultos – EJA.



VIVER

Viver é mais que aprender
Dia a dia sem cessar
Novas chances de crescer
Novas formas de lutar.

Lutar por objetivos
Com garra, determinação.
Sendo na vida exemplo
De força e superação.
Usando o sofrer vivido
De base pra evolução.

Evoluir é necessário
qual seja a situação.
Sentir o lugar do outro

Ter sempre estendida, a mão
Perdoar, fazer o bem
Sem praticar distinção
Traz alento para a alma
E alegria ao coração.

Tendo nosso criador
Como fonte d'inspiração
Seguindo suas Leis Divinas
Venceremos a tribulação.
Nos tornaremos melhores
Através da oração
E assim, a vida mais leve
Dispensa a comparação.



Mário Santos



Meu nome é Crismário de Jesus Santos. Tenho 18 anos. Concluí o ensino Médio no ano passado no Colégio Estadual Prefeito Pedro Balbino em Tomar do Guru-SE. Comecei a escrever com 16 anos e venho me desenvolvendo. Tendo como inspiração: Djonga, Coruja BC1, Racionais, entre outros... Fiquei conhecido no colégio devido a um poema que apresentei na escola com o título: "Um poeta Marginal".



O COMEÇO DO FIM

Me sinto livre,
igual a um pássaro na gaiola,
sou muito inteligente
e olha que nunca pisei na escola.

Sou tão sensato,
sem graça feito palhaço
Vivendo em um mundo em quadrado,
de mentes presas e de corações fechados.

Me vejo cheio de estar vazio,
em um lugar tão quente, que chega a fazer frio,
se me lembro bem eu esqueci como era sentir dor...
Quando eu me perdi, achei meu valor

Sou tão real quanto um pesadelo,
que vaga em sua mente o dia inteiro,
Não tô valendo nada
igual ao seu dinheiro,

Por ser tão profundo,

quanto um rio raso,
sou sem limites
em um limitado mundo.

Tão frágil como um escudo,
tão fraco como a gravidade que segura todo o mundo,
sou forte a ponto de não conseguir me levantar,
sou tão raso, como as profundezas do mar.

Sou falso como o amor mais sincero de mãe,
e ao mesmo tempo tão verdadeiro,
tipo quem mata e vai no enterro.

Vou ser eterno como lembranças
Esquecidas em um banho de sangue,
e vou morrer como um poema de Carlos Drummond.



Patrícia Pereira

Nasceu em Ouro Branco -AL, mas mora na cidade vizinha Maravilha. Tem 17 anos, estuda 3º ano do ensino médio. É membra do Recanto das Letras, determinada, uma apaixonada pelo mundo da literatura.



ESPERANÇA

Quando o sol que racha a terra chega.
Certeza que mais um dia há de vingar
numa terra tão seca, mas que ali
ainda mora a esperança.

Quando a nuvem preta passa,
o povo logo se alegra,
pois nela carrega , a esperança
e aquilo que tanto esperam.

Quando a chuva realmente cai
e a vegetação começa a nascer,
o sertanejo sabe que não vai morrer
aquilo que tanto espera.

Na sombra do umbuzeiro
que logo começa a florescer,
que mais tarde há de seu fruto amadurecer
o sertanejo sabe que não vai morrer
aquilo que tanto espera.



Rita Freire

Sou professora, escritora, psicopedagoga clínica e institucional, especialista em educação, radialista, membro fundadora da academia japoatanense de letras e artes e presidente da academia de letras estudantil de japoatã.



COSTURANDO HISTÓRIAS: Uma homenagem a Sra. Maria José (Dona Zezé...)

Foi em você que eu vi
O olhar mais sincero
As palavras mais doces,
A sabedoria do eterno
Sentadas no banco
Nas tardes de vidas
Onde os sorrisos
Narravam histórias
De idas e vindas
Fazendo companhia
desabrochavam em seu rosto
Sua meiguice de menina
Mulher de muitas palavras vivas, doces afáveis
Como é bom ter você aqui!
Seus cuidados de mãe e amiga QUERIDA...
Fez brotar no Jardim da minha vida
Um novo amor
Uma nova cor
Aromas e temperos
Que deu cor, ao meu arco-iris particular
Do meu mundo, tão singular
A mansidão desse seu olhar
Vai costurando histórias

De uma linda trajetória
De uma mulher que muitas de nós representa
Que representa as Marias
As Anas, as Joanas...
Que na labuta do dia a dia
Muitas vezes riu, com as lágrimas no olhar
Sendo guerreira
Apenas seguiu...
Sua missão cumpriu com resignação
E a construção, as suas mãos
Moldou vidas, semeou sonhos, sabedoria,
muitas vezes solitária , apenas via o melhor nas pessoas...
A sua essência é o que te faz uma mulher gigante
Seus exemplos, construíram recantos e pontes
Moldando vidas como diamantes
Suas orações foram atendidas pelos céus
E nesta passagem linda pela vida
Floresceu, ao lado de amores somente seus
Que do seu ventre , nasceu
Sem nenhum adeus
Você ainda FLORIR
Nos mostra os caminhos e como seguir
E o tempo, seu maior Mestre, continua aqui
Talvez ele aprendeu contigo que a vida
Segue o ritmo do amor
Que nós ensina a apenas amar
Sem cobranças
Sem egoísmos
Sem esperar retorno
Apenas amando..
Nos ensinando que para ter raiz é preciso cuidar dos canteiros e
depois do se eu florir
Que mesmo com os passos lentos e cansados
Ainda segue...cuidando, amando e respeitando
Com sua fé gigante, tão particular

O tempo certamente aprendeu contigo
Que mesmo dizendo adeus
Ele precisa nascer, fazer acontecer, semear, regar
E nesta escola da vida
Talvez tenha lhe subtraído alguns momentos
Seus olhos devem ter regado a sua face, nas noites silenciosas e
frias.
Mas o que prevaleceu, jamais se perdeu com o tempo que passou,
com tudo aquilo que deixou de viver
Não importa se as mãos agora tremem

Se a voz lhe faltam
Se o pensar é lento
Se o olhar embassa
Se o caminhar pede pausa
Se o ouvir, agora falha
No seu semblante de luz
O que vemos é um lindo ser
Que a verdade ficou
Multiplicando o amor
Mesmo diante da dor
Sua essência prevaleceu
Ao menos um tiquinho
E dele pra sempre
Fazer o meu ninho
E para sempre ficar

Em sua alma ficou
Que mesmo sozinha
Cuidou do legado
E hoje seu jardim
Está bem cultivado
E a sua vida resume-me
Conjugada no verbo amar
E foi assim que mergulhei
Em seu mar de carinhos
Querendo do seu colo

Porque é assim que se move o verbo amar
Quando se pode voar
E mesmo assim
O amor resolve ao seu lado está ...resolve ficar, para somar...
Te amo.



Rosilda Da Souza Tavares Pinheiro

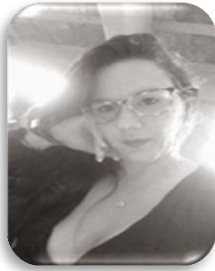


Rosilda da Souza Tavares Pinheiro, professora aposentada, graduada em teologia e em pedagogia, com especialização em psicopedagogia institucional e clínica, pela faculdade Pio Décimo, Aracaju/SE. Teve participação no projeto palavra é arte, do escritor Roberto Martins. Teve seus primeiros textos publicados numa coletânea em Jardinópolis/SP palavra é arte 2015. Participou da IV e V Antologia Canindeenses e dos 50 poemas essências Canindeenses e convidados. Participou também do projeto Acessibilidade e respeito sem preconceito em Teresina-Pi. Tem 600 textos publicados no site Recanto das Letras.



PENSAMENTO INSANO A ME CONTER

Sou poesia boba que vem de minh'alma
O pensamento insano a me conter...
Sou a hora que marca um tal relógio
A brisa solta que te saltita, nas horas muda da madrugada.
Sou o sono leve que me adormece...
O sonho bobo que me entorpece...
Sou um dia qualquer...
O casual!
Um momento livre...uma melodia...
Sou como uma musica...com várias notas
A adaptar-se com todas as letras!
Sou a canção inversa do teu repertório!
A começar sempre pelo final...
Sou a luz no fundo do túnel...
Tu...o labirinto da nossa história!
Sou a lua a brilhar num canto do céu!
A praia, as ondas e o horizonte...
Sou Também areia bem movediça!
A livrar-me das ondas do mar...
Sou a natureza de braços abertos em favor do bem!
Nunca duvide de mim!
Sou um sonho a realizar...
Sou caminho... meio fim..



Rosyelly Araújo

Rosyelly de Araújo Cavalcante, nascida na cidade de Águas Belas em 06 de fevereiro de 1987. Filha de Vandilma Ferreira de Araújo Cavalcante e Ronaldo Cavalcante de Oliveira. Mestre em Letras, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG), especialista em Ensino da Língua Portuguesa pela Universidade de Pernambuco (UPE) e graduada em Letras pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde (AES). Participou de coletâneas e antologias nos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e São Paulo. E-mail: rosyellyaraujo26@hotmail.com

LUTO É VERBO

Criminalizar

Matar

Lutar

Pela vida

Negam a travessia do deserto

Os anos de dor

A solidão

O medo

O silêncio

A sombra do opressor

Vida inocente

Retirada

Violentada

Marcada

Aos inquisidores

Não há dores

Falácias...

Pai, eles não sabem o que

falam

Em Teu Nome julgam

Subjugam ensinamentos

Vociferam

Pai, eles não sabem o que
falam

Misericórdia

Compaixão

Sabedoria

Entendimento

Piedade

Essa é a Lição

MISSÃO

Nas chagas dessa dor

Pregam desamor

Libertam Barrabás

Condenam

Ameaçam

Apedrejam

A Madalena

Pai, eles não sabem o que
falam.



Silmaria



Silvia Maria Silva é natural de Santana do Ipanema- AL, filha de Maria do Carmo Tavares Silva e Cícero Bernardo Silva. É Graduada em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Alagoas UNEAL (Campus II, Santana do Ipanema- AL.) Especialista em Direitos Humanos e Diversidade pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL. É Professora concursada das Séries Iniciais pela Prefeitura Municipal de Santana do Ipanema. Participante de 3(três) Antologias em Santana do Ipanema-AL, 2(duas) em Piranhas-AL e 2 (duas)

em Canindé de São Francisco-SE.



TEMPOS DIFÍCEIS

Vivo sonhando com o dia
Que acabe a pandemia
Neste dia então
Agradecerei ao senhor Deus
De todo meu coração

A primeira coisa a fazer
É ir a igreja rezar
Este será o melhor lugar
Para se comemorar
Não esquecendo jamais
De agradecer ao senhor
Por esta praga afastar

Ajoelhar e rezar

É o que podemos fazer
Pedindo a Deus esta benção
Do corona desaparecer
E que a nossa vida
Tranquila e em paz
Volte a Permanecer

Tempos difíceis vivemos
Com a COVID-19
Muitas pessoas morrendo
É uma tristeza só
Amigos de profissão
Até quando este tormento?
De nada sabemos, neste
momento.



Socorro Leitão



Socorro Leitão é professora graduada e Licenciada em Letras pelo(CEVASF) Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco. Especialização em Associativismo pela (UFRP) Universidade Federal Rural de Pernambuco; Especialização em Mídias pela(UFAL) Universidad Federa de Alagoas. Professora de Língua Portuguesa, Literatura, Redação e Língua Estrangeira (FRANCÊS); participou do primeiro encontro de Construção de Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Alagoas. É com muita honra faço parte da Academia Canindeense de Letras e Artes(ACLAS).



A PRIMAVERA NO SERTÃO NORDESTINO

Eu amo a primavera
A estação das flores
Flores, vermelhas, rosas, amarelas
E infinitas cores.

Tudo fica mais alegre
Os pássaros cantam contentes.
As árvores ficam cheias de vida.
E o Meio Ambiente fica todo colorido.

O Ipê, fica amarelo
O Ipê, fica roxo
O Ipê, fica vermelho
O Ipê, fica branco

A Carabeira encanta o Nordeste
O símbolo do Sertão
É a árvore,
É na primavera
A cor dela amarela
Que nos traz satisfação.



Sophya Dos Santos

Maria Sophya dos Santos é brasileira, nascida no dia 30 de março de 2012 na cidade de Piranhas – AL, filha de Marília dos Santos Novaes e de Sandro Monteiro da Silva. Estudante do 3º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal de Educação Básica Manoel Fernandes Leite, na cidade de Olho D’água do Casado – Alagoas onde reside com sua família atualmente. Aluna da Professora Maria Aparecida Lima dos Santos (Maria Lima)



NOSSAS BELEZAS

Estive aqui pensando,
Como nossa cidade é linda
Tantos lugares belos
Que sempre temos bons
turistas

Nossa cidade tem beleza
Boas vindas e companhia,
Temos também o turismo
Como a fonte da matinha

Temos história a contar
De geração e de riquezas
Hoje temos o pôr do sol
E o show da natureza

Nosso povo acolhedor
Gente de força e feliz
Temos a praça Noé Leite

Lugar sagrado igreja matriz

Olho d’água tem prestígio,
Festas e organizações
Nossa cidade é de cajus
Prainha da Dulce é uma das
nossas atrações

Então você meu amigo
Que agora ler esse texto
Venha conhecer nossa cidade
Local de amor e respeito

Toda vez que pensar
Numa cidade receptiva
Lembre-se de Olho D’água do
casado
Lugar de gente criativa



Sophia Sandes



Oi! Meu nome é Sophia, sou filha de Ivete Sandes e Elivon Torres, moro em Canindé de São Francisco/SE, tenho 10 anos e gosto muito de viajar, ouvir histórias de fantasia e usar a minha imaginação, por isso escrevo, leio e faço pinturas sobre os meus sentimentos. É escrevendo que posso viajar nas letras e usar a minha imaginação por tempo ilimitado. Amo a vida, a minha família e os animais. Sou serva de Deus e é para Ele que quero usar os meus dons e talentos.



ESTRELAS...

Que iluminam o céu.

Estrelas...

Que iluminam a vida.

Estrelas...

estão sempre a brilhar,
não importa a situação.

Estrelas...

têm um brilho especial,
cada uma com a sua função.

Estrelas...

Gostam de ser intensas,
e na noite escura fazem a diferença.

Estrelas...

Sabe qual é o segredo delas?
A luz.



Sóstenes Ericson

Sóstenes Ericson é brasileiro, natural de Paulista-PE, solteiro. Bacharel em Enfermagem (UIPE) e Licenciado em Letras (UNEAL); Especialista em Formação para a Docência do Ensino Superior (CESMAC); Mestre em Serviço Social (UFAL); Doutor em Linguística (UFAL); PhD em Linguística (UNICAMP), com atividade de pesquisa em Paris. Professor adjunto 3 da UFAL, atuando na área de Saúde Coletiva. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da UFAL, na linha de pesquisa de Análise do Discurso. Autor de diversos artigos, capítulos e livros. É membro honorário da Academia Canindeense de Letras e Artes-ACLAS e membro efetivo da Academia de Letras e Artes de Arapiraca.



ÚNICO

Enquanto o mundo desaba lá fora, cá estou
Único, em meio ao que em mim se fez exceção
Não que isso possa parecer absoluto
Ao menos agora eu penso que não

Ou mesmo ainda que tudo de repente se transforme
Sinto que a relatividade do tempo só radicaliza
O que de mais efêmero por dentro se consolida
Único, úmido, absolutamente...

Desse modo, vou-me perdendo de vez em quando
Em meio ao que de mim cresce mais em você
Na mesma intensidade que eu procuro se lhe perco
Íntimo, ínfimo, silêncio que grita sempre pra não dizer

Nesse movimento que me esvazia por completo
Gira a cabeça, roça o peito e finge ignorar o desejo
Um mais que dois, tentando afundar no mesmo abismo
Enquanto você me faz crescer qual rosa do deserto

Mar que secou quando estava frio
Sol que congela no tempo que se perdeu
Ouço sua voz e não sei se ainda respiro
Se já não mais me pertenço, pra sempre seu
Eu: único, úmido, absolutamente.



Orquídea Negra

Tatiane Maria Soares é brasileira, natural de Guarulhos-SP e atualmente reside no município de Olho d'Água do Casado-AL. Licenciada em História pela UFAL/Sertão e Mestre em Arqueologia pela UFS. Autora da poesia "Jardim de Inverno", publicada na 1ª Antologia de Escritores Casadenses e Convidados (2019). Gosta de estudar, ouvir música e escrever sobre a Morte. E até que ela me caí bem.



A MORTE DA ORQUÍDEA - DESTRUIÇÃO INVISÍVEL

Doí-me o fundo do peito

Ler estas tais palavras sujas:

"O futuro não é mais como era antigamente"

Ou então:

"Será que algum familiar morrerá, amanhã?"

Eles tacaram fogo em tudo.

Não existe mais lar, não existe mais um lugar seguro.

Foi-se tudo!

E com o tudo, foi-se;

não era o mesmo amor que eles queriam, mas eu sentia!

E ainda sinto... Resisto.

Para a sobrevivência de nossas crianças, teremos que aprender a rezar e, talvez, quem sabe assim, alguém do futuro redescubra os primeiros passos.

Acha-te uma pedra verde e saberás a fonte de nossa riqueza.

Nossa mãe d'água...

Chamada também de rio São Francisco,

um dia tanto nos alimentou...

Que hoje, está com as marcas de um passado-futuro sangrento!

E, eu sei, todos estão doentes!

Se não com uma espada cravada ao peito,

por ter respirado o mesmo ar infectado do além-mar.

Fica bem, dorme em paz agora...

Tua existência foi eternizada em celulose.



Um. Tal. De. Brito

Amante das artes, da literatura, da ciência arqueológica e histórica, um.tal.de.brito é delmirensense, possui graduação em licenciatura em História (UFAL -Campus do Serião) e, atualmente, é mestrando em Arqueologia na UFS, Campus Laranjeiras.



LENTAMENTE ME FOI...

Parecia grandioso, esperto,
astucioso...
Deixando pasmo quem
o via;
atento, cismado...
O ser inanimado,
me foi lentamente
tomado, arrancado
sem sequer proferir
palavra.
O ser inaudível
observou e percebeu que já não era
mais seu,
aquele mundo soturno,
naquela aquarela,
na terra de ninguém.
Foi-se, fui-me,
Fomos!
Desapareci...



Valdemira Albuquerque

Valdemira de Albuquerque Araújo é natural de Águas Belas-PE. Pós-graduada em Biologia pela UPE (Universidade de Pernambuco). É professora, artista plástica, cordelista, poetisa e escritora; é colunista do Jornal Cidade e Presidente fundadora da Academia Aguasbelense de Letras - AABL. É autora de dois livros e tem participação em várias antologias nos estados de Alagoas, Pernambuco, Sergipe, São Paulo e Mato Grosso do Sul.



VIVA A VIDA PLENAMENTE

I

Plenamente viva a vida
A cada novo alvorecer,
Abraça o sabor da vida,
Como o Sol, que aquece todo o ser;
Viva o sonho de criança
Suave, como o cair do entardecer;

II

Com tudo que oferece
O encanto do viver;
Forte surge a esperança
Como a luz, no crepúsculo do entardecer
Sorriso solto no tempo,
Foco, fé, lutar é vencer;

III

Viva a dor que machuca,
Do medo cruel, sem par
Que reine o amor e a bonança,
Abraça, a calma do ar

E quando o mar estiver revolto
Seja um cais, firme para ancorar;

IV

Viva a vida e sua beleza
Mesmo com o sofrimento e a dor,
Viva como se fosse eterno
Infinito como o amor,
Almeje a paz constantemente
Mesmo se a guerra, o mundo impor;

V

Recomece, siga em frente
Pois, nasceste vencedor;
Ergue os olhos, abre a mente,
Como uma ave, um condor
De corpo, alma e coração,
Como o espinho e a flor;

VI

Viva a vida intensamente
Sem ódio e sem rancor,
Dê espaço simplesmente
Ao sonho do sonhador
Viva a vida plenamente,
Partilhe o mandamento do amor.



Vaval Leite



José Dorgival Leite Santos, naturalidade, Olho D'Água do Casado, Estado de Alagoas, nascido em 04 de setembro de 1972, formação escolar, Licenciatura em Pedagogia e Pós-graduado em metodologia do Ensino de Matemática. Resolveu produzir o primeiro texto inspirado nas belezas do seu município incluindo o Rio São Francisco e seus Cânions com as grutas do talhado existentes em nosso território fazendo divisa com o Estado de Sergipe. Da vieram outros textos dos quais destaco "Fonte da Origem" que fala sobre a Fonte da Matinha, nascente que deu origem ao nome da nossa cidade Olho d'Água do Casado. Sua primeira publicação registrada foi no ano 2019 no livro "Antologia Casadense" onde mesmo registrou dois de seus relatos: Olho D'água do Casado e seus Encantos e outro foi O Início da Nossa História em Versos e Rimas tendo a felicidade de fazer parte da história dos grandes escritores pela sua coragem de expressar seus pensamentos.



FORTE DA ORIGEM.

Ó fonte da Matinha,
De águas puras e cristalinas,
Tu destes origem a esta cidade,
Mas ninguém ti dar valor.

Fonte da Matinha,
Que viva aqui estás,
Lutando contra o tempo,
Pra teus olhos não fechas.

A natureza a conduz,
Sem nenhuma retidão,
Buscando superar,
A alta poluição.

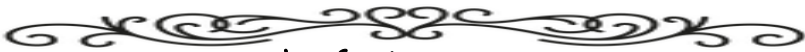
Autoridades abram os olhos,
Busquem uma solução

De fazer uma reforma,
E demonstrar o seu amor

Amor por esta fonte,
Que deu origem a esta cidade,
É por isso, que precisa-se,
Do apoio das autoridades.

Autoridades vós tens a força,
Busquem uma solução,
De resolver este problema,
Pra nossa população.

Se um dia isso for feito,
Estarão nos dando uma glória,
E demonstrar que esta fonte,
Faz parte da nossa história.



Vaval Leite



José Dorgival Leite Santos, naturalidade, Olho D'Água do Casado, Estado de Alagoas, nascido em 04 de setembro de 1972, formação escolar, Licenciatura em Pedagogia e Pós-graduado em metodologia do Ensino de Matemática. Resolveu produzir o primeiro texto inspirado nas belezas do seu município incluindo o Rio São Francisco e seus Cânions com as grutas do talhado existentes em nosso território fazendo divisa com o Estado de Sergipe. Da vieram outros textos dos quais destaco "Fonte da Origem" que fala sobre a Fonte da Matinha, nascente que deu origem ao nome da nossa cidade Olho d'Água do Casado. Sua primeira publicação registrada foi no ano 2019 no livro "Antologia Casadense" onde mesmo registrou dois de seus relatos: Olho D'água do Casado e seus Encantos e outro foi O Início da Nossa História em Versos e Rimas tendo a felicidade de fazer parte da história dos grandes escritores pela sua coragem de expressar seus pensamentos.



TERRA DE TODOS NÓS

Ó terra linda
De nome exótico encantador,
És tu Olho D'água do Casado
Terra de grande valor.

Tua beleza tem encantos
Que nos enche de emoção,
De amor e felicidade
Por este pedaço de chão.

Tenho orgulho desta terra
Do teu povo acolhedor,
Que lutam a todo tempo
Buscando seu valor.

É a terra do caju

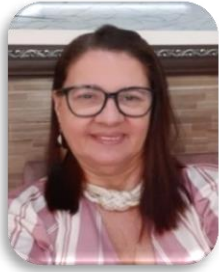
E de outros recursos tradicionais,
Tem o cânion do São Francisco
Com suas belezas naturais.

Tem sítios arqueológicos
Com pinturas especiais,
Esculpidas lá nas rochas
Pelas mãos dos ancestrais.

Tem a fonte grande
A fontinha o minador,
Representando nossas nascentes,
De águas puras sim senhor.

Na arte temos talentos
Em grandes variações,
Que causa bons sentimentos
Ao povo do nosso querido sertão.

Finalizo esta rima
Com muito amor e gratidão,
Ao nosso povo Casadense
Que amo de coração.



Vera Lúcia

Vera Lúcia dos Santos, nasceu em São Cristóvão/SE. Formou-se em Letras pela Faculdade Atlântico, pós-graduada em RH e Gestão Escolar. É funcionária pública municipal, técnica do Controle Interno, professora, poetisa, escritora e mãe. Verdadeiramente apaixonada por literatura. Vice-presidente da Academia Sancristovense de Letras e Artes – ASCLEA. Tem poesias e textos publicados, participou do projeto “Ponto Poético” e é coautora da III Antologia Poética de Sergipe.



EXÍLIO

Adorava ouvir o silêncio,
Hoje povoado de pensamentos
insanos,
Que se somam com a
pandemia e a solidão,
Bem como às
responsabilidades.

Crises de loucura,
Histórias emaranhadas,
Cantigas desordenadas,
Desvestes em plena
madrugada.

Ansiedade pelo raiar do dia,

Pela presença de alguém,
Por ouvir vozes ou rumores,
Barulho que represente
presença.

Sonho com um raio de sol,
Um bem-te-vi numa flor,
Um canto qualquer,
Uma flor qualquer.

Um silêncio de paz,
Uma notícia de cura,
Uma música no ar,
Uma difusão de luz.



Vinícius

Vinícius Martins Gomes, Estudante, cursando 4º ano do Ensino Fundamental I na Escola Municipal de Educação Básica Dom Pedro II, nascido em 21 de fevereiro de 2011, filho de Pastor Gomes dos Santos e Edilândia Martins Gomes.



CORONAVÍRUS

O corona vírus veio da China,
Trazendo sua Sina.
Um raro tipo de gripe,
Diferente da suína, h1n1 e matando igual meningite.

Como não há tratamento,
Nos resta a prevenção.
Usar máscaras e álcool gel,
Lavando nossas mãos com água e sabão.

Tem muita gente morrendo,
Temos que evitar a transmissão.
Por que estamos perdendo,
Aos poucos, nossos irmãos.

Vamos orar minha gente,
Para esse vírus acabar.
Mas Deus é quem entende,
O que devemos passar.



Virgínia Assunção



Sou alagoana e moro em Aracaju há muitos anos. Pedagoga, psicopedagoga e formada em Letras Português/Francês pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente sou professora de Português do Estado. Escrevo desde muito jovem e amo esse mundo literário. Sinto-me lisonjeada em fazer parte deste seleto grupo.



RECÔNBITO

Afeto antigo, silencioso...
Aprisionado em nossas escolhas,
Ressurge agora, liberto e ousado
Reescreve antiga história, em novas folhas.
Quando nossos olhos se encontraram
Ainda na pureza da infância,
Nossos corações logo se entregaram
Radiantes, em plena concordância.
Agora nossos mundos misturados
Numa sintonia quase que perfeita,
Sorrisos, carícias, beijos, abraços
Alma liberta, ausência desfeita.
O meu desejo guardado, agora lhe dou.
Longe de tudo, nesse instante ameno,
Como um sonho agora possível
Dedico-lhe estes versos, de amor, pleno.
Meus olhos se fecham para o mundo
O que não podia, torna-se realidade,
Renasço pulsando em seus braços
Enchendo-me de muda felicidade.
Nosso tempo é agora, meu amor!
A sua presença é o que me afaga,
O seu sorriso é o que me ilumina
E o seu amor é o que me embriaga.



Vinícius



Vinicius Barros de Souza tem 20 anos, brasileiro, solteiro, filho de José Bezerra de Souza e Maria Luíza Alves Barros de Souza, natural de Paulo Afonso-BA e reside na cidade de Olho d'Água do Casado. Concluiu o ensino médio na Escola Estadual João Francisco Soares. É estudante de Técnico de Enfermagem.



CORONAVÍRUS

O coronavírus veio para transformar,
Transformou um mundo que não podia parar.
Não parava para pensar no próximo que estava a precisar.

Cada um vivia sua vida, sem no outro pensar.
Hoje o mundo parou e começou a pensar, na vida que tinha e que
teve que mudar.

Começou a dar valor, ao seu amigo e ao seu lar,
Aquele abraço apertado, que agora não pode mais dar.

Mas tenho fé que um dia, tudo isso vai passar,
E que venha uma vacina para nos ajudar
E que eu possa a minha vida continuar.



Vitória Melo

Vitória da Silva Melo, nasceu em 18 de julho de 2000, mora no Assentamento Nova Esperança, localizado em Olho d'Água do Casado, estudo o 2º ano do Ensino Médio, poetisa nata, condutora de turismo, líder comunitária e apaixonada pela vida.



MEU SERTÃO

Longe de casa sigo a imaginar.
Saudades da minha terra daquele velho lugar.
Saudade do fogo de lenha e do meu velho pé de Juá.

Vim aqui pras bandas o Sul e não sei se vou ficar.
Pois, quando lembro da minha terra eu me ponho logo a chorar.
Lá deixei os meus irmãos.
Deixei meu velho Gibão e meu cavalo Aguiar.

Aqui é tudo moderno os rapazes usam é terno e as moças usam vestidos.
Daqueles bem colorido que chama sua atenção.
Eu sou mais o meu Nordeste pois lá nós usamos é Gibão.

Eu não sou acostumado com toda essa mordomia.
A gente dorme de noite eles aqui dormem de dia.
Lá no meu sertão é tudo bem diferente.
Acordo logo de madrugada e tomo aquele café quente.

Aqui para as bandas do Sul as horas passa voando.

E a saudade da minha terra.
Cada vez mais aumentando.

Passo dias passo noites lembrando do meu passado.
Da minha velha infância pegando bicho no mato.
Sinto grande emoção e um aperto no peito.
Quando lembro no meu sertão.

Eu estou aqui no Norte.
Mas, acho que não vou demorar.
Eu vi lá do sertão e é para lá quero voltar.



Wellison Ribeiro

Wellison Ribeiro, professor de biologia, poeta, escritor, com participação em várias antologias no Brasil.

DECADÊNCIA

O poeta faz alusão a uma sociedade corrompida. Uma sociedade sem base, em um mundo gélido e decadente. Indo ao precipício empurrado por esquizofrênicos técnicos.

No declínio agarra- se nas botas da indecência
Induzida ao mundo da sujeira e do descaso,
Sucumbe- se a cada dia no vil fracasso
E ver as suas estruturas entrarem em decadência.

Sem zelo, fraca, sem rumo e sem decência,
Maltratada pela elite cruel e mascarada
Como um corpo estranho está encapsulada,
Largada no mundo da poeira e da demência.

Forasteiros as suas portas batem sem prudência,
Deixando suas janelas ao léu, escancaradas,
Num vai e vem de guerra que a leva a falência.

Seus murais quebrados mostram a face da violência
Da dura tempestade humana que a desmascarara,
Quebram- se as correntes e a sua queda é a tendência.



Weudes Maycon

Meu nome é Weudes Maycon Alves Gomes, nasci em Paulo Afonso – BA. Sou residente e domiciliado na Rua das Pedrinhas – Centro de Olho d'Água do Casado-AL. Marido de Maria Agerlane Leandro Correia e Pai de Larissa Leandro Alves.



MINHA EXPRESSÃO

Venho aqui expressar
minha eterna gratidão
porque o senhor me tirou
deste mundo de ilusão.

Estou muito alegre,
de fato muito contente
porque Jesus é solução,
disso eu estou consciente.

E agora venho te falar
que em breve ele voltará
e para o céu nos levará.

Ele é meu escudeiro,
Jesus, o meu senhor,
meu amigo verdadeiro
meu eterno salvador

Ele é o meu Criador,
a minha eterna paixão

minha razão de viver,
meu Deus, minha redenção

Finalizando esses versos,
quero logo lhe dizer
que Jesus morreu na cruz
para salvar eu e você



Welson Menezes

Welson Silva Oliveira nasceu no dia 16 de outubro de 1999. Alagoano apaixonado pela cultura nordestina. Filho de Claudeci e Cícero Aparecido, irmão de José Ânderson. Concluiu o Ensino Médio na E.E.J.F. S. Almeja o Ensino Superior. Católico praticante. E faz das suas poesias, sentimentos expressos em palavras simples, porém, sinceras!!

SOBRE A ROSA

A rosa...

Uma das criações Divinas
Poderia passar despercebida
entre tantas flores do jardim:

Charmosas,

Formosas,

Floridas... mas não passou.

É uma rosa,

Uma rosa florida,

Uma flor.

Com ela, momentos felizes já vivi,

A tristeza também, conheci a dor,

Com ela ensinamentos aprendi,

Com descobri o sentido da palavra amor.

Sobre ti, tantos elogios.

Sobre ti, estão as Mãos, os Olhos do Senhor.

És tu, minha rosa.

És tu, ó linda flor.

És tu a criação Divina

Tão repleta de amor.



Willys Soares



Willys Soares nasceu em Passira, Pernambuco, e é professor/historiador e escritor. Leitor assíduo e contumaz. Conduzido pela incrível mão de Deus foi vidreiro em indústria multinacional, antes de atuar como professor. Na educação atuou como coordenador pedagógico em escola pública; atualmente leciona na rede municipal e estadual de educação; é membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Vitória de Santo Antão/PE - IHGVSA. Na trilha da História e das letras, já publicou em capítulos de livros, revistas, jornais e antologias.



AMANHECER

Acordo contemplando o sol que não me esquece.

Ele me traz a certeza de que o dia amanhece.

Através dele, aprendi a olhar a vida com esperança.

Com ele aprendi a viver com fé.

Com ele aprendi a amar e contemplar as belezas da vida.

Com ele aprendi a recomeçar.

Com ele aprendi que não devemos esmorecer, mesmo que a noite
tenha sido obscura.

**Com ele aprendi a importância de sempre acreditar, de esperar,
que cedo ou tarde, Deus colocará tudo em seu devido lugar.**



Yago Marinho



Yago Beserra Marinho Martins, alagoano, natural de Arapiraca (AL). Poeta. Amante dos versos desde muito pequeno. Participante da coletânea de poesias 'Palavra é Arte', 15ª ed. (2016). Professor de Língua Portuguesa. Especialista em Neuroaprendizagem e em Metodologia do ensino da Língua Portuguesa e Literatura. Enfermeiro, especialista em Enfermagem do Trabalho e Enfermagem em Dermatologia. Atualmente Enfermeiro do município de Inhapi (AL).



PRESENÇA AMNÉSICA

Sobre seu leito de morte
poucos foram os que choraram
e sua presença ignota
tantos poucos lamentaram;
De seu nome, sua lida
dos sonhos de sua vida
muitos sequer recordaram.

Sua generosidade
não fora de nenhum valor
e sua vivacidade
ninguém rememorou.
Eis que finda a sua corrida
e sua ausência sofrida
não há um sequer que chorou.

Parte, agora, em retirada
nada deixa, rumo ao nada.
E ao fim dessa jornada
espreita-lhe a morte em uma emboscada.
Nada trouxe, nada guarda, nada leva.

Nada!



Prosas





Adonay



Adonay Dos Santos Rocha, agradeço a Deus por essa grandiosa oportunidade, sou Técnico em Agroindústria, desenvolvedor de projetos e alguns artigos por meio do IFAL-CAMPUS PIRANHAS. Sou nordestino e amante dos livros e da literatura, acredito que escrever é um ato de aprendizado, ato de desenvolvimento, um ato esclarecedor e acima de tudo um ato de imortalizar pensamentos, emoções e coisas extraordinárias. Assim envio essa minha humilde contribuição e almejo a repercussão e sucesso deste projeto.



O DEUS ÚNICO

Atualmente vemos diversas pessoas que não mais acreditam em Deus (Deus esse autor de toda vida, base do Cristianismo), percebe-se que muitos não acreditam na majestade de Deus, uns não acreditam que Cristo veio e estabeleceu seu ministério como o primogênito de Deus, e são muitos que não creem ou esquecem do nosso consolador, o Espírito Santo de Deus. Ao analisarmos tudo isto vi então a necessidade e por meio da inspiração Divina apresentarmos o Deus eterno, soberano e maravilhoso. A Trindade existe? Sim! e atuam como um só. O Deus pai, o Deus filho e o Deus Espírito Santo são os mesmos porém com atuações diferentes, mas que convergem para o bom entendimento do ser humano e desenvolvimento dessa relação entre Deus e o ser humano.

Para entender sobre o Deus Criador, o Deus Redentor e o Deus Consolador devemos ter base bíblica, devemos analisar suas características primordiais, que as considero tais como a onipotência, a onipresença e a onisciência, devemos entender um pouco sobre estas palavras, O prefixo “oni-” significa “todo”, algo que é completo, sem falhas. Assim, onipotente significa todo-poderoso, onipresente significa presente em todo lugar e onisciente significa com todo conhecimento.

A bíblia nos mostra que Deus, Cristo e o Espírito Santo são

extremamente poderoso, sábio e entendedor, e está presente. As características de onipotência, onipresença e onisciência mostram que Deus está acima de toda criatura. Ele é o nosso Senhor, salvador e consumidor de nossa fé.

Explicarei um pouco sobre características que comprovam a onipotência, onipresença e onisciência desse Deus que é extraordinariamente fantástico.

Deus: Criador (Jeová)

Onipotente: sim! pois Ele criou a todos e a tudo.

Em Jeremias 32:17 diz o seguinte: “Ah! Soberano Senhor, tu fizeste os céus e a terra pelo teu grande poder e por teu braço estendido. Nada é difícil demais para Ti.” (NVI)

Onipresente: sim! Pois não há lugar algum que Deus não esteja, sua presença preenche toda a terra e o universo.

Em salmos 139:7-8 nos diz o seguinte: Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença? Se eu subir aos céus, lá estás; se eu fizer a minha cama na sepultura, também lá estás. (NVI)

Onisciente: sim! Pois ele mesmo criou a tudo e nos deu Seu fôlego de vida. E da mesma forma que quando alguém que cria uma casa sabe a estrutura, as entradas e saídas desta mesma forma é Deus. Em Jeremias 10:12 nos diz que: “Mas foi Deus quem fez a terra com o seu poder, firmou o mundo com a sua sabedoria e estendeu os céus com o seu entendimento”

Analisar e entender portanto que existe um Deus que criou a tudo pelo seu imenso poder, a sua própria gloria e presença toma e invade toda esta terra, a sua sabedoria deu ao homem e conhece a cada pensar do ser humano”

Deus: Redentor (Jesus o Cristo)

Onipotente: sim! Pois o próprio Cristo realizou diversos milagres que estão contabilizados em relatos históricos e que foram presenciados não só por uma testemunha, mas por diversas.

Mateus um dos que relataram e presenciou diversos feitos nos diz o seguinte em seu evangelho no capítulo 28 e versículo 18: “E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no

céu e na terra.” (ACF)

Onipresente: sim! Pois além de ser Deus, de presenciar a criação de tudo e todos, e saber que Cristo veio para nossa remissão de pecados como nosso fiel advogado perante a Deus.

Jesus nos diz o seguinte em Mateus 18:20: Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali Eu estou no meio deles”. (NVI) Comprovando sua parte na trindade e sua onipresença.

Onisciente: pois Jesus pelo seu período na terra sabia o que as pessoas pensavam, sabia que Lázaro já havia morrido, sabia que os discípulos o abandonariam, sabia que Pedro o negaria, sabia que Judas iria traí-lo.

Em Mateus mais uma vez nos é dito o seguinte (Mateus 9:4): Conhecendo Jesus seus pensamentos, disse-lhes: Por que vocês pensam maldosamente em seus corações?

Assim vemos que Jesus é o verdadeiro filho de Deus, que nos redimi do pecado por seu poder, está sempre presente ao nosso lado e nos conhece fisicamente, emocionalmente, psicologicamente e esquadrinha os nossos pensamentos.

Deus: consolador (Espírito Santo)

Onipotente: embora possa ter surgido diversas crenças onde não se considera a existência e outras que não acreditam no poder do Espírito Santo quero dizer aos não cristãos que leem esse texto, e os que ainda não conhecem aceitaram Jesus em suas vidas (acreditando na santa escritura da bíblia sagrada) o Espírito Santo ele veio após a ascensão de Cristo Jesus (Lucas 24:49-53/ Marcos 16:19/Atos 1:9-11) e o Espírito Santo, o maravilhoso consolador de nossas vidas, ele opera prodígios e maravilhas, faz a transformação na vida do homem e habita em nossas vidas.

Em Romanos é testificado isto: pelo poder de sinais e maravilhas e por meio do poder do Espírito de Deus. Assim, desde Jerusalém e arredores, até o Ilírio, proclamei plenamente o evangelho de Cristo. (Romanos 15:19 NVI)

Onipresença: o nosso amado consolador foi derramado sobre toda a terra e o melhor de tudo é que Ele habita em nossas vidas, ou seja, além de estar presente sobre toda a terra Ele está presente nos

que o realmente aceitarem para habitar, isso intensifica a onipresença do Espírito Santo de Deus.

Isaias profetizou sobre a descida do Espírito Santo: até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto, e o deserto se torne em campo fértil, e o campo fértil seja reputado por um bosque. (Isaias 32:15 RA). Tal profecia se concretizou em atos no capítulo 2, é a prova que nos mostra que o Espírito Santo habita em nosso ser, em 1º coríntios 6:19 “Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos?” (NVI)

Onisciência: o Espírito Santo ele nos sonda e conhece a cada pensamento, as nossas intenções, conhecer ao ser humano é saber as falhas e fraquezas, saber os momentos de alegria e tristeza, saber sobre o ser humano é a ferramenta do Espírito Santo para nos auxiliar a enfrentar as dificuldades e conquistas. O Espírito Santo me conhece e te conhece.

Novamente em romanos nos diz o seguinte: “E aquele que sonda os corações conhece a intenção do Espírito, porque o Espírito intercede pelos Santos de acordo com a vontade de Deus.” (Romanos 8:27 NVI)

Convido a você que leu este texto a aceitar a esse Deus que é único, a esse Deus que não consigo descrever nesse texto, pois primeiramente, a sua glória é imensa e a nossa mente humana não é capaz de compreender cem por cento desse Deus, mas saber que existe um Deus que criou a tudo e a nós (seres vivos), um Deus que veio nos redimir da maldade e do pecado e saber que há um Deus que é o nosso amigo fiel e consolador, não sou teólogo ou um estudioso desta área da trindade, mas posso falar e descrever do amor, fidelidade, poder, presença e conhecimento desse Deus tão maravilhoso. Quero que todos os que leram ou irão ler esse texto possa buscar conhecer mais de Cristo, mais de Deus e mais do Espírito Santo assim como eu estou conhecendo a cada dia. Que Deus continue abençoando a sua vida e abra o seu entendimento para reconhecer e amar esse Deus assim como eu o amo. Esse Deus que não há outro igual, pois ele é o Único Deus



Alex Xela Lima

Alexsandro de Lima Pereira, ou Alex Xela Lima, é baiano de Paulo Afonso, a Capital da Energia; Licenciado em Letras (Inglês-Português), pela Faculdade Sete de Setembro – FASETE, e atua como professor da rede municipal e estadual de ensino na Bahia; É escritor com um livro publicado, *Cinquenta Tons de Poesia*, e vários textos em diversas Antologias poéticas; Considera o ato de escrever uma “nobre doença divina”, e se autodefine como “Só pó. Pó de Poesia”; É membro associado à União Brasileira de Escritores (UBE) – Núcleo Arapiraca-AL, e colunista do site Tribuna Mulungu.



A ORIGEM DO NATAL – A HISTÓRIA RECONTADA

É bem cedinho. Ouço no quintal o canto desafinado do galo que acabou de espertar. Mamãe já está de pé na cozinha simples de nossa casa de taipa preparando o café reforçado para este dia tão importante. Por uma fresta do telhado, uma luz pousa suavemente sobre ela, iluminando seu rosto alvo. É uma cena tão linda, mamãe até parece uma santa.

Papai acaba de chegar da roça, foi alimentar os bichos. Falei no plural não porque sejam muitos, mas porque são três: uma vaca, uma ovelhinha e um jumento, o Jericó. O último é o meu favorito e será nossa companhia na viagem que temos de fazer. Ouvi dizer que será uma viagem longa e exaustiva, e como mamãe está grávida, precisará bastante da ajuda do acanhado jumentinho.

Uma nuvem de preocupação cobre papai, mas ele está assim desde que soube da gravidez. Mamãe se mostra um tanto ansiosa pela viagem. E Jericó é o único que está pronto, com as trouxas nas costas.

Partimos com o sol ainda nascendo por detrás do serrote. Dá pra sentir aquele cheirinho bom de dia nascendo. Exala pelo caminho um cheiro bom do meu lugar, da minha caatinga. Papai vai na frente. Com uma das mãos, ele guia Jericó, com a outra, segura firmemente e

se delicia com uma tapioca que mamãe preparou. Eu vou aqui atrás desfrutando dos carinhos de mamãe.

Horas de caminhada se passam. Há um sol gigantesco que paira sobre nossas cabeças e nos castiga. Mas precisamos mesmo ir à cidade. Ouvi dizer que vamos resolver questão de família, coisa muito importante. Gente grande é assim mesmo, dá muita importância para algumas coisas.

Pelo caminho de terra esturricada, papai poucas palavras disse; perguntou se mamãe havia trazido café e cuscuz. Cuscuz é o pão nosso de cada dia do sertanejo e o café não pode faltar. Mamãe segue pela estrada cantarolando canções tão bonitas, que me transmitem uma sensação tão boa. Não sei como explicar, só sei que mamãe às vezes parece ser um anjo na terra.

Já passamos por vários povoados, muitas marcas de sandálias e exuberantes mandacarus ficaram para trás. A noite vem chegando mansa e tranquila. São tão bonitas as noites de dezembro, há incontáveis estrelas no céu... Mas uma estrela em especial está chamando a atenção de mamãe. Ela disse que a estrela parece nos seguir. Isto seria possível? Papai disse que ela está imaginando coisas por causa do cansaço da viagem. Deve ser o calor, é verão.

Um dia inteiro de viagem, não estou me sentindo bem. Sinto-me sufocado. Para completar a agonia, ouço um barulho esquisito. Foi Jericó! Ufa! Menos mal, não foi nada com ele, apenas uma das trouxas que desamarrou e caiu. Papai já está dando um jeito. Para meu maior espanto, ao levantar as vistas, papai aponta todo animado: — Maria, ali é Belém! Estamos bem perto agora.

Neste ínterim, mamãe, segurando o pé da barriga, grita: — José! Me acuda! O neném vai nascer!

A animação de papai, não mais que de repente, se converte em uma grande aflição. Nós avistamos a cidade, mas ainda estamos distantes e cansados, e para completar, não temos um lugar certo para passar a noite. A minha agonia aumenta cada vez mais.

Sem pestanejar, papai coloca as trouxas nas costas. O pobre Jericó carrega mamãe o mais rápido que pode. Enquanto isso, o meu mal-estar só aumenta, me sufoca. Não encontro posição que me

conforte.

A passos largos, seguimos pela estrada, descemos um último alto antes de entrar pela rua principal da cidade. As pessoas nos olham esquisitas, cheias de desconfiança e estranheza. Papai puxa do bolso de sua camisa um pedaço de papel com um endereço que tia Isabel havia lhe dado dias antes. Entramos por uma rua estreita.

— É aqui! Encontrei a pousada. — anuncia papai.

Ele bate a aldrava na porta. Mamãe sente dores. Bate novamente. É alta noite. Mamãe sente dores cada vez mais fortes. Em paralelo a isso, minha agonia se torna insuportável, eu preciso sair daqui. Papai empunha fortemente a aldrava e bate terceira vez. Nada se abre. Mamãe se contorce num grito. E um senhor com semblante irritado, enfim, entreabre a porta.

— Aleluia! — suspira mamãe.

O homem da pousada, por trás de seus bigodes encurvados, pergunta o que queremos ali àquela hora. Papai tropeçando nas palavras lhe explica o ocorrido e ouve a dura recusa: — Não temos vagas na pousada e isso daqui não é hospital.

Papai, sem argumentos, olhando pro céu, como que implorando, balbucia: — Eloim, Eloim, onde estás?

De súbito, uma senhora esbaforida atravessa a rua e impera sobre nós: — Venham comigo! Eu tenho um lugar para vocês.

De um salto, atravessamos a rua, papai com as trouxas nas costas, mamãe sendo conduzida por aquela senhora, Jericó correndo atrás e eu já vendo tudo ficar branco à minha frente. Não suporto mais essa agonia.

Papai percebe que não há mais tempo de chegarmos na casa, adentra por uma cancela, entramos em um celeiro. Mamãe não se aguenta mais em pé. — O neném vai nascer aqui. — ela repete. Do meu lugar, não vejo mais nada, apenas uma luz...

Ouçõ mamãe conceber um grito intenso... Neste instante, mergulho na luz que se abre a mim e começo a chorar...

Meu pai chora, todos à volta de minha mãe choram. Acredito que até Jericó está chorando de alívio e de alegria neste momento.

Papai, numa mistura de riso e choro, olhando para mim

amorosamente, comemora: — Maria, nosso Emanuel nos nasceu. Há no recinto inimaginado uma alegria contagiante que abraça a todos.

Eu, agora, liberto da agonia e dentro de um balaio de cipó, olho na direção da porta e consigo ver a estrela que mamãe falou e posso afirmar que ela é extremamente linda, como um diamante brilhando no céu.

Sem que esperássemos, entram pela porta três homens vestidos de roupas de couro, chapéus na cabeça e chibatas na mão. Os intrigantes visitantes se apressando, retiram de seus alforjes pequeninas sandálias de couro, uma quartinha com água fresca e um gibão de belíssimos bordados, os quais são colocados juntos a mim.

Extasiados, em unânime, levantam as mãos ao céu e anunciam: — Nasceu o Salvador do Sertão!



Aparecida Carvalho

Maria Aparecida da Silva Carvalho é graduanda em Licenciatura em Geografia na Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL, campus III, e fotógrafa amadora a todo o momento, ama a natureza e registrar a mesma. É natural de Terezinha/PE.



A EXISTÊNCIA DO AMOR

Você acredita no amor? Quantas vezes somos capazes de amar alguém? Uma, duas, nenhuma vez? Há quem acredite em amor à primeira vista, amor eterno e há quem acredite que o amor é construído com o tempo. Acredito que essas respostas estão dentro de cada um de nós.

Quando conhecemos alguém por acaso ou não, temos a escolha de embarcar nessa aventura misteriosa, a partir do momento que você aceita está literalmente se arriscando, e o amor é isso, é se arriscar, é querer ver no outro o que está dentro de você e quando percebemos que nada existiu naquele momento é um fim, um fim do que existiu apenas para um, é o fim do que permanece existindo dentro desse um, isso causa uma dor quase insuportável, não se sinta egoísta por pensar isso, mesmo que talvez seja afinal, as pessoas sentem dores por diversos motivos que podem ser bem piores.

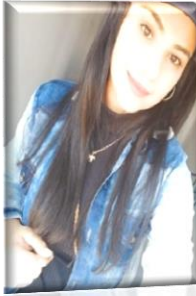
A dor trazida pelo amor nos coloca em uma tristeza que vem de dentro, o céu, as flores, as árvores, as cores, o mundo continua do mesmo jeito, somos nós que procurando uma maneira de nos aliviarmos ou algo do tipo, dizemos para nós mesmos que o dia amanheceu diferente, que o sol não brilha como antes, o vento não mais sorrir pra você, quando na verdade somos nós que paramos de

sorrir para nós mesmos, a verdade é que somos eternos aprendizes no que diz respeito ao coração.

Amamos a dois e amamos sozinhos, e quando isso acontecer vão sair lágrimas de seus olhos, mas não se assuste as pobres lágrimas de nada tem culpa, o amor tem disso tem o poder de te ferir e de te curar, peça desculpas ao seu coração e siga em frente.

Somos finitos em cada vida que vivemos, nenhuma alegria é eterna como também nenhum sofrimento dura pra sempre, e no fim quando a tempestade passar, vamos passar por tudo isso de novo, finitas vezes, porque amar é isso, é tentar e se arriscar finitamente.

Se eu acredito no amor? Bem, eu acredito no “meu” amor.



Carla Daniely

Carla Daniely; (educadora, escritora, romancista, poetisa, contista, cronista, antologista, redatora, roteirista...). Escreve desde 8 anos de idade. Atualmente reside na linda e acolhedora cidade de Porto da Folha/SE. Licenciada em Pedagogia; Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica; Pós-graduada em Gestão Escolar, Coordenação e Orientação Pedagógica. Participou de diversas Antologias nos seguintes Estados: Sergipe, Alagoas, Bahia, Minas Gerais e Amazonas; Participou de diversas Antologias Virtuais. É uma das Organizadoras da Antologia/Encontro de Escritores e Leitores Portofolhenses & Convidados da cidade de Porto da Folha-SE. Membro da Diretoria da Academia Virtual de Letras de Serra

Talhada-PE. Organizadora da Antologia (Virtual) Entrelinhas do Amor. Escreveu três livros e ainda não estão publicados. Apaixonada por letras, romances, versos e poesias... Instagram: @escritora_carladaniely Email: escritora.carladaniely@gmail.com

PÁSSARO AZUL

O lindo pássaro azul na perfeita montanha, onde as nuvens alcançam o sol radiante, o canto melancólico do pássaro azul, faz-me entender que o lugar é fascinante nos contrastes naturais junto à realza dos outros animais.

Outrora o vento traz a leveza de um espírito reluzente, necessitando da minha presença humana numa sintonia celestial. Era o pássaro azul envolvendo-se ao meu corpo trazendo-me a paz que eu tanto precisava no momento, no meu semblante lágrimas deslizaram como chuva no solo fértil. Senti o espírito santo invadindo o meu ser na majestade do encanto e conduzindo-me até o céu, onde o meu pranto desmanchou-se no paraíso das flores.

Surgiu um lindo jardim naquele lugar infinito entre ventos e calmaria. Clamei ao meu Deus para que eu permanecesse no paraíso para todo o sempre.

Na divindade da minha alma tão especial o pássaro azul estava a se transformar em um lindo lago azul e eu continuei a me encantar.



Ginaldo De Jesus



Ginaldo de Jesus é ocupante da Cadeira nº 20 do Movimento Cultural da Academia Sergipana de Letras. É graduado em Pedagogia e Pós-Graduado em Didática e Ética e Filosofia. É professor e coordenador pedagógico dos cursos de Filosofia e de Teologia do Seminário Maior de Aracaju. É membro-diretor da Associação Sergipana de Imprensa. É autor dos livros “A Vida Como Vocação” (2018) e “Concepções Póéticas” (2019). Participou das Antologias: “*Letras em Movimento*”, da Academia Sergipana de Letras, “*Ecos do Murilo*”, alusiva aos 70 Anos do Colégio Murilo Braga, de Itabaiana (2019). I *Antologia de Escritores Porto-Folhense* (lançada em fev/2020). Aindas: III *Antologia Poética de Sergipe*; VII *Antologia de Escritores Canindenses*; I *Antologia de Escritores Arapiraquenses* e *Livro 60 Anos da Diocese de Estância (SE)* – Todos previstos para 2020.



SOL: TRISTEZA, DOR E ALEGRIA!

Sol, astro-rei, estrela de primeira grandeza; indispensável para a vida na terra. Fruto de bondade do Criador, “Pois ele fez nascer o seu sol sobre maus e bons...” (Mt 5,45). Ou seja, o sol nasce para todos. No entanto, para o sofrido Povo do Sertão, o sol é, ao mesmo tempo, alegria e tristeza. A sua forte presença, aliada à constante falta de chuvas, vê-se perder a lavoura, o gado, a vida!

Por outro lado, para as pessoas das cidades litorâneas e ribeirinhas, freqüentadoras das praias e dos doces banhos de rio e cachoeiras, a presença do sol é motivo de alegria. Especialmente aos domingos ou em períodos de férias, ao abrir a janela, pela manhã, é costume dizermos: “*Oba! O sol hoje vai dar praia*”.

É com esse olhar, que nesta singela crônica, queremos retratar, em alguns mal traçados versos, alguns dos aspectos influenciadores decorrentes da presença da nossa Estrela-Maior: O sol!

O Sol: O sol é luz que a todos ilumina e quem anda na Luz não tropeça. Quem dela se desvia carece, muitas vezes se auto-elimina. O sol nasce para todos, e a todos faz bem! Mas, quando chega o ocaso, é para todos também.

Contraditório: O mesmo sol que dá alegria para os banhistas e a todos nós, em diversas outras necessidades (...), trás, também, tristeza e gera para milhares de outras pessoas, a ‘Dor da Seca’, retratada nos versos a seguir:

A dor da seca: Dói ver a plantação na terra torrar / dói, ver o gado no pasto morrer / dói a falta de chuva para molhar / dói a falta de água para beber. Dói ver o homem sentado no batente / dói, no horizonte o seu olhar / dói, no rosto o ar descontente / dói não saber em quem esperar. Dói ver o pote seco / dói ver a panela vazia / dói ver a criança desnutrida / dói ver do rico a apatia. Dói ver a indiferença / dói não ter o minguado salário / dói ter que pedir o caixão / dói enterrar o “seu Olegário”. (Olegário, nome fictício para designar as centenas de homens mortos em decorrência da seca do Sertão Brasileiro).

Dor, tristeza, alegria, fé e festa. Assim é a vida no Sertão, mas, apesar de tudo isso, daqui eu não saio não.

Vida no Sertão: No Sertão é assim: Tristeza e alegria, essa é a vida! Parece nunca ter fim, o sofrimento dessa vida. Tristeza, pela seca, que assola o nosso chão. Alegria, pela chuva quando chega de montão. Tristeza, pela perda da plantação. Alegria pela colheita, quando cai chuva no chão. Tristeza, pela fuga não planejada. Alegria pela volta, embora demorada. Tristeza, pelos que morrem famintos. Alegria pelos que nascem. E como nasce menino! Tristeza, ao olhar a cinzenta imensidão. Alegria na festa do Santo e também na Santa Missão. Tristeza, na dor, na morte e no toró. Alegria nas festas, no folclore e no forró. Assim é o nosso chão, assim é vida no Sertão!

Contrastando com a dureza da vida no Sertão, encontramos a beleza das praias no nosso querido Nordeste. E que praias! Da Bahia ao Maranhão, encontramos nesse vasto Litoral, praias que nos “enchem os olhos”, e que nos dão a oportunidade de nos render diante da magnitude do Criador, a exemplo das belas praias de Sergipe.

Praias de Sergipe: Sergipe tem muitas praias. Todas de igual valor! Abaís, Saco, Caueira, Pirambu e Atalaia, a “praia do amor”. Muitas outras existem no nosso rico Litoral, freqüentadas o ano inteiro, principalmente no Réveillon e no Carnaval. Cerveja gelada, caranguejo, caldinho de feijão, mocotó e sururu. Peixe na brasa, churrasco, carne do sol, moqueca de peixe, siri e aratu.

Assim são as praias de Sergipe, lugar de muito amor. Lindas garotas, de pele morena, beijadas pelo sol, com seu intenso calor. Viva o Astro-Rei! Viva o Sol!



Domingos Pascoal



Nasceu no Cantodoamaistempo município de Groaíras, no Ceará. Mora em Sergipe há 32 anos, filho de Sebastião Ximenes Melo e Lídia Ximenes de Melo, estudou Filosofia e Ciência Jurídicas, pós graduou-se em Gestão Estratégica de Pessoas. Servidor da Justiça Federal do Trabalho, aposentado. É professor, palestrante, jornalista, escritor, advogado, radialista. Ocupa a Cadeira 17 da Academia Sergipana de Letras e, pelo seu ativismo literário e estímulo na criação de mais de 20 Arcádias Literárias nos municípios de Sergipe e noutros Estados, tornou-se membro efetivo das Academias: Maçônica Sergipana de Artes, Ciências e Letras; Gloriense de Letras; Doreense de Letras; Cristinapolitana de Letras; Japoatanense de Letras; Estanciana de Letras;

Aquidabãense de Letras; Canindeense de Letras; Groaírense de Letras, Ceará; Brasil Suíça, seccional Sergipe e presidente de honra, sócio honorário, benemérito ou correspondente de quase todas Academias Literárias sergipanas e, de algumas de outros Estado. Criador e organizador do primeiro Encontro de Escritores acontecido em Sergipe e da primeira Antologia Literária produzida neste estado; Criador e Organizador do Concursos Literários da Loja Maçônica Cotinguiba, promove Feiras de Livros, é um dos criadores e Curador da Bienal do Livro de Itabaiana e cede o seu nome para um evento literário, denominado “Dpascoal de Cultura e Arte de Japoatã”.



METAMORFOSES DA VIDA

Uma historinha muito interessante circula pela internet. É aquela do cientista que resolveu investigar como acontecia a metamorfose da lagarta em borboleta.

Pois é, ele iniciou sua investigação desde quando a lagartinha parou em determinado local de uma árvore, expeliu dois fiozinhos de seda e se pendurou, de forma segura, num determinado local.

Logo o cientista percebeu que ela estava sendo envolvida por uma carapaça. Ele anotava, fotografava e filmava tudo. Viu quando aquela membrana rígida a envolveu por completo e a imobilizou.

Ela, ao que parece, resignada, ficou paradinha naquela prisão medonha.

Em seguida o pesquisador percebeu que havia movimentos no interior do casulo. A lagarta se mexia compassadamente em estágios de espasmos e repousos. Todavia, com o passar do tempo, a

movimentação se intensificou muito, eram movimentos fortes e constantes e, ao que parecia, a lagartinha não ia resistir... O tempo passou e aqueles movimentos e paradas permaneciam.

Quase do nada, apareceu um pequeno e quase invisível furo na casca que a revertia e de dentro para fora estava havendo um grande trabalho sendo executado para alargar aquela passagem, muito esforço estava sendo empregado naquela operação.

Tudo indicava que ela queria sair dali o quanto antes, só que o progresso era imperceptível, a parede do casulo não cedia, ao que parecia era que a lagartinha não ia conseguir romper a membrana que a aprisionava. Talvez não saísse a tempo e morresse de tanto esforço dispendido e sem ar.

Pensou o cientista: e se eu fizer um pequeno corte alargando esta passagem? Foi o que fez. Com um minúsculo estilete cortou um pouquinho de um lado do furo, imaginava ele, agora ela sairá tranquila e voará para a liberdade, como deve ser uma lagarta metamorfoseada de borboleta.

Mas não foi bem assim. Sair ela saiu, mas nunca voou, suas asas não estavam devidamente formadas, faltavam-lhes o enrijecimento da musculatura. Elas estavam formadas e desenvolvidas, mas sem firmeza, frágeis e emboladas.

A lagarta que saíria dali como um ser voante, voltou a rastejar e logo morreu. Aqueles espasmos e o tempo/demora para romper a parede da prisão que a encarcerava ofereciam exatamente a resistência e o exercício físico, necessário e indispensáveis para a plena formação da musculatura daquelas frágeis asas.

A ajuda do cientista tirou o tempo e o esforço, facilitou e antecipou a sua saída. Ela não estava no ponto de sair. Não estava “madura”, aquela que seria mais uma linda borboleta a borboletear no mundo não voou, voltou a se arrastar pelo chão...

Você já percebeu que nós, seres humanos, também passamos por metamorfoses? Aliás, as metamorfoses humanas acontecem quase que diariamente, como diz Mário Quintana, no poema, O Tempo: “A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa. Quando se vê, já são seis horas! Quando se vê, já é sexta-feira! Quando se vê, já é

natal... Quando se vê, já terminou o ano ...". Nascemos crianças indefesas e dependentes que sequer rastejamos, nos transformamos em rastejantes, andantes e, sobretudo, pensantes. A exemplo da lagarta, nós também passamos pelas mesmas dificuldades, enfrentamos obstáculos, às vezes quase intransponíveis, únicos, exclusivos e individuais, etapas e processos que somente a pessoa, individual, solitária e por conta própria, pode e deve ultrapassar.

No início da vida, tempo de muita preparação e cuidado, deve haver uma boa orientação para que a criança enfrente, e ultrapasse, os obstáculos típicos de cada etapa por si própria, igual ao que deveria ter acontecido ao minúsculo furinho na carapaça que envolvia a lagartinha e que deveria ter sido alargado por seu próprio esforço e sofrimento. Nada de aparecer um “cientista maluco” e alargar a passagem, fazendo por ela o que deverá somente por ela ser feito.

O adulto (cientista) pode até ajudar, orientar, educar, não pode e nem deve fazer por ela. Nenhuma mãe, por mais que queira, poderá andar por seu filhinho, somente ele poderá andar, com o sacrifício que parece ser demasiado para ele que nunca andou. De igual modo, nenhum dos pais, professor ou amigo poderá ler, aprender ou fazer nenhuma tarefa exclusiva do aluno. Como tudo o que for necessário incorporar ao seu universo educacional, deve ser operacionalizado por ele exclusivamente, com assistência e orientação, é claro.

A criança tem que aprender a superar os obstáculos próprios da sua idade sozinha, acertar, errar e aprender. Creio ser um equívoco evitar decepções e frustrações, elas fazem parte da vida e somente o enfrentamento fortalece o caráter e conduz ao desenvolvimento mais harmonioso.

Com certeza lá na frente eles irão encontrá-las e vão ter que resolver, sozinhos, então é melhor que já as tenham experimentado. Como diz Madre Tereza de Calcutá: “Ensinarás a voar... Mas não voarão o teu voo. Ensinarás a sonhar... Mas não sonharão o teu sonho. Ensinarás a viver... Mas não viverão a tua vida. Ensinarás a cantar... Mas não cantarão a tua canção. Ensinarás a pensar... Mas não pensarão o teu pensamento. Porém, saberás que cada vez que voem, sonhem, vivam, cantem e pensem... estará a semente do caminho

ensinado e aprendido!”.

Acredito que sempre há uma oportunidade de APRENDER a APRENDER. Por tal razão transcrevo aqui, o prático e simples Método Montessori, que fala sobre o que as crianças podem fazer para ajudar em casa se educando para a vida, desde muito cedo: dos 2 aos 3 anos, a criança já pode guardar seus sapatinhos no lugar definido, tirar seu prato da mesa e levar para a pia, colocar a sua roupa suja no cesto, tirar a própria roupa, colocar guardanapo na mesa, pegar frutas e legumes na fruteira.

Dos 4 aos 5 anos, arrumar a cama, colocar sua roupa suja na máquina de lavar, guardar as suas roupas limpas, guardar parte da louça, ajudar a por a mesa, separar lixo, tirar pó de superfícies acessíveis, regar plantas.

Dos 6 aos 8 anos, lavar louça, por e tirar a mesa, tirar o lixo da casa, varrer, passar o aspirador, guardar as compras, pendurar roupas no varal do chão.

Dos 9 aos 11 anos, preparar lanches rápidos, limpar móveis, limpar espelhos, trocar roupa de cama, cuidar de animais de estimação, ajudar no preparo do jantar, guardar louças, fazer listas de mercados.

Dos 12 aos 14 anos, limpar banheiros, por roupa para lavar, passar pano no chão, cuidar das plantas, cuidar dos irmãos mais novos, preparar pequenas refeições, fazer compras rápidas, separar contas a pagar.

Acredite, se assim criar seu filho, você vai ter a grande possibilidade de ver, no futuro, uma pessoa que com mais facilidade resolverá problemas do cotidiano, pensa por si mesma, com bom caráter, um bom pai, um comprometido marido, um bom profissional, um bom cidadão brasileiro.

Mas se você não acreditar e, com o seu “estilete” do orgulho, dizer que seus filhos não podem nem devem ter obrigações, frustrações nem trabalhar... Acredite, há grandes chances de lamentações no futuro bem próximo. Pense nisso. A educação, o conhecimento e os bons hábitos e costumes são, sem dúvidas, as melhores heranças que você poderá deixar para um filho.



Eduarda Leite



Me chamo Maria Eduarda Leite De Matos, tenho 19 anos. Moro no Sítio Passagem Velha, município de Maravilha-AL. Sou estudante e almejo publicar um livro sobre minha trajetória. Minha família, minha base



FALANDO SOBRE A VIDA

A menina, batalhadora, sonhadora e otimista. Eduarda sempre foi dedicada aos estudos, todas às atividades escolares ela respondia, em casa também a mesma era obediente aos pais. Em 2018, ela fez um curso de agente de desenvolvimento cooperativista, nesse curso ela sofria muito bullying, por agir de forma diferente de seus colegas, em virtude dessa convivência ela foi se esgotando, quando foi em 2019, Eduarda foi diagnosticada com depressão, a famosa doença do século XXI. Tudo parecia ter acabado, mas Deus em sua infinita bondade não deixou isso acontecer. Foram muitas orações de seus amigos, familiares e próximos. Então foi desta maneira que venci a depressão: com ajuda de Deus. Portanto, você que está sofrendo de depressão, lembre-se: Deus te ama, exatamente como és, com todos defeitos, imperfeições e etc, só mais coisa... faça aquilo que gosta, mesmo que os outros lhe critique. Priorize sua vida, viva para você!. Abraços literários, boa leitura!



Beleu

Nascido no município de Japaratuba - SE. Gleison da Silva Santos é filho de Givaldo Paulo de Jesus Santos e Sidonia Maria da Silva Neta Santos. É graduando no curso de Letras Português - Espanhol. O escritor vive em uma atmosfera distante de tudo, vive na fantasia da imaginação. "Posso ter tudo o que quero, porque nada escapa de minha mente. Capto uma paisagem, um ser ou objeto e transformo-os em uma crônica ou conto. Quero que minhas obras tenham impacto e inspirem sua vida."

AOS DOMINGOS

Não entendia direito por que tia Lindalva todo santo dia pedia para ver meu gogó. Até comecei a achar que estava caducando "você vai ser um menino safado" e saía com a bíblia debaixo do braço, tia Lindalva sempre foi de juízo, não era casada, nem se quer teve namorado, era católica daquelas que não largava a bíblia por nada. Às vezes vinha uma vontade de perguntar por que ela não era casada, mas tinha medo de levar um tabefe no meio da cara. Eu já estava com alguns fios de cabelo no rosto já estava na idade certa para estudar catequese, era outra curiosidade que tinha sobre minha tia, por que ela só ensinava catequese quando os meninos começavam a apontar os primeiros fios de cabelo no rosto? Ela sempre dizia que eu estava novo para entender as coisas de Deus. "Quando você estiver com o gogó grande, você entra" em certos momentos, cheguei a achar que ela não era minha tia, até tomar ovo cru já tinha tomado, para crescer o gogó.

O sol já estava ficando frio e tia Lindalva nada de voltar da igreja. Nove e meia e lá vinha ela cumprimentando cada cidadão que encontrava na rua, aquele não era o jeito de tia Lindalva. Até cheguei a estranhar aquela feição dela, só tinha visto aquela expressão na

morte de Getúlio. Ao entrar em casa, não falou comigo nem com meu avô, foi direto para o quarto, parecia que estava em outro plano. Eu realmente tinha muitas curiosidades sobre tia Lindalva e uma das que mais me perturbavam era por que toda vez que ela ensinava a oração de São Raimundo, ela vinha tão desorientada da vida. Eu achava que era porque a oração era muito forte. Foi quando, em um dia de sábado, minha tia olhou para o meu gogó e disse “Menino do gogó grande, já está na hora de estudar a catequese” ela nem imaginava quantos ovos desapareceram do ninho, meu avô, coitado, achava que eram os ratos.

Enfim chegou o tão esperado domingo! Botei minha melhor roupa e fiquei esperando minha tia com vestido domingueiro dela, cobrindo dos pés à cabeça para não perder a decência. “Para que essa arrumação toda?” Nesse dia, ela nem olhou para o meu gogó e inexplicavelmente alisou minha barriga.

Lá estava eu, indo ladeira abaixo com os demais garotos sem saber dos olhares que aqueles meninos me lançavam, todos com olhar de piedade, eu nem imagina o que estava por vir. Ao entrar no anexo da sacristia, minha tia pediu para que os meninos abrissem a bíblia, olhava de rosto em rosto para ver se estávamos com a barba apontando. Eu tinha alguns fios de cabelo no queixo, mas eram o suficiente para ela, os meninos como já estavam há muito tempo na catequese, rezavam só. Minha tia ficava sozinha com os novatos no quartinho do fundo do anexo. E agora era a minha vez de visitar esse quartinho. Nesse dia tirei todas as minhas dúvidas sobre minha tia. Ao entrar naquele minúsculo quartinho, imaginei que faríamos algum tipo de reza especial, porém, para o meu espanto, minha tia pediu para que eu esfregasse o meu rosto no seu busto, eu achei um pouco estranho “Esfregue. Quero sentir a pulsação dos seus pecados e tire toda sua roupa. Vamos ficar pelados como Adão e Eva no paraíso”, assim ficamos. Eu não estava entendendo o porquê daquilo e para completar minha aflição, ela fez o sinal da cruz, olhou nos meus olhos e disse “entre dentro de mim.” Ela começou a se expor lentamente e quando percebi já estava dentro dela. A sua voz sussurrada fungava meu pescoço. Depois de muito tempo senti um líquido quente

descendo pelas minhas pernas.

Nesse dia quando cheguei em casa, encontrei meu avô sentado no sofá com um senhor engravatado todo engomado, eu nunca tinha visto tanta compostura em uma pessoa só e senti um tremor ao tentar imaginar o que aquele ser estava fazendo ali. Meu avô pediu para que eu sentasse com eles no sofá. Depois de muito lengalenga o engravatado puxou um papel (o que me deixou ainda mais aterrorizado), dizendo que meus pais biológicos queriam me conhecer.



Betty



ELISETE SOUSA DOS SANTOS, residente e domiciliada na Rua Zito. Batista, 318 Monte Castelo Teresina – Piauí CEP 64017350, natural de São Luís Maranhão. Fone (86) 99530111/ (86) 94085328 (86) 88160332.

E-mail bethssantos@hotmail.com.

Toda sua formação acadêmica em Belém do Pará. É Mestre em Ciências da Educação Universidade Tecnológica Intercontinental-PY. Bacharelado em Administração de Empresa UEPA-1986. Licenciatura Plena em Letras-UESPI-2001. Serviço Social - UESPI – 2018. Especialista em Docência Superior-SJTD-2003. Especialista em Psicopedagoga Institucional/Clinica-2012. Doutoranda em Ciências da Educação Universidade Tecnológica

Intercontinental PY. Atualmente atua como Assessora social Municipal, professora de Educação Especializada, Palestrante, Ministrantes de vários cursos e capacitações e Assistente Social Voluntária das pessoas em situação de rua de Teresina-Piauí. Possui inúmeras qualificações profissionais nas áreas da Educação, Saúde e Assistência Social com participações em Fóruns, Conferências, Simpósios nacionais e internacionais. Possui Cinco livros publicados, 17 artigos publicados dos quais 08 foi expositora, participou da 1ª Banca de Avaliação e Artigos e Produções Científicas, Prêmio Eva Abreu, II Simpósio em Home Care do Estado do Piauí Tema: Gerontologia em Home Care: O direito de Ser cuidado. É autora projetista de cinco simpósios em Home Care do Estado do Piauí.



VIVER OU REVIVER.

Emancipe-se do ataque do passado e acate levemente o hoje. É descomplicado? Quem disse que prefere a paz da mentira do que as turbulência da verdade.

O que se faz na terça estando na quarta? Nada, só lembrar. Sentir saudades, reviver os sentimentos e emoções da terça ...VIDA =VIVER E NÃO REVIVER.

A carga do ontem nos atrasa e nos faz perder as forças necessárias para viver o agora do hoje.

Quando ficamos revivendo momentos felizes ou tristes, bons ou ruins, ou ficamos pensando no que devia ter dito ou não, ter feito ou não. Ficamos parados no tempo. Podemos lembrar e relembrar, porém reviver prende as decisões da vida no dia a dia.

É significativo refletir e compreender que se prosseguirmos vivendo no passado, estamos fadado ao adoecimento físico, mental e emocional...Verifique que tudo que aconteceu ontem não pode ser mudado e nem vivido novamente, pois nós já não somos a mesma pessoa, avançamos e sofremos alterações a cada dia e, vivemos cada situação com a experiência que temos no momento. Não mais naquele momento.

Ao lembrar do passado você julga o que você fez, com base no aprendizado que você tem hoje, e com certeza você tem uma outra visão hoje.

Inúmeras situações mudaram e você hoje é mais experiente... Portanto, solte o peso do passado e deixe a leveza do presente puxar a cadeira e sentar ao seu lado no presente...Do outrora é saudável levar somente o aprendizado. Traumas, culpa, medo, aflições, ódios, infortúnios devem ser deixados para trás...Essas energias são só cargas pesadas.

Viva! E não reviva! Esteja presente no hoje! Viva o hoje transmitindo o seu melhor e deixe o futuro lhe esperando como Cristo, sempre de braços abertos, pensamentos positivo é uma oração do agora e do hoje. O amanhã é só amanhã, A vida é AGORA.

VIVER É MELHOR QUE SONHAR* Mas sonhar é a meta de atitudes do HOJE.

ED-MAR ETERNAMENTE!

Elisete Sousa dos santos - BETTY

Emerval Sousa dos Santos

Incomparável porém Igual a todos. Um humano que era humano, com angústias, defeitos, problemas, mas humano fora da estatística. Ignorava o ódio e a maldade e sempre suas reações eram tomadas pela paciência em todos os momentos da vida. Suas amarguras eram silenciosas, para que sua tristeza não refletisse nos amigos... Discreto em seus sofrimentos e vicissitudes da vida.

A alegria era sua marca registrada, seu cartão postal era um

grandioso sorriso. Sempre hilário em suas risadas sonoras. Jargões não lhe faltavam para enfeitar as piores e boas situações da vida como: E aí minha peixa? E aí minha chefa? Iuri. Moou, moou. “Eu não passo manteiga no bigode do gato” Ah!...**EDMAR, MEU, GORÃO** como era carinhosamente chamado por amigos e familiares foi para os amigos um exemplo de companheirismo e fraternidade.

Para família o irmão sorridente. Para nós (**BETTY/ZATTA**) seus confidentes. Não parecia mas era seu estilo ver nas adversidades uma benção ou uma lição. Altruísta de bom coração estava sempre de mãos estendidas para quem dele precisasse e sempre esperançoso dizia: Conhece minha tia? TIACALMA? Vai melhorar! Amava ajudar. Do pouco que tinha partilhava... atitudes não lhe faltavam quando a necessidade batia á sua porta. Brincalhão e palhaço adorava as crianças, tanto que era confundido com elas.

Animais sua eterna paixão e ganha pão...Especialmente cachorro, era tão transparente essa paixão que suas redes sociais tinha como tema **“Bom pra Cachorro”** e suas chamadas para trabalho era **EDCÃO**, Não corroborava com injustiças. Um goleiro de dedos mínimos aleijado de tanto salvar os gols na ponta dos dedos, que exibia sem nenhum constrangimento ou preconceito.

O mundo era seu livro de cabeceira, Seus argumentos eram coselhos para muitos amigos, seu raciocínio lógico e preciso covencia através da leitura de suas experiências.

Ah, meu palhaço sorridente... Vai fazer muita gente ainda chorar e sentir sua falta nas rodas de conversas, nas mesas de bares, nos campos de futebol, no bairro em que viveu e no bairro em que existiu.

Você foi um guerreiro que lutou com suas próprias armas, foi intenso, amigo...Fez feliz muita gente... Foi exemplo pra muita gente...Incentivou muita gente. Tem professor escritor hoje, graças a seu incentivo.

Não há borracha que apague suas memórias. Seus jargões ecoarão eternamente em cada canto do Tambaú e da minha casa. Não faltará lugar para lembrar e relembrar uma história, das muitas estórias que você contou, parece que viveu e aprontou.

O ser humano que coloriu e fez sorrir o coração de almas que queriam chorar. Resolvia da tempestade á calmaria tudo com um sorriso largo e verdadeiro. Seu sarcasmo carregava o humor como arma e sua ironia em tudo, carrega o humor como escudo. Sempre via o invisível no visível. Em paz deixou muita gente.



Camile

Camile Souza Barreto, tem 17 anos, é brasileira, solteira, filha de Marilene das Neves Souza Barreto e Carlos Jorge Xavier Barreto, é natural de Paulo Afonso- BA e reside na cidade de Delmiro Gouveia- AL desde os 2 anos de idade. É estudante do ensino integral da terceira série do ensino médio na escola Luiz Augusto Azevedo de Menezes no referido município.

A VIDA FORA E DENTRO DA PANDEMIA

Os dias são assim, eu acordo, levanto da cama, tomo banho, tomo café e vou à escola. Amo a minha rotina, sempre é do mesmo jeito, durante a semana passo pelo mesmo caminho e escuto todos os sons repetidamente. Em frente à minha casa tem uma oficina e os barulhos são bem perceptíveis, mas é algo que já me acostumei, assim como o sino da igreja, que fica ao lado da minha casa e toca todos os domingos as 18h, indicando que a missa está prestes a começar e que os fiéis precisam se apressar. Mas infelizmente a rotina não vem sendo a mesma, fui surpreendida por uma pandemia que está assolando o mundo por inteiro e assim, estou aprendendo a lidar com o mundo virtual, algo que nunca pensei que iria passar. Por isso, é preciso se reinventar e buscar novas formas de seguir os trabalhos, evitando sair de casa. Confesso que queria ir ao centro da cidade, olhar o movimento, tomar um sorvete na praça ou até mesmo olhar as vitrines das lojas, perguntar o preço e sair sem comprar nada, porém o momento atual é destinado apenas para refletir e resguardar a si mesmo.

Hoje, eu acordo um pouco mais tarde, tomo banho, tomo café da manhã, arrumo meu quarto, estudo as disciplinas referentes ao dia, pratico atividades físicas e busco me ocupar em

cada instante dentro de casa. As horas demoram a passar, a perna começa a balançar e a cabeça para de pensar. Nem todos os dias a motivação aparece, as vezes é preciso que eu a chame com muito carinho, pois eu gosto de me ocupar, fazer minhas obrigações e no final do dia sentir aquele cansaço natural, que me satisfaz e me confirma que o dia foi bem produtivo. Confirmando que é um pouco difícil, mas também não é impossível, sei que sou capaz de superar as dificuldades presentes



Cida Quelé



Cida Quelé, filha de Manoel Quelé e Bernadete Tenório, mãe de poetas e professora. Desde 2018 vem participando de antologias de cartas e contos, em cidades nordestinas. Em 2019 participou do livro Ontem, Hoje, Amanhã Talvez Contos de Amor, da Editora Andross, com o conto Um porto seguro, que é um dos contos finalistas para o Prêmio Strix de Literatura 2020, do Grupo Andross. Em 2020, além de ter participado do livro de contos Insólito, das Edições Cavalô Café, participou também de Antologias em cidades nordestinas e de coletâneas de contos e de microcontos da Editora Andross, cujos lançamentos foram adiados por conta da pandemia.



UM LIVRO MARCANTE

A ansiedade dominava Sofia de tal maneira que, pela milésima vez, a fazia conferir se a passagem e a documentação para o embarque estavam de fato no bolso da sua jaqueta. Sentia-se como uma adolescente novamente. Pernas e mãos trêmulas, olhar brilhante. Viajar de avião sempre fora para ela um motivo de agonia, uma tortura que só passava quando pisava novamente em terra firme, entretanto, a ansiedade era tanta pelo que viria ao descer do avião, que não conseguiu ter tempo para os seus medos e fobias de voar.

Olhou mais uma vez para o celular para conferir a hora, mais de duas horas para continuar ali esperando pelo embarque. Viera cedo demais para o aeroporto. Tentou se concentrar na leitura do livro que trouxera, mas não conseguiu, por isso se permitiu deixar os pensamentos fluírem trazendo as lembranças dos últimos anos de sua vida.

Mais especificamente dos últimos cinco anos, em que seu casamento desandou de vez, culminando com o flagrante da traição de seu marido, cujo caráter duvidoso ainda o fez inventar mentiras deslavadas, numa tentativa infrutífera de continuar enganando-a. Um pouco antes desse dia fatídico, Sofia lembrava-se que, em uma

madrugada insone por conta das ausências constantes e sempre muito bem “explicadinhas” de seu marido, ela decidira deixar a imaginação correr e, diante do seu surrado notebook, escrevera um conto de amor, talvez porque sentisse que precisava continuar acreditando no amor. E, a partir daquela madrugada, sempre que se via à beira de entrar numa depressão por conta de todas as mágoas e tristezas nas quais ela vivia e tinha que disfarçar para todos, ela escrevia e reescrevia contos de amor, histórias com finais felizes ou esperançosos.

Até que um dia criou coragem e encaminhou um dos seus contos para tentar participar de uma antologia que estava sendo organizada em uma cidade próxima. A emoção de ver o seu conto fazendo parte de um livro a transportou para um outro nível de superação da realidade e, depois disso, passou a enviar seus contos para todas as antologias que ela foi tendo conhecimento. Seu núcleo de amizade cresceu e passou a conhecer pessoas diferentes, das mais diversas regiões do país. E isso a ajudou a superar as crises finais do seu casamento e a separação. Deixou para trás trinta anos de dedicação a um amor unilateral. Um amor não correspondido, cheio de infidelidades e mentiras de seu marido.

E decidiu viver só e em paz, aprendeu a se amar mais, se colocando em primeiro plano na sua vida. Foi um processo longo e dolorido, chorou algumas noites, mas nunca se arrependeu de nada e decidiu viver intensamente tudo o que havia deixado de lado para viver em função do seu casamento. Precisava sonhar novamente, mas sem se desconectar da realidade.

E foi aí que recebeu da editora o comunicado que o seu conto, que fez parte de uma coletânea lançada em São Paulo, estava entre os cinco finalistas para concorrer a um prêmio literário. Não pensou duas vezes, decidiu ir para o evento de premiação, comprou as passagens, reservou hotel e ali estava ela, pronta para embarcar sozinha, depois de muitos anos em que não se dava ao luxo de se aventurar em viagens solitárias.

Sua ansiedade era maior, pois além de estar indo conhecer todos aqueles colegas escritores, com os quais convivera virtualmente

através das redes sociais por mais de dois anos, havia também a possibilidade de voltar pra casa com o prêmio, e deixou sua imaginação correr solta, sonhando como seriam esses momentos.

De súbito, Sofia acordou de seu devaneio, ao ouvir a voz suave que chamava os passageiros para embarcar. Levantou-se, pegou sua bagagem de mão, levantou a cabeça, arrumou a coluna e saiu sorridente, sem se dar conta que chamava a atenção de um moreno de sorriso discreto, cujo voo havia feito conexão naquele aeroporto, e que a seguia de perto o suficiente para sentir o frescor do seu perfume e se impressionar com a segurança que aquela mulher deixava transparecer. Só iria esperar estarem acomodados no avião para lhe procurar e devolver o livro que ela esquecerera na cadeira.



Cleuza Leite

A mineira Cleuza Leite de O. Santos é doutoranda em Ciência da Educação pela UAA, mestra em Ciência da Educação, especialista em Literatura Brasileira, professora.



O BRILHO E A COBRA

Por alguns instantes hesitei, não falei, porque se eu falasse o que realmente estava pensando seria como a bomba de Hiroshima e Nagasaki.

Há momentos em que deixar a língua guardada evita destruições para ambas as partes, principalmente em sala de aula onde existem olhos, ouvidos e principalmente bocas demais.

Não entendo o porquê de tudo que falo ter valor acima da média, pode ser um comentário bobo que em outra voz seria insignificante, mas na minha...às vezes, nem preciso falar dizem que minha cara fala. Será? Mesmo ficando imóvel?

Hoje amanheci com a fábula da cobra e o vaga-lume na memória. Não que me considere um vaga-lume, mas tenho incomodado bastante.

Você sabia que o brilho do vaga-lume incomodou tanto a cobra que o pobre inseto foi devorado por ela?

Não sou um gênio e nem brilho como o vaga-lume, porém, não falta cobra em meu caminho e, olha que tenho mantido a boca fechada.

Será por quê?



Cristiana

Cristiana Vieira Gomes Bandeira, natural de Santana do Ipanema – AL, casada com José Angelo Bandeira Sandes e mãe de João Rafael Gomes Bandeira, graduada em Letras/Português pela Universidade Federal de Alagoas (2018). Atua como professora de Língua Portuguesa e Redação na Escola Municipal de Educação Básica Dom Pedro II. Filha de Adelicio Vieira Gomes e Maria Creusa Gomes.



CONSELHOS DOS PAIS

Eu era uma menina levada e brincalhona, gostava de brincadeiras como quebra pote esconde-esconde, amarelinha e gostava de brincar com minhas bonecas. Entre outras brincadeiras da minha infância eu também gostava de tomar banho no rio Capiá.

Na minha infância tudo parecia difícil... Época em que toda criança brincava e não se preocupava com nada, mas com nossa família não, tudo era diferente em nossa casa. Do sorriso as lágrimas tudo era mostrado para que nenhuma de nós deixasse abater e tomar o caminho dos fracos. Esse caminho nos rondava dia e noite assim também as outras crianças do nosso lugar.

Eu tinha oito anos e já sabia o que acontecia ao meu redor. Nessa época lembro-me dos cuidados dos meus pais para eu e minhas irmãs estudarmos, pois onde morávamos não tinha muitas oportunidades a não ser estudar. Então, observava atentamente o que eles diziam.

A minha mãe era uma heroína fazia de tudo para nos ajudar. Além de nos ajudar, aconselhar ela inspirava-me a buscar o melhor para minha vida. Nossa infância era muito feliz gostávamos tanto de brincar que perdíamos a noção do tempo, pois era como no piscar de olhos às horas se passavam.

Quando iniciei minha vida escolar, era um pouco chato por não

saber ler tão pouco escrever apenas ficava em silêncio. Já as minhas irmãs não ligava para tudo isso. Elas eram bem extrovertidas comunicativas oposto de mim. Assim, minha irmã mais nova dizia que estava com fome e queria merendar, mas na verdade era para a Professora Aparecida a deixar sair e brincar.

Sempre com os conselhos em mente fui crescendo e percebia a importância de estudar para poder na vida melhorar. Meus sonhos também dependiam dos meus estudos e assim Eu poder realizá-los.

Então, tudo que podemos fazer é seguir os conselhos bons que os nossos pais nos dão, pois são dados com amor e carinhos para que nós, filhos e filhas, possamos alcançar tudo aquilo que nossos pais não tiveram, ou as experiências os ensinam. Desse modo, nós teremos as oportunidades que eles não tiveram ou de algum modo não os escolheram.

A vida nos dá várias oportunidades, lembro-me da minha infância e tudo os que os meus pais faziam por nossa família. Portanto, busquem fazer o que seus pais aconselham para sua vida e terá um futuro melhor. Agora, mais gostoso do que brincar são as lembranças que podemos contar.



Dartanhan Holanda

Dartanhan Holanda é escritor e membro da Academia Maceioense de Letras. Autor dos livros: “Igreja Nova”, “A Foz – A Magia Aqui Se Faz Presente” e Retratos do Paraíso. Há também, muitos contos, artigos e ensaios publicados em antologias.

AMÁLGAMA

A Academia Pilarense de Letras promoveu um passeio turístico pela cidade sertaneja de Piranhas. Gabriella convidou o rapaz para irem juntos. No Uber – que o levaria a Pilar, onde encontraria a jovem poetisa; de lá viajaria, de ônibus a Piranhas –, Lucas pensava na hora de estar com sua amada; como seria bom tomá-la nos braços, beijá-la, apertá-la com a força de um homem. Apesar do curto percurso, passaram-se alguns minutos que pareceram horas ao jovem.

À noite, Lucas chegou a Pilar, cidade banhada pela Laguna Manguaba. Na praça, avistou Gabriella na escadaria da Igreja Matriz Nossa Senhora do Pilar. Vinha linda. Apesar de estar desapontada com o atraso dele, a jovem tinha nos lábios aquele sorriso que ainda a tornava mais bela. Na verdade, ele estava com receio de ir por causa de suas limitações financeiras, embora, em hipótese alguma, confessasse isso a alguém. Nem a Gabriella. O rapaz deu uma explicação qualquer porque não foi encontrá-la mais cedo. O desapontamento desapareceu na Pousada do Bau; entregaram-se sem reservas, várias vezes, numa amálgama indestrutível. A noite foi maravilhosa!

Na cama, Lucas permaneceu alguns minutos parado reparando o teto, depois olhou meio cafajeste para ela, pensativo e confessou:

– Se eu não tivesse vindo, eu não saberia que teria a vida toda para me arrepender.

Caíram na gargalhada. Felizes.

No domingo, acordaram logo cedo, a chuva caía de leve.

Ficaram na porta da pousada esperando o transporte que levaria os associados e convidados da Academia Pilarense de Letras. Eles estavam felizes. Gabriella, porque o levava para a excursão. O rapaz, porque admirava-a muito. Era a maior aluna da Universidade Estadual de Alagoas. Excelente poetisa. Lucas também sentia grande atração sexual pela moça. Possuía-a várias vezes. Ficava insaciável. A vida tinha apresentado a ele aquela pessoa que fez o seu coração bater mais forte. O ônibus deslizava pelo sertão alagoano. Viajaram de mãos dadas; ela dormia, enquanto ele vislumbrava a caatinga pela janela.

Gabriella acordou e começou a tirar fotos da flora típica da caatinga. A região do sertão alagoano é belíssima. O ônibus dirigiu-se à cidade de Piranhas. Lucas achou a cidade uma enorme lapinha, um presépio com miudezas de outrora, montado sobre rochas de papel machê e lagos de espelho. O casal isolou-se um pouco do grupo e almoçou à beira do rio. O almoço foi perfeito. Frutos do mar, cerveja e o majestoso rio São Francisco.

Passearam pela cidade. Lucas estava deslumbrado com os casarios alinhados.

O jovem lembrou-se de algumas, das inúmeras lendas que cercavam a história de Piranhas. Do pescador que pegou uma piranha nas imediações do porto, e, no próprio local, tratou o peixe, tirando-lhe as vísceras. Levou o peixe para casa, mas esqueceu da faca peixeira que havia usado. Dando pela falta, disse-lhe ao filho: “Vá ao Porto da Piranha e traga a minha peixeira”. A partir daí, o local passou a ser conhecido como Piranhas.

Gabriella o interrompeu em suas divagações:

– Um milhão por seus pensamentos. – Lucas sorriu.

– Quantas casas lindas, Gabriella! Verdadeira história de um povo que precisa ser preservada.

– Fiquei sabendo que essas casas antigas são tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, desde 2004, por seus valores históricos, arquitetônico e culturais

Lucas pensava como era bom estar em Piranhas e ir apreciar o Velho Chico com uma linda morena como aquela.

Subiram abraçados a escadaria até um restaurante lá no alto.

Tiraram fotografias em frente à Torre do Relógio da Estação Ferroviária e no Maria Bonita e Lampião.

O casal de namorados percorreu abraçados o museu Marília Rodrigues, antiga Estação Ferroviária. A magia dos objetos da região e das peças que pertenceram aos antigos cangaceiros de Lampião os prendeu. O mito de Lampião e Maria Bonita, que atravessavam o rio de um lado a outro para incursões no sertão, cresceu e se consolidou. Sua saga e sua gesta são conhecidas e passam de geração em geração. O casal se beijou no catamarã às margens do rio Angicos, onde exatamente aconteceu o assassinato do bando de Lampião.

O dia exteriorizou. O crepúsculo invadiu Piranhas e o grupo retornou a Pilar.

A noite tornou-se pequena em Pilar. A paixão que dominava o casal prolongou-se no apartamento da pousada Manguaba, pertencente à dona Raquel e ao seu Benedito. Na segunda, Gabriella chegou atrasada ao trabalho.



Edson Alexandre Da Silva

Conselheiro Estadual da OAB – SE. Presidente da Regional da OAB - SE “Alto Sertão”. Advogado Cível, Criminal, Previdenciário e Trabalhista (1ª, 2ª e 3ª Instâncias). Pós Graduado “latu sensu” em Direito Público pela ANAMAGES – FADIPA. Bacharel em Direito pela Faculdade Mineira de Direito – PUC – MINAS. Em Minas Gerais: Ex Juiz de Paz, Ex Tabelião e Oficial de Cartório e Ex Assessor de Juiz de Direito – TJMG, Ex Presidente do LEO Clube “Edson Paschoal” de Caldas MG e Ex Presidente do Distrito LEO (Minas Gerais e São Paulo). Membro do IBRAJS – Instituto Brasileiro de Estudos Jurídicos e Sociais. Acadêmico da Academia de Letras do Amplo Sertão Sergipano, cadeira número 28. Co-autor da obra

Comentários e Reflexões aos Acórdãos do Ministro Marco Aurélio Mello – STF Editora Millenium – Campinas SP

“O ERRO JUDICIÁRIO MAIS FAMOSO NO BRASIL: O CASO DOS IRMÃOS NAVES EM ARAGUARI – MINAS GERAIS”

“A sabedoria deste trabalho, como um instrumento de aplicar colírio, tem aberto do mundo inquisitivo cegado pela escuridão da ignorância. Como o sol dissipa a escuridão...”

Mahabharata – Livro 1 – Adi
Parva

Todos os fatos existentes servem para inocentar ou condenar; quando o malhete falha ou acerta? Uma incógnita que o tempo incumbe-se nas muitas das vezes de responder. A Justiça aos moldes humanos, pauta pelo culto a liberdade e a vida.

Sobre a liberdade, melhor a definiu a poetisa Cecília Meireles, em seu livro “Escolha o seu sonho”, publicado em 2001 (ed. Record), já na 21ª edição, *numa prima facie*, através do conto “Liberdade”,

proclamando em alto e bom som:

“Sobre LIBERDADE, se têm escrito poemas e hinos, a ela se têm levantado estátuas e monumentos, por ela se tem morrido com alegria e felicidade. Diz-se que o homem nasceu livre, que a liberdade de cada um acaba onde começa a liberdade de outrem; que onde não há liberdade não há pátria; que a morte é preferível à falta de liberdade; que renunciar à liberdade é renunciar à própria condição humana; que a liberdade é o maior bem do mundo; que a liberdade é o oposto à fatalidade e à escravidão; nossos bisavós gritavam ‘Liberdade, Igualdade e Fraternidade!’; nossos avós cantaram: ‘ou ficar a Pátria livre/ ou morrer pelo Brasil!’; nossos pais pediram: ‘Liberdade! Liberdade!’ abre as asas sobre nós’, e nós recordamos todos os dias que o ‘sol da liberdade em raios fúlgidos/ brilhou no céu da Pátria...’”.

Esculpido em nossos dias, em sendo clausula pétrea, no *caput* do artigo 5º da Constituição Federal de 1988, reluz: “(...) *garantindo-se (...) à inviolabilidade (...) à vida, à liberdade (...)*

Todavia a história é prodigiosa de mandos e desmandos; fatos existiram, onde a dignidade da pessoa humana (art.1º, I CF/88) não foi observada.

Fatos na maioria das vezes, narrados por leigos, não atingem com veracidade a verdade, outrossim, tornam-se parte do folclore local, pois nem sempre há a preocupação científica na aplicação da transmissão de dados conhecidos. Senão vejamos a história real intitulada por tantos quantos ouviram falar, o “CASO DOS IRMÃOS NAVES”.

Piero Calamandrei, em sua obra “Eles os Juízes vistos por Nós, os Advogados”, prolatou: “*A luta entre os advogados e a verdade é tão antiga como a disputa entre o Diabo e a água benta*”.

Reza o artigo 133 da Carta Magna Brasileira: “*O advogado é indispensável à administração da justiça, sendo inviolável por seus atos e manifestações no exercício da profissão, nos limites da lei*”.

Reluzente tal qual o sol, a lua e as estrelas no firmamento, a importância do advogado enquanto perseguidor da justiça. Passemos em revista a epopéia dos Naves.

Considerado o maior erro judiciário do Brasil, e um dos maiores do mundo; acontecido na cidade mineira de Araguari (próxima a Uberlândia e Uberaba), região do triângulo mineiro, rica em belezas naturais, cidade de gente “boa”, povo “religioso e temente a Deus”, pelos idos dos anos de 1937. Os irmãos Naves (Sebastião, com 32 anos de idade, e Joaquim, contando 25), trabalhadores que compravam e vendiam cereais, tinham uma vida pacata, o *labor* diário era árduo, porém o amor à vida e aos familiares faziam da labuda a alegria dos irmãos.

Joaquim Naves e seu irmão Sebastião eram sócios de Benedito Caetano (filho de fazendeiro abastado). Os negócios não “andavam bem das pernas”, compram expressiva quantidade de arroz, e vendem ao Armazém dos Lemos, que pagam em dinheiro, ficando como depositário Benedito Caetano.

É madrugada de 29 de novembro de 1937, quando desaparece Benedito Pereira Caetano, levando consigo toda a somatória em dinheiro, fruto da venda de arroz. Inconformados, Joaquim e Sebastião procuram, em “todos os cantos”, não logram êxito. Mas falta a casa de Floriza, a namoradina de Benedito; também lá não está. Onde procurar?

Sob a presidência do Delegado de Polícia Ismael Benedito do Nascimento, procurado que fora pelos próprios irmãos Naves, é instaurada portaria investigativa, nasce o Inquérito Policial. Pois o desaparecido, portava grande soma em dinheiro. São ouvidas algumas pessoas, dentre elas: os irmãos Sebastião José Naves, e Joaquim Naves Rosa, bem como Floriza e outros.

Antes da data comemorativa ao Natal do filho de Deus, manhã de 22 de dezembro de 1937, assume a Delegacia de Araguari, o 1º Tenente Francisco Vieira, também chamado de Chico Vieira, ou ainda Tenente Vieira, personagem sinistro e marcado para ser o causador do mais vergonhoso erro judiciário brasileiro. Militar autoritário desconhece o devido processo legal, no início das investigações já conclui serem os Naves os responsáveis pela morte de Benedito, decretando as prisões, dos referidos irmãos, antes do ano novo, era o dia 29 de dezembro de 1937. Sendo que na mesma data

intima nova testemunha para depor, Joaquim Teodoro de Lima, o popular “José Prontidão”. É o mesmo ouvido em 03 de Janeiro daquele ano e preso em seguida. Presa também a genitora, mãe dos irmãos, supostamente assassinos, dona Ana Rosa Naves, sob alegação de auxílio aos filhos, na prática do crime.

No cárcere, sofrendo toda a sorte de horrores (humilhação e tortura), os irmãos e sua mãe, vêem suas vidas, antes pacata, transformarem-se em inferno. Sem alimentos, banho, alojados de forma desumana na cela da cadeia pública de Araguari, os irmãos resistem, sua mãe resiste. “Contar o que?”, “Não fizemos nada?”, “Não sabemos de nada?”, “Pelo amor de Deus!!!”

As súplicas são recebidas indiferentes pelo Delegado. Indiferente até mesmo ao *Habeas Corpus*, deferido pelo Juízo de Uberlândia no dia seis daquele mês fatídico. Mas é veloz, o atroz carrasco, investido das prerrogativas de delegado: em sete de janeiro, chama a depor Guilherme Malta Sobrinho.

Infundáveis sevícias sofrem os irmãos Naves. Confessam! É o dia 12 de janeiro de 1938. No dia seguinte, flagrante a prisão irregular, o Exmo. Sr. Dr. Arnaldo Orlando Moura, Juiz de Direito da Comarca de Uberlândia, concede novo *Habeas Corpus*. No entanto é fornecida certidão falsa acerca do paradeiro dos presos (Joaquim e Sebastião); mais uma vez, o delegado Vieira obstrui o cumprimento da verdadeira justiça.

O Causídico *João Alamy Filho* passa a ser Defensor dos “irmãos”; contratado que fora por um amigo de Dona Ana Rosa, o fazendeiro Aleixo Pereira de Rezende.

Muitos caminhos ainda seriam trilhados, e espinhos machucariam os personagens desta odisséia.

Juiz e Promotor “leigos”: eram eles, o Juiz - João da Silva e Oliveira (contador, juiz de paz, substituindo eventualmente o juiz criminal); e o Promotor - Moisés Rodrigues Alves (farmacêutico, substituindo o promotor efetivo cujo cargo se encontrava vago). Como assistente de acusação o Advogado Oswaldo Pieruccetti (contratado pelo pai de Benedito Pereira Caetano < “sumido”, desaparecido >).

Ainda presos, novamente Dona Ana Rosa é ouvida, sob

possível recepção do numerário que estava em posse de Benedito. Nega: “não tenho nada com isso, meus filhos são inocentes!”

Mas é preciso a confissão; necessário apontar o(s) culpado(s). Imperioso o desfecho.

Ouvida Antonia Rita de Jesus, mulher de Joaquim Naves Rosa, torturada, vendo seus filhos em pleno sofrimento, ameaçada de violência sexual, não resta outra alternativa, senão falar ao delegado Vieira, o que ele quer ouvir, não é a verdade, mas irá diminuir o sofrimento da família, pensa ela, ledo engano. E diz “foi com a corda, no rio, mataram ele, jogaram o corpo n’água”. Também Salvina Olina de Jesus, mulher de Sebastião José Naves, depõe. A mesma estória.

Dada a crueldade, o uso arbitrário do poder, em 03 de fevereiro de 1938, Sebastião confessa. Dois dias depois, Dona Ana Rosa é presa, mais uma vez, agora, acusada de cúmplice no latrocínio; é denunciada pelo promotor.

Em Juízo os irmãos confessam. A sua genitora nega. Nos autos não há corpo de delito, não há cadáver. Pronúncia ou impronúncia?

O Julgador prolata sentença de pronúncia em desfavor dos irmãos, todavia Dona Rosa não é pronunciada.

Já é o dia 17 de fevereiro de 1938, preside o processo o Magistrado Merolino Raimundo de Lima Correa, mais tarde chegaria à alta Corte Mineira, no grau de Desembargador.

Em defesa prévia, o Doutor Alamy, cita: “*A confissão do réu, para que possa provar o delito, deve ser livre e feita em juízo competente.*” (STF, Ac. 3 nov. 1923).

João Mendes ensina que: “*A confissão na policia é extrajudicial e não faz prova.*” (STJ).

Existente recurso contra a sentença de primeiro grau, do Juízo de Direito da Comarca de Araguari, o Tribunal de Justiça de Minas Gerais, a mantém *in totum*, era o dia 22 de abril de 1938.

No Tribunal do Júri, tem lugar o 1º julgamento: dos sete jurados, seis votam pela absolvição dos irmãos Naves, a Promotoria inconformada recorre ao Tribunal de Justiça Mineiro, que anula o julgamento, por considerar nula a quesitação.

Realizado novo julgamento, confirma-se o placar anterior 6 X 1. Parece que a justiça será feita. Mas... O Tribunal de Justiça altera o veredito, o que era possível, mercê da ausência de soberania do Júri popular no regime ditatorial, vigente a Constituição de 1937. São condenados os irmãos Naves, a cumprirem 25 anos e 6 meses de reclusão (depois reduzidos, na primeira revisão criminal, para 16 anos).

Joaquim Naves vêm a óbito. Morre indigente, doente, aos 28 de agosto de 1948. Antes dele, em maio do mesmo ano, em Belo Horizonte/MG faleceria o seu maior algoz, o tenente Francisco Vieira dos Santos.

Estava Sebastião Naves em liberdade condicional, julho de 1952, *“Por sorte do destino”, há o encontro, “Graças a Deus!!!”*

Então, diante de Benedito, o “morto vivo”. Que após exílio em terras distantes, agora na casa de seus pais, em Nova Ponte; vislumbra-se um desfecho. Sebastião vê e não acredita. *“Calcula, os anos de prisão; e não acredita”*.

Benedito jura inocência. Curiosamente toda sua família havia sido morta em acidente de avião, após efêmera prisão dos “Naves”. Agora, outra realidade. A mesma população que, influenciada pelo delegado, aceitou a culpa dos irmãos Naves, neste instante decidem linchar o desaparecido Benedito. Em 1953 o TJMG faz nova revisão criminal, diante do erro judiciário palmar.

No ano de 1960, vinte e dois anos depois de iniciado o martírio, o Supremo Tribunal Federal, conferiu a Sebastião Naves e aos herdeiros de Joaquim Naves o direito a indenização.

Tal “epopéia” O CASO DOS IRMÃOS NAVES tornou-se indelével, tendo sido inicialmente pelos idos de 1960 publicada pela Editora Círculo do Livro (São Paulo); na atualidade o clássico de João Alamy Filho acha-se publicado pela Editora Del Rey.

“O CASO DOS IRMÃOS NAVES”, ou ainda *CASE OF THE NAVES BROTHERS*, um filme de Luis Sergio Person, de 1967, participou do Moscou Internacional Film Festival; Com Raul Cortez no papel de Joaquim Naves, Juca de Oliveira com Sebastião Naves, e ainda Jonh Herbert com o advogado João Alamy Filho, o filme narra o erro judiciário que levou dois inocentes a viverem os horrores da tortura policial. Na atualidade a Polícia Militar do Estado de Minas

Gerais, de forma exemplar exibe em guarnições o citado filme para que sirva de exemplo “o que não fazer”.

Ipsa facto: nada mais resta senão uma reflexão, dita por um homem negro no cárcere, seu nome Rolihlahla, mais conhecido entre nós como Nelson Mandela: “*Sempre soube no íntimo de meu ser que as pessoas não nascem assim, se apreendem a odiar, podem apreender a amar.*”

Referências:

ALAMY FILHO, João. **O Caso dos Irmãos Naves**, São Paulo: Círculo do Livro, 1960.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília: Senado, 1988.

CALDAS, J. E. Smith, **Nelson Mandela: Longo caminho para a liberdade – uma autobiografia**, São Paulo: Siciliano, 1995.

CALAMANDREI, Piero. **Eles, os Juizes vistos por um Advogado**. São Paulo: Martins Pontes, 2003.

MEIRELES, Cecília. **Escolha o seu sonho**, 21ª ed. Rio de Janeiro:Record, 2001.

O CASO DOS IRMÃOS NAVES. Direção de Luis Sergio Person, roteiro de Jean Claude Bernardet, Brasil, 1967, fita de vídeo (92 min.), VHS, son., preto e branco.



Elton Fireman



Natural de Palmeira dos Índios(AL). Viveu desde sua infância em Maceió. Já nos seus sete anos de idade teve uma experiência pessoal com Cristo, se tornando participante ativo na Igreja Batista de Bebedouro (Maceió-AL). Possui graduação em Física-Bacharelado pela Universidade Federal de Alagoas (1995), mestrado em Física da Matéria Condensada pela Universidade Federal de Alagoas (1997) e doutorado em Física pela Universidade Federal de São Carlos (2002). Em 2009, conclui o curso livre de teologia do Seminário teológico Batista de Alagoas, sendo ordenador ao ministério pastoral no mesmo ano na Igreja Batista Cenáculo, Maceió (AL). Atualmente é professor associado 4 da Universidade Federal de Alagoas, atuando nos Programas de Pós-Graduação em

Educação Brasileira e de Ensino de Ciências e Matemática, orientando alunos de mestrado e doutorado. Atualmente, possui um blog de devocionais bíblicas eltonfireman.blogspot.com e é membro da Igreja Batista Independente Manancial na cidade de Maceió (AL).



SAUDADES... MALDADES... SÓ QUERO DIZER QUE AS AMO

Há tempos e tempos! Para tudo há uma ocasião, e um tempo para cada propósito debaixo do céu (Eclesiastes 3:1, NVI). O Tempo bíblico segue e descreve de forma exaustiva tempo de nascer, morar, plantar, arrancar o que se plantou, matar, curar, derrubar, construir, chorar, rir, prantear, dançar, ... Haja tempos e tempos!

Mas quando é o tempo de matar o que o tempo faz?

De acabarmos com o tempo daquilo que gera tristeza pelo distanciamento de quem nós amamos?

De acabar com o sentimento melancólico, e da tristeza que nos abate repentinamente? De acabar com as lágrimas que são derramadas?

Tempo de acabar com a saudade, mas que maldade, pois ela moeu e remoeu, ainda, insisti em fazer de novo!

Saudades que teu tempo passe, e passe logo, pois os mais longos dos tempos são marcados pela tua presença.

O que eu posso fazer diante das ausências, e dessas maldades? Afogar-me nas saudades?

Vou procurar o Senhor do tempo, aquele que abrevia os tempos, e faz alongar outros. Vou pedir a Ele: diminua os tempos das distâncias, e amplie os tempos que passamos juntos. Ensina-me que mesmo distantes de mim, és tu que estás a cuidar, e me assegura no coração, a certeza de que estão bem, pois é o Dono do Tempo que cuida.

Paizinho, Aba, Pai, me ensina a entregar elas em tuas mãos! Para aliviar as saudades, e ser marcado pela certeza, que Tu cuidas, e cuidas melhor que eu.

Se você encontrar com elas, minhas filhas, Eirene e Eine, fale para elas que as amo muito. Assim, que eu as encontrar, vou dizer para elas, mas, agora, quero gritar bem alto, você pode até me perguntar: o porquê desse grito? Foi a saudade que me fez expressar todo o meu sentimento!

Filhas, Eirene e Eine, eu, papai, as ama muito!
(VERSOS DE UM PAI NUM MOMENTO DE
DISTANCIAMENTO DE SUAS FILHAS)



Fátima Stela

Fátima Stela Bezerra Viana Barbosa, é brasileira, natural de Caxias – MA, casada com Evimar Jean Costa Barbosa e mãe de Glenda e Glauce Barbosa. Doutoranda em Ciências da Educação, possui Mestrado em Ciências da Educação (2013), pós em Especialização em Formação Pedagógica com Ênfase na Educação Profissional (2009). É escritora, autora da obra: Participação dos pais na gestão escolar (2018). Membro efetivo da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB-MA. Prestou serviços como professora na Universidade estadual Vale do Acaraú, Instituto Florence de Ensino Superior, na Secretária Municipal de Educação em Caxias -MA, atuou como Diretora de

Ensino na Secretaria Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação em Codó – MA, onde atualmente é Secretária M. de Educação.



A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

A leitura é algo muito importante na vida do ser humano, ela estimula a criatividade melhorando o conhecimento do indivíduo contribuindo com seu vocabulário e exercitando a sua memória.

Ler proporciona ao cidadão o desenvolvimento do seu lado crítico e reflexivo, interagindo e contribuindo para um mundo mais justo. É necessário que seja utilizado em todo espaço escolar práticas sociais de leitura que façam sentido para os cidadãos, e que apresentem situações diferentes que estimulem ao leitor no avanço do seu nível de compreensão, adquirindo autonomia na promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, traçando um caminho para a melhoria na vida das pessoas no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem.

A leitura nos proporciona um aumento da capacidade de escrita, de argumentação e a nossa forma de incorporar como parte da nossa identidade. É preciso que seja adotado um hábito como parte de rotina e cultivá-lo. Estimular o interesse pelos livros é uma forma de envolver linguagens diferenciadas, enriquecendo os conteúdos e

aumentando o raciocínio e a sua visão crítica.

A qualidade da leitura no país tem sido vista com pouco apreço, o que deixa uma preocupação muito grande, levando em consideração essa falta de interesse por parte da população no Brasil. É necessário que seja feito um trabalho de conscientização para aumentar a quantidade de leitores e reverter o quadro existente hoje no país.

O hábito de ler melhora cada vez mais o aprendizado, aprimorando a capacidade interpretativa, desenvolvendo o intelecto e também sendo o caminho mais curto para adquirir conhecimento que irá aprimorar a sua habilidade da leitura no seu desenvolvimento e aprendizado pessoal. Além de favorecer o aprendizado de conteúdos melhora também a escrita. Pois, sabemos que o contato com os livros ajuda a formular ideias, otimizar o processo de interpretação e organizar uma linha de pensamento a respeito do que está sendo lido, levando assim o leitor a descobrir um novo mundo, cheio de coisas desconhecidas despertando para novas experiências e percepções, aumentando assim a imaginação e suas habilidades comunicativas, e por conseguinte as habilidades escritas.



Guilherme

Guilherme de Souza Neres, Estudante, cursando 8º ano do Ensino Fundamental II na Escola Municipal de Educação Básica Dom Pedro II, nascido em 03 de setembro de 2006, filho de Jenildo Rodrigues Neres e Kaline de Souza Santos Neres.

UM GRANDE SONHO

Sou apenas um garoto que tem um grande sonho: ser um policial Militar. Sei que não é fácil, mas que não é impossível. Tudo é uma questão de força, foco e muita fé em Deus.

Desde pequeno, me sentia motivado a ser policial, mas minha família não concordava, duvidavam da minha capacidade. Meu coração ficava partido a cada palavra que discordava de mim, me chamavam de maluco e diziam que não ia conseguir realizar meu sonho. E, por muitas vezes eu fiquei triste com as críticas, mas nunca pensei em desistir.

O que me mantém firme, é a fé que tenho para continuar lutando e acreditando que vou conseguir. Na minha família, alguns concordam comigo e esses são os que mais me motivam a lutar para ser um vencedor. Tudo é uma questão de tempo, vejo a profissão de policial como uma proteção para a população contra os criminosos. Sei dos perigos que vou passar, mas nada é tão gratificante quando vir às pessoas protegidas.

Para dar início à realização do meu sonho, eu entrei numa escola militar, do exército, as aulas eram aos sábados, das 11 às 15 horas, porém tive que parar de estudar por causa da pandemia do Corona Vírus que chegou ao Brasil, justamente nessa época.

No presente momento, só estou participando das aulas remotas, na escola pública municipal, a qual pretendo continuar estudando para quando finalizar o ensino médio, eu ir em busca da tão sonhada profissão. Assim, só tenho motivos para sorrir e seguir em frente com meus ideais, que lutar para ser um bom policial militar.



Hendrickson Rogers Melo Da Silva



Oi, como vai? Então, o "prof. H" é professor de Matemática desde o ano 2000, mestre em Ensino de Matemática no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Alagoas, especialista em Educação Matemática e especialista em Formação Docente para a atuação em Educação a Distância. Revisor de periódicos científicos e professor universitário em instituições privadas (incluindo a Fundação Getulio Vargas) para futuros engenheiros civis, engenheiros eletricitas, engenheiros de produção, tecnólogos (graduação de Análise e Desenvolvimento de Sistemas), administradores e contadores.

Professor no ensino básico da Secretaria de Educação do Estado de Alagoas. Autor de quatro artigos científicos em sua área, publicados em periódicos bem qualificados (Qualis A2, B1, B2 e B5). Autor de outras pesquisas e vários artigos (alguns reunidos em livretos) sobre Teologia Bíblica (toda minha produção está acessível em <http://blogdoprofti.com/paginas-do-blog/producao/>). Meu nome de fato é Hendrickson Rogers e o que me define não está supracitado. Sou um guerreiro nas fileiras do Rei Jesus Cristo e minha maior motivação é Sua promessa de retorno, recriação e vida eterna sem pecado e dor! Tudo o que faço gira em torno de meu Criador e Seus ensinamentos. A família, a educação matemática e a ciência (e tudo mais) são oportunidades de honrá-Lo e evidenciá-Lo, até que Ele mesmo prove Sua existência! Prazer! Seja muito bem vindo(a)! Vamos calibrar nossa cosmovisão poderosamente.



TEMPLOS VERSUS CORONAVÍRUS

Estar aberto a novas aprendizagens é um recurso dado pelo Fabricante da humanidade para aqueles que reconhecem a pequenez humana e a infinitude colossal de Deus e Seu conhecimento.

A pandemia e a histeria têm causado muitos estragos desnecessários em nosso país, mas não completamente inúteis para aqueles que não se fecham ao conhecimento gratuito que cai no colo do brasileiro antenado, que ora e também age em prol da divulgação do que é edificante.

O corpo de Cristo, não o Seu corpo físico e sim Seu corpo comunitário, invisível, metafórico, do qual Ele é o cabeça (cf. na Bíblia Cl 1.18; Ef 1.22 e 4.15). Cabeça ou Senhor. Senhor da igreja ou Senhor dos que são chamados (e aceitam o chamamento). Esse corpo místico

também tem sido afetado pela covid-19? Aqui no Brasil, os templos cristãos (para onde, supostamente, vai uma parte do corpo de Cristo) têm sido esvaziados por um motivo bastante razoável: a evitação do contágio da covid-19.

E agora? O corpo de Cristo está paralisado? De cama? Gostaria de chamar a atenção dos leitores para as possíveis respostas a essas indagações. Se alguém associa o êxito do cristianismo genuíno ao preenchimento de um templo, talvez se angustie com a imagem do corpo de Cristo enfermo. Para um cristão (ou não cristão, mas que aceitou o chamamento de Jesus, em sua cultura, “religião” e mentalidade) que sabe responder quando questionado sobre a razão de sua esperança (cf. na Bíblia 1ª Pe 3.15), a resposta é: não. Não apenas não, mas também algo como “o corpo de Cristo está recebendo a séria oportunidade de ensaiar o fim do tempo do fim”.

O tempo do fim, segundo os profetas Daniel e João, se iniciou após o término dos 1260 dias proféticos, ou 42 meses, ou ainda 3 anos e meio (confira mais detalhes neste artigo: <http://blogdoprofh.com/2011/10/26/o-livro-da-vida-e-o-julgamento-dos/>). Esse período de supremacia do dragão através do falso cristianismo + papado, expirou em 1798, pouco mais de duzentos anos atrás. O tempo do fim, assim sendo, já dura um pouco mais do que 200 anos. O fim desse tempo do fim se dará com a volta do Senhor daqueles que aceitaram Seu chamado para uma vida santa, separada, útil, de serviço. O Rei Jesus voltará e colocará o ponto final no tempo do fim profetizado por Seus profetas.

Mas, antes do fim, o dragão: Satanás e seus anjos, levantará seus instrumentos históricos: papado, maus políticos, más ideologias e filosofias humanistas, e outros seres humanos também comprometidos com crenças/ideologias notadamente falsas.

O cenário da pandemia nos oferece a chance de vermos como o falso jornalismo e os maus políticos induzem os brasileiros ao caos. Os brasileiros que aceitaram o chamado de Jesus e têm fé (e obras) de que pertencem ao Seu corpo, podem analisar e viver esse período em oração, intenso estudo da Bíblia e obras em favor de seus irmãos necessitados. E a partir dessa análise e estilo de vida, ensaiar o

desfecho que nosso Senhor trará.

Quando não se pode estar atrás do microfone; quando o culto comunitário e as assembleias não podem funcionar; quando os encontros com correligionários estão cancelados e o centro da “religião cristã” está temporariamente fora do ar, penso eu que o YouTube e o Instagram não devem ser as únicas saídas.

Aquele amigo do Facebook que não está matriculado em sua denominação, mas é seu “amigo”, poderia receber mais a sua atenção, uma vez que os seus amigos de igreja e você não estão podendo se reunir como antes da quarentena. Por que não cantar sem microfone na casa de alguém? Por que não pregar sem microfone em alguma residência? Que tal ter mais tempo para levar Jesus àqueles com quem você não tem muito tempo devido os rituais congregacionais do templo? Aliás, será que Hebreus 10.25 depende do coronavírus para ser obedecido? Penso que os cristãos devem usar a quarentena para abençoar a outros além de si mesmos. Mas, é claro, isso é mais fácil para aqueles que já viviam assim antes da pandemia.

Os lares que vivem o culto doméstico podem realizar cultos vivos em outras residências também. E mesmo que seu lar ainda não tenha aceitado o chamado de Jesus, se você individualmente aceitou, talvez tenha mais tempo agora, com o templo fechado pelo coronavírus, para incentivar seus parentes com quem reside a aceitarem o chamado do Senhor.

Netflix, jogos eletrônicos e outras ociosidades só combinam com os “cristãos” que ainda não entenderam o chamamento que Jesus Cristo fez e faz a cada ser humano. O fim talvez esteja próximo, mas certamente o ensaio do fim está acontecendo diante dos nossos olhos! Conhecemos tão pouco a revelação de nosso Fabricante por meio dos profetas bíblicos (e extrabíblicos). Por que não usar a histeria que induz ao caos para um relacionamento mais honesto com o Senhor Jesus? Desperdiçar tempo quando se está no fim ou no ensaio do fim é loucura. Evidência de alienação do chamamento do Senhor.

Convido-lhe a não depender do microfone para louvar a Deus ou pregar Sua Palavra. Incentivo a você: use esse tempo estranho para fazer o que normalmente você não fazia por “não ter tempo”. Jesus já

já concluirá o Julgamento dos habitantes do planeta Terra lá no Santuário celestial. Vamos cooperar com Ele semeando a luz de Seu evangelho, presencialmente e pelas mídias digitais, naqueles que não fazem parte de seu círculo normal de contatos. O tempo estranho em que vivemos pode ser nossa última chance para abandonarmos o cristianismo estranho que vivemos normalmente.

Oxalá tenhamos a mente aberta para as aprendizagens de Jesus e Suas verdades. Vigieemos para não cairmos na farisaica arapuca da ideologia do autorremanescente, ou seja, daqueles que presunçosamente creem que detêm o cumprimento de Apocalipse 12.17 e 14.12 simplesmente por estarem matriculados nalgum templo, nalguma denominação que ensina assim (confira alguns artigos sobre essa crença http://blogdoprofh.com/2013/04/20/crendices-e-supersticoes-cristas_19/).

O alarmismo em torno do coronavírus, Sars-CoV-2, não impede que o cristão viva Hebreus 10.25 e Lucas 9.49, 50. Mas uma interpretação equivocada da Bíblia, sim. O corpo de Cristo jamais estará de cama por causa de um vírus biológico. Contudo, assim como o falso jornalismo desune a nação brasileira, o ensino de mentiras em Nome de Cristo desune os cristãos e pode desunir um “cristão” do corpo do Senhor. Logo, todos os brasileiros devemos estar alertas a isso e procurar as notícias verdadeiras, mesmo que isso seja uma tarefa árdua e contínua. E, de igual modo, todos os cristãos devemos vigiar para não nos desviarmos das verdades do Cristo. Sim, essa é a mais árdua batalha de uma vida humana: não se desligar do Cabeça ao ponto de perder a vida que só subsiste Nele.

Que o corpo de Cristo continue a batalhar contra os vírus biológicos e ideológicos projetados pelo dragão e seus aliados! Há muita saúde, sabedoria e poder em Jesus. Mas não muito tempo para dividirmos entre a busca por esse poder e as distrações/alienações que o dragão elabora. Que o Senhor de nosso chamado nos torne bons administradores do tempo antes do fim, com ou sem os templos abertos!

Bom ensaio e aprendizagens para nós!



Idenilson De Albuquerque

Idenilson de Albuquerque é Graduado em Matemática pela Universidade Tiradentes e em História pela UFS, Especialista em Gestão de Políticas em Gênero e Raça pela UFS, em Matemática pela Universidade Tiradentes e em Ciências Políticas pela AVM Faculdade Integrada, é Escritor, Autor dos Livros: Política para Salvar o Brasil e O SERTÃO SERGIPANO – Belezas e Contrastes, está escrevendo sobre: A Realidade do Rio São Francisco, também é membro efetivo da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano – ALAS, da Academia Portofolhense de Letras, Artes e Cultura - APLAC (em formação) e membro correspondente da Academia Santabrigidense de Letras e Artes -

ASLA (em formação), é membro da Comissão organizadora do encontro de escritores Portofolhenses e Convidados. Contatos: (79) 99942-8712, e-mail: idenilsonsoc@gmail.com.

MANDATO CONQUISTADO OU COMPRADO?

Caríssimos amigos e amigas, políticos e eleitores, pegando os dois últimos e recentes processos eleitorais realizados em 2016 e 2018, vimos o andamento das campanhas eleitorais no país, principalmente nos municípios menores do interior do nordeste brasileiro, mais especificamente no semiárido nordestino em SE, AL, BA e PE, ou seja, no Sertão, onde em pleno século XXI constatamos que estamos muito mais atrasados que possamos imaginar, pois bem, pelos comentários geral da população, pouquíssimos foram os mandatos conquistados e infelizmente em sua quase totalidade os mandatos eletivos foram comprados, lembrando que isto vale também para muitos que foram candidatos e não foram eleitos, mas que utilizaram da mesma prática, ou seja, a compra de votos. Aqui dou uma pausa para parabenizar aos poucos homens e mulheres que fizeram suas campanhas limpas, sem se corromper e sem corromper ninguém, esses são dignos e merecedores de todos os nossos aplausos e peçamos a Deus que continue a iluminá-lo (a)s para que possam continuar conscientizando o nosso povo e conseqüentemente exercendo a cidadania em sua

plenitude, louvores sejam dados a esse (a)s. E você eleitor(a), você tem preço ou tem valor? (Para reflexão). Desejamos que todos tenham valor, mesmo sabendo que alguns insistem em conseguir algo em troca do voto, e aí são tentados a corrupção que é o maior câncer que coroe a sociedade brasileira, pois alguns que se acham espertos pensam logo, se os políticos são ladrões então deixe eu pegar a minha parte primeiro. Caro amigo (a), nesse momento cria-se uma rede de corrupção e as consequências são desastrosas para toda população, principalmente para os mais necessitados, pois esse dinheiro de corrupção afetará a compra de material para a saúde, merenda escolar, transporte e escola de qualidade, saneamento básico e infraestrutura nos estados e municípios, pagamento dos servidores públicos e vários outros. E você eleitor (a) que recebeu o dinheiro para votar alegando estar passando por necessidades, saiba que esse recurso é um paliativo, não resolve o seu problema e ainda lhe rouba a dignidade, o que se deve fazer é cobrar e exigir das autoridades e entidades públicas (governos municipal, estadual e federal) os seus direitos de cidadã (o), não aceitando como bondade a assistência que lhe é de direito e que em muitas das vezes lamentavelmente o cidadão sente-se devendo uma obrigação daquilo que a Constituição Federal já garante esse direito por lei, você não precisa ficar submisso a políticos, muito menos aos corruptos que sabem das suas necessidades e só aparecem no período eleitoral para comprar seu voto e conseqüentemente buscar perpetuar-se no poder. Caro (a) amigo (a), pense bem nas conseqüências da sua escolha política e faça sua opção consciente, pense no futuro dos seus filhos, pois já diz a sabedoria popular: “voto vendido eleger bandido”.



Jacyanna Vieira Torres



Sou natural de Itaíba/PE, nasci em 27/01/1985, filha de Alberto Vieira e Lúcia Vieira, aos 10 anos fui morar em Águas Belas/PE com os meus avós para estudar. Casada com Elivan Torres Vieira, sou mãe de dois filhos gerados no meu ventre: Ana Vitória e Alberto Neto e de duas filhas geradas no meu coração: Beatriz e Sophia. Cursei a faculdade de Administração de Empresas e sou funcionária pública efetiva da Câmara Municipal de Camindé de São Francisco, cidade que resido desde o ano de 2005. Herdei da minha Vó paterna, uma ilustre professora chamada Vitória o amor por livros e leitura, e é na escrita que me realizo e que externo tudo aquilo que por vezes a voz não consegue expressar. Escrever é um dom que Deus me deu e é para Ele que quero usa-lo.



OS MEUS HERÓIS FAVORITOS

“Mané Tenoro” e “Mané Basílio”. Dois meninos lá do interior de Pernambuco. Sorriram, brincaram e cresceram juntos. Irmãos e amigos correndo pela carrapateira, tomando banho de cachoeira e cuidando das suas irmãs por causa de uma fatalidade certa.

“Mané Tenoro” e “Mané Basílio”

Entre lutas e labutas, perdas e conquistas, lágrimas e sorrisos. Juntos, compartilharam a vida. Das brincadeiras de infância, aos dilemas da vida adulta. Cada degrau subido com muita luta, fez deles homens de bem, daqueles que não devem nada a ninguém.

“Mané Tenoro” e “Mané Basílio”

Construíram sua história e foram a base de outras histórias. Trabalharam duro, não tiveram medo do escuro e apesar de tudo, sempre sorriram pro mundo. Fizeram da alegria o seu escudo, do humor o seu poema e com sabedoria escreveram lindas histórias.

“Mané Tenoro” e “Mané Basílio”

No meu imaginário de menina, dois heróis inesquecíveis. Construíram montanhas, capturaram onças, caminharam por dias e dias, sem água, sem comida e sem cansar, viu? - Eles diziam. Faziam conta, corriam mais rápido que os bichos e não havia um só acontecido que eles não tivessem visto.

“Mané Tenoro” e “Mané Basílio”.

A vida adulta levou cada um pro seu canto. Mas não separou o encanto. Quando se juntavam tudo era revivido. Brincadeiras, histórias, aventuras e até os acontecidos inventados, que se encaixavam numa conexão invejável, só para que pudessem ver o brilho de espanto no meu olhar de menina. No colo de um ou de outro, talvez eles tenham sido o primeiro livro que li na vida.

“Mané Tenoro” e “Mané Basílio”

Mas até para os heróis um dia a vida acaba. E quando a gente menos espera o abraço que tanto acalma, nos escapa. Na despedida de um, o outro chorava. Na despedida do outro, o um já o aguardava. Lá no céu, gosto de imaginar, os dois sentados em um banco, os anjos se amontoando ao seu redor para lhes escutar. Talvez sentem no colo que outrora era meu...

... e se encantem com suas histórias.

.... e ouçam suas risadas.

Enquanto isso, daqui, olho pro céu e em silêncio agradeço, por na minha vida eles terem um lindo papel.

“Mané Tenoro” e “Mané Basílio”. João e Lídio, os meus heróis favoritos.



Jardel Britto



É Professor de Língua Portuguesa, poeta, escritor e organizador do Histórico do Município de Olho d'Água do Casado de autoria de sua saudosa mãe Prof^ª Neusa Britto Petrauskas. Nasceu em 09 de setembro de 1978 em Paulo Afonso-BA, filho de José Ferreira Cunha e Neusa Britto Petrauskas, residindo, atualmente, na cidade alagoana de Olho d'Água do Casado-AL, onde já assumiu, em duas gestões (2008 e 2017), o cargo de Secretário Municipal de Educação. Atualmente, está como Coordenador Técnico da EJA na Secretaria Municipal de Educação-SEMED de Olho d'Água do Casado-AL e Coordenador Pedagógico da EJA na Escola Municipal Antenor Serpa.



AS PRÁTICAS DE LEITURA EM SALA DE AULA

Não existe um modelo a ser seguido na elaboração de um plano. Quando o professor desenvolve sua aula, lança mão de estratégias diversificadas que favoreçam a apreensão dos conhecimentos pelos alunos. Todo planejamento da prática educativa é necessário para concretizar e realizar a ação docente do dia-a-dia da sala de aula, para obter uma aprendizagem mais concreta e participativa. Em se tratando de um trabalho com texto, uma estratégia interessante é apresentar aos alunos uma música (letra e melodia) que faça alusão ao conteúdo escrito que se pretende apresentar. Assim o fazendo, o professor irá motivar a turma a ler o texto, ao tempo em que poderá se fazer uma reflexão acerca da letra da música e sua relação com o texto. Uma outra estratégia, consiste na realização de uma leitura compartilhada, em que cada aluno tem a oportunidade de tirar suas impressões do gênero escrito e, sobretudo, expressar uma opinião compreensiva do texto.

Segundo Paulo Freire (1921-1997), deve-se, em uma sala de aula, habilitar o indivíduo a ler o seu próprio mundo, oportunizando ao mesmo diferentes ideias e opiniões acerca do objeto-alvo de sua

leitura. De fato, a leitura é um ato imprescindível à vida do ser humano. O ato de ler, efetivamente desenvolvido como uma prática social de interação com o texto e com o meio, extrapola o plano da decodificação e a dimensão da extração de ideias do texto. Por outro lado, para Monteiro Lobato, uma nação é constituída de homens e livros; de seres e instrumentos portadores de saberes. A partir dessa concepção, contempla-se a leitura em seu sentido social pleno, fazendo uma ponte entre o ser humano e o objeto do conhecimento.

A escola, atualmente, desenvolve o ato de leitura por meio de variadas estratégias que tentem despertar no aluno o prazer de ler. Infelizmente, uma grande maioria dos alunos brasileiros não tem o hábito de ler, dificultando, assim, seu desempenho na resolução dos conteúdos e atividades em sala de aula. Somente poderá haver um aluno com competência leitora, quando sua prática sair do plano de ler por mera decodificação e a partir daí, então, enveredar por uma prática de leitura em seus múltiplos sentidos.

No ambiente de uma sala de aula o professor é o protagonista, por excelência, diante do sucesso de todo o processo de ensino e aprendizado direcionado ao seu público-alvo, o aluno. Neste mesmo espaço de formação intelectual, social e humana deve haver ações dinâmicas e atrativas que motivem o aluno a aprender e, a partir do conhecimento adquirido, ele possa transformar-se num indivíduo humanamente realizado e culturalmente constituído.

Como parte do processo de ensino-aprendizagem numa sala de aula, a qual deve ser a seara de todo professor e aluno, não deve-se privilegiar técnicas, métodos inquestionáveis ou, mesmo, regras imutáveis. Todo o saber de mundo que o aluno traz consigo, mesclado às práticas apresentadas pelo professor no espaço escolar, levam à construção de um saber vivo, em constante (re)construção e respeitando a pluralidade de sentidos que brotam no chão da escola. Para M.MacLuhan, chegará o dia em que os indivíduos aprenderão os saberes de forma rápida e muito mais, levando-se em consideração seus contatos com suas próprias realidades externas à escola.

Práticas como leituras de textos diversificados, o contato com a leitura de variados gêneros textuais (poesias, poemas, cordeis,

crônicas, bulas de remédio, receitas culinárias, músicas, dentre outros) e a oportunidade para que o aluno aprenda a ler a partir de produções levadas e construídas em sala de aula, tornam-se indispensáveis ao pleno desenvolvimento desse aluno. Uma boa prática de leitura bem orientada pelo professor, proporcionará ao aluno um satisfatório hábito de ler sempre, em quaisquer lugares e situações e, conseqüentemente, o fará conhecer um vocabulário mais rico e amplo e desenvolver uma escrita com mais segurança e proficiência. Mário Marroquim, saudoso pesquisador sociolinguista brasileiro, deixa evidente que antes mesmo de se estudar a língua, faz-se necessário encarar o indivíduo que dela faz uso, sempre considerando o espaço social no qual ele se movimenta, pois seu modo de falar, comportar-se e agir refletirá o seu próprio ambiente. Toda prática de leitura deve ser encarada como um “ato de amor” e como uma possibilidade de respeito, tolerância e valorização do aluno em seus múltiplos sentidos.



Jailson Costa

Professor do curso de licenciatura em Física do Instituto Federal de Alagoas (IFAL – Campus Piranhas), área: Formação de Professores. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, com período sanduíche no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Mestre em Educação pela UFAL. Especialista em Inspeção e Coordenação Pedagógica. Possui graduação em pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GIPEJA/IFAL/CNPq). Tem experiência docente na área de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no Ensino Fundamental I e II e na Formação Docente em nível superior, como professor substituto do Centro de Educação (CEDU – UFAL – 2016-2017), com atuação na área de didática e práticas de ensino. Desenvolve pesquisas no campo da História e Política, sob os enfoques da História Oral e Memória.



A MEMÓRIA COMO ELEMENTO DE RECONSTRUÇÃO DO PASSADO

A importância da memória para o repensar da história, pela ótica das pessoas que de fato vivenciaram um acontecimento, ganha espaço neste artigo. Esse posicionamento de luta pela memória, no intuito de reconstruir o passado por meio das vozes silenciadas, advém de pressuposto de que os fatos que não foram registrados pelos documentos oficiais têm, nos relatos orais, a oportunidade de serem contados por meio dos interlocutores.

Antes de dar início às questões relacionadas ao campo da memória, acredito ser de suma importância salientar aspectos, mesmo que de forma sintética, que são determinantes para o entendimento de algumas nuances da memória. Entre as especificidades do campo da memória, destaco as conexões existentes entre história e memória.

Janaina Amado¹ fala da necessidade de se estabelecer uma distinção entre história e memória. Essa distinção deve iniciar-se com uma diferenciação entre o fato vivido e o fato lembrado, ou seja, distinguir o que passou – a história –, e o que se recorda desse fato que passou – as memórias. “Embora relacionadas entre si [...] possuem naturezas distintas, devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidade” (AMADO, 1995, p. 131).

Há uma imbricação muito forte entre história e memória, apesar das peculiaridades de cada uma. A apresentação dessas distinções serve de alerta sobre a reelaboração, ou até mesmo seleção das lembranças que ganham espaço nos depoimentos dos interlocutores durante as entrevistas. O que me faz compreender que se trata da rememoração, no momento presente, de uma experiência vivida no passado. Segundo a autora, o processo de rememoração atribui novos significados às experiências vividas no passado, sendo que a memória, “ao trazer o passado até o presente, recria o passado [...]” (AMADO, 1995, p. 131).

Outro ponto que merece destaque nesta discussão está relacionado à problemática da restituição do passado por meio da memória. Alertado por Ecléa Bosi², destaco a impossibilidade de *resgate* do passado. É que para a autora não é possível reviver o passado a partir da lembrança; é possível apenas a reconstrução e o repensar deste passado, tendo como base as ideias e imagens do presente. Nesse sentido, a autora ressalta que “A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual” (BOSI, 1994, p. 55). Nota-se a impossibilita a restituição do passado, deixando apenas a possibilidade de reconstrução dos acontecimentos por meio dos artefatos históricos disponíveis no presente, neste caso, as fontes históricas encontradas,

¹ AMADO, Janaina. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*, São Paulo, 14: 125-136.1995.

² BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

sejam elas documentos, fotografias ou depoimentos orais.

Os estudos de Michael Pollack³, enfatizam as memórias subterrâneas, que de forma subversiva afloram no silêncio e no esquecimento das culturas minoritárias: “Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à ‘memória oficial’ [...]” (POLLACK, 1989, p. 4).

As fontes históricas, sejam elas, orais ou visuais, nos fazem entender que as lembranças sobrevivem ao passado, e que ganham força quando são rememoradas coletivamente e, ainda mais, que essa coletividade perpassa todo e qualquer processo de rememoração, pois como enfatiza o estudioso das relações existentes entre a memória e a história, Halbwachs⁴ (2006, p.30): “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós.” Michael Pollack, ainda destaca os elementos constitutivos da memória individual e da memória coletiva. Segundo ele, estão presentes no campo da memória individual os acontecimentos vividos pessoalmente, enquanto o campo da memória coletiva é ocupado pelos acontecimentos, descritos pelo autor como *vividos por tabela*. Ele refere-se aos episódios históricos vividos por determinado grupo ao qual a pessoa não estava inserida. “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLACK⁵, 1992, p.2).

A memória tem como característica proporcionar essa associação das experiências vividas pelos indivíduos ou grupos de indivíduos aos sujeitos que não experimentaram diretamente a

³ POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

⁴ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

⁵ POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

referida experiência. “[...] são as vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas, fotografias” (AMADO, 1995, p.132). Nessa perspectiva, as memórias são aguçadas, facilitando o processo de rememoração acerca de fatos históricos emblemáticos. A história passa a ter mais veracidade, uma vez que os fatos rememorados não são mais frutos de memórias individuais, passando a fazer parte de um constructo coletivo, em que os sujeitos envolvidos ajudam-se mutuamente por meio de suas lembranças.



Jany Monteiro

Janiely da Silva Monteiro é Escritora, Compositora e estudante de Redação. Nascida na cidade de Piranhas - AL, filha de Joselino Monteiro Barbosa e Vera Lúcia da Silva é apaixonada pela estrutura poética das palavras. Começou sua paixão árdua pela composição musical e literária aos seus 13 anos de idade. Atletas do corpo e da alma, é coautora da obra do 5º e 6º Encontro de Escritores e Leitores Canindeenses, em Canindé de São Francisco - SE e do 1º Encontro de Escritores e Leitores Piranhenses em Piranhas - AL. Convido à todos para seguir-lhes nas redes sociais para ficar por dentro de todo seu conteúdo. Instagram: @janymtr @adaptandoideiasContato: janymonteiro.oficial@gmail.com



DEIXE A IMAGINAÇÃO CONQUISTAR O MUNDO POR VOCÊ

Se você não acredita que seus pensamentos são tão importantes quanto sua respiração: você não é capaz de descobrir o que há de melhor em você e até onde vai.

Você acreditaria se eu te dissesse que já imaginei todos os meus sonhos ideais sendo realizados apenas lavando à louça de casa?

Também acreditaria se eu te falasse que já imaginei conquistando o meu intelecto perfeito, sofrendo com a ansiedade em plena madrugada de um sábado qualquer? Você acreditaria nisso?! Pois é.

— “Não importa onde estamos, nossa mente é nosso lar.”

O pensamento é perfeito e aprisiona todo aquele que não se deixa livre de si. Essa frase supôs vim de algum filósofo, mas sou eu aqui escrevendo dentro de um quarto barulhento, fazendo valer a pena sua atenção aqui.

A verdade é que buscamos acreditar que o melhor está por vir. E pensar que toda dor, não seja mais nenhuma cicatriz. Esse é o momento importante para todos nós. Acreditar que tudo é possível e que nosso pensamento é o alicerce para uma extraordinária construção de si.

— Você é seus pensamentos e a realização deles. Imagine-se...



Jany

Janiela Correia de Oliveira, tenho 32 anos, casada com Joseildo Leandro Correia, tenho dois filhos: Antony Leandro Correia de Oliveira e Jânio Emanuel Correia de Oliveira. Residente e domiciliada em Girau do Ponciano-AL. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), cursando especialização pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante (FAVENI) em Ludopedagogia e Literatura na Educação Infantil e anos iniciais.

DEUS NÃO NOS FEZ PARA SOFRER.

Quando Deus criou o homem, Ele preparou um jardim para que ele pudesse viver em paz, tranquilo e em bonança usufruindo da natureza. O cuidado de Deus é tão grande que não permitiu que o homem vivesse só, então formou a mulher para compartilhar com ele do melhor dessa terra(Gênesis 2:22).

Mas o ser humano muitas vezes demonstra ingratidão, mesmo vivendo sobre as bênçãos do Senhor Deus (Gênesis 6:5). Ele se esquece que a sua existência e tudo o que ele é, provém de Deus. E então o primeiro passo é esquecer-se das ordenanças do Senhor e dar ouvido ao inimigo de nossas almas, desobedecendo a vontade do Criador.

Existe um ser que é o inimigo das nossas almas, ele é mentiroso e ilude as pessoas com uma falsa felicidade, buscando separá-las do caminho do Senhor, encobrindo as consequências de seus atos, cegando o seu entendimento, oferecendo inúmeros prazeres para tê-las em suas mãos. Quando as pessoas se sujeitam a ele, não conseguem ver uma saída e percebem que sua felicidade não passa de ilusão. É nesse momento que surge o desengano, a desilusão, a sensação de vazio e a desesperança, provocando a impressão de ausência do sentido da vida.

Deus fez o homem para ser dependente Dele, porque Ele é o

refúgio e fortaleza (Salmos 91:2), é a cura, Ele é o socorro, é o consolo, Ele é a esperança em dias maus (Jeremias 29:11 e Salmos 146:5, Romanos 15:13), Ele é a ressurreição e a vida (João 11:25-26), é ele quem supre todas as nossas necessidades (Filipenses 4:19). Tudo isso podemos encontrar em sua palavra que é verdadeira, viva e eficaz (Hebreus 4: 12). É nela que encontramos o conforto que a nossa alma precisa e para qual direção devemos seguir. Se nós nos afastarmos do Senhor não conseguiremos chegar muito longe, pois, o próprio Jesus nos diz que sem ele nada podemos fazer.

Mas mesmo conhecendo o ser humano e sabendo da sua ingratidão, Ele não nos abandona, são os nossos feitos e comportamentos que nos levam para longe Dele.

O homem precisa saber que por suas próprias forças ele não conseguirá vencer as aflições do dia a dia, então Deus enviou o seu filho amado Jesus para estarmos com Ele lutando por meio da fé e da sua palavra, pois, ela nos afirma que sem Jesus nada podemos fazer (João 15:5).

Não queira lutar sozinho pois você tem um ajudador, ele é o varão de guerra que nunca perdeu uma batalha e está pronto para te ajudar. Ele mesmo disse: Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos (Mateus 28: 20).

Então acredite, prove desse amor, clame a Ele que Ele te responderá (Jeremias 33: 3).

Entregue seus caminhos ao Senhor Deus, confia nele e Ele tudo fará por você (Salmos 37:5). Deus te ama e Ele não quer te ver sofrer, pois, mesmo sabendo que no mundo tereis aflições, tenha bom ânimo porque Jesus Cristo venceu por nós. O que Ele tinha que fazer por você, Ele já fez quando morreu naquela cruz do calvário, dando a você o direito de vida eterna e autoridade para vencer o maligno no nome de Jesus (Lucas 9:1), agora a escolha é sua! Pois Ele chama todos aqueles que estão cansados e sobrecarregados para aliviá-los e ainda oferece descanso para vossa alma. (Mateus 11:28-30).

Lembre-se ninguém te ama mais que Deus, pois, a entrega do seu único filho por você é a prova que você precisa. (João 3:16).



JB



José Barros dos Anjos, natural do município de Santa Rosa de Lima. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Graduado em Letras/Português-Espanhol pela UNIT. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa - FANESE. Especialista em Gestão Escolar-UFS. Mestre em Educação pela Universidad de la Integración de las Américas-UNIDA/PY. Publicou vários artigos na revista eletrônica IPCP. Temas: Os planos municipais de educação e a gestão democrática na escola pública; A arte nas escolas de educação infantil. Em 2019 org. e lançou o livro: Educação: o professor diante dos contextos escolares. Aracaju: Editora J. Andrade, 2019. Coautor do livro- Coleção Estudos Reunidos: Educação em Foco. Volume II. Editora

Olyver, 2020. Participou da I Antologia Literária da Academia de Letras e Artes de Tobias Barreto com a publicação da Crônica: Tarde de domingo, 2020. Entre os anos de 2013 a 2016 esteve como Secretário Municipal de Educação no município de Santa Rosa de Lima/SE. Docente do quadro de servidores efetivos do município de Santa Rosa de Lima, (2002), e do município de Divina Pastora (2005). Tel. 79 988 172634. E-mail: professorbarrosanjos@hotmail.com.br



PRAIA DO FRANCÊS

Um longo caminho percorrido até chegarmos à famosa Praia do Francês, um destino paradisíaco, céu azul, águas cristalinas, um lugar repleto de riquezas naturais e que fascina os olhos e nos convida a retornar pela sua beleza exuberante. Não foi por acaso que retornamos para lá. Era uma sexta-feira quando arrumamos as malas e seguimos viagem para o litoral do Estado de Alagoas; além da bagagem de mão, havia muita emoção, sem contar o brilho nos olhos e os contornos da longa rota, cuja sensação é uma doce e maravilhosa aventura.

As horas da vida em alguns momentos parecem se eternizar, mas, a depender das circunstâncias, atravessamos os espaços geográficos, rompemos a tênue linha imaginária do tempo e não percebemos a brevidade da viagem, foi o que aconteceu quando chegamos ao paraíso almejado. Mas perfeição só existe no universo dos pensamentos e no mundo da imaginação; no mundo real e físico,

tudo é imperfeito, a vida é imperfeita.

Aquela viagem à Praia do Francês nos proporcionou atentar-nos para a real sutileza das relações humanas, embora estas sejam complexas. Mas é através dos pormenores e da convivência que fazemos grandes descobertas em atitudes comportamentais implícitas. Ah! Sem dúvida, as emoções transmitem verdades que provocam certo tipo de nudez fascinante que nos faz enxergar verdades ocultas inimagináveis nos comportamentos das pessoas.

Não importa onde, como e de que forma, cada ser humano só oferece o que possui de bom e de pior em sua alma.

Evitar erros em uma viagem é evitar desgastes emocionais porque viajar custa caro, consome energia, tempo e vida, e os erros às vezes se tornam irreparáveis. É engraçado como a gente constrói falsos castelos imperceptíveis na areia da praia. O trágico é eles desmoronarem sobre as nossas cabeças, e não suportarmos o conserto. Da viagem à Praia do Francês, nos ficou uma lição: ter cuidado com a bagagem da emoção, não levar a pessoa errada.



Luciano Acciole



Luciano Acciole Gomes é Filho de Gentil Acciole Gomes e Rivanda Nascimento Cruz. Nasceu em Aguada - Carmópolis- Sergipe. Aos Três anos, a família mudou-se para São José da Caatinga- Japarutuba. Estudante de Escola Pública, Luciano Acciole formou- se em Letras pela UFS. É Professor das Redes Municipal e Estadual.



NADIR DA ESPORA

No olho do povoado, a ordem era evitar aquela mulher! Que mulher!? A que morava no barraco quebrado. Tinha a boca suja e era desenvergonhada.

A baiúca dela ficava bem na esquina, perto do Barranco de Jurebeba. Bem ali, onde o vento fazia a curva, ali na “maiada” do bar de seu Zé Nambu. Era aquele bar o marco do início do lugar. Brejo da Cruz nascia no alto, e se precipitava ladeira abaixo até topar no brejo e o cheiro de capim santo invadir o ar.

O bar de Zé Nambu vendia a melhor cachaça limpa da redondeza. O famoso “bodinho” era apreciado por todos aqueles homens, farrapos humanos que logo cedo batia cartão na calçada alta. Cedinho, mesmo! Era um converseiro tão medonho, que Sinhá Dulce sempre ameaçava o marido. “Homi, não aguento mais essas pestes na minha porta de manhã cedo. Tem deles até que acorda os galos. Qualquer dia vou jogar mijo!”

E Nadir da Espora, lá! Sempre metida nessa turma. Como morava ali, na biqueira do bar, logo se juntava ao coro dos desesperançados.

Ela morava só, e dizia que gostava de viver daquele jeito. Na verdade, falava isso, mas se se percebia uma dose cavalgar de ressentimento. A irmã dela há muito que lavou as mãos! Jurou que na

casa dela não queria mais aquela bêbada imunda.

Nadir era respondona, enganjeta, e beberrona. Quando não bebia só, andava na sombra dos bebinhos. Aproveitava as companhias, e escolhia um para brincar de manja. Na madrugada era vista entrando no seu barraco. As vezes o escolhido era quem sobrasse.

Geralmente, era motivo de zominação. A resenha com o seu nome cansava de inundar as lavadeiras, lá na fontinha. Era assunto para dias. Mas não tava nem aí.. e era boa de mandar recado. “ Aquelas puta, safada, sem-vergonha, não tem o que fazer, não!? Vivem falando de mim, ruma de mulher gaieira, qualquer dia desse, desço lá e dou conta dos machos de todinhas.”

Ela tinha seus cinquenta anos, adorava baton vermelho, mas não ligava muito pra roupa. Se vestia com mulambos que ganhava. As vezes maldizia quem lhe oferecia comida ou retalhos de roupa. “ Tá pensando que sou miserável ? Tá com fel?” Sua paixão era aquelas botas com esporas. Nunca largava elas. Via-se sempre entonada em um par gasto, velhinho. Presente do padre Luiz. Nadir adorava cavalos. Quando podia se metia a conversar com os bichos. Dava água, conversava, alisava. Tratava-os como se fosse gente. Tinha medo de montá-los. Se pudesse, tinha um, só pra ela.

As botas não tinha chance com o seu sorriso. Os dentes podres deixavam o seu sorriso com cara daquela boneca de filme de terror. A bocarra rubra lembrava também um palhaço. Babava quando falava. Fedia, mesmo! E as vezes alucinava, ficava braba e ameaçava quem quer que fosse. Sacava uma das esporas. “ Venha!”

Naquela noite, bebeu até de madrugada juntamente com todo clubinho de papudinhos. No final, sobraram Cipó e Bagaço como suas companhias. O último era um moço novo. Quase um menino, se comparado com o caboco Cipó. Enquanto, o velho pescador de siri cantava trovas. “ Adeus, amor...!” Nadir deu um jeito de oferecer os prazeres da carne ao moleque jogador. Já tinha botado os olhos, nele, fazia um bom tempo.

Não demorou muito e Cipó, trôpego, resolveu pegar o beco. Sobraram os dois. Ela aí deu o bote. Rindo e escancarando um sorriso desumano, levantou a saia ciuzida e ofereceu o céu.

Quando deram fé, só se ouvia uns gritos. Vinham lá do barraco de Nadir. Os dois tinham se amuado na cama de vara. O barulho era bizarro. A mulher berrava e fazia estripulias. Parecia que estava vaquejando boi no mato. Com uma espora na mão, literalmente tratava o amante como um cavalo. Batia, cuspia, mordida, sangrava-o. Até que lhe faltou fôlego... a brincadeira saiu do controle. Ficou roxa! Acordou amarrada, sangrando. A boca empapada de sangue. Quis gritar! Urrou! Desesperou-se. A última coisa que viu foi um anjo com cara de demônio. Ele entrava nela, e saía rindo! A dor era tanta que fechou os olhos. A imagem daquele menino, o Bagaço. Ele que chegava sempre rindo, que vez em quando subia a ladeira, só para beber com a gandaia de papudinhos, naquela noite estava com uma camisa verde do Palmeiras. Vaticinou! Hoje vou agarrar essa boca cheia de dente, e vou fazer fungar no meu suvaco. Um grito dantesco! Sentiu uma dentada rasgar a sua orelha. Apagou. Escureceu. Breu!

No outro dia, seu corpo foi encontrado dilacerado. No vão do barraco aquele corpo nu sobre um rio vermelho causava náuseas! Muita gente passando mal, saía dali em busca de um ar puro. O mormaço deixa tudo mais com cheiro de apodrecido. O sangue taiado, descia o batente. Acho que querendo escapar com vida. Nadir foi estuprada e morta como um égua prenha. As tripas espalharam-se no chão do sujo do casebre. O jogador? Soube que foi preso. Confessou rindo. "Nunca mais ela vai brincar de esporar ninguém."



Laurinha



Laura Beatriz Rodrigues de Oliveira Souza é brasileira, natural de Aracaju-SE, tem 09 anos de idade e reside em Propriá-SE. Filha de Ellen Karoline Rodrigues de Oliveira Santos e Everton dos Santos Souza e tem uma irmãzinha por parte de pai. Estuda o 4º ano do ensino fundamental menor no Colégio Nossa Senhora das Graças. O que mais gosta de fazer é estudar, ler, escrever, se maquiar e gravar vídeos. Profissionalmente ainda não tem certeza do que será no futuro, pois se imagina atuando em várias profissões. É muito dedicada em tudo que faz.



A ÁRVORE GENEALÓGICA

Era uma vez um menino chamado João que tinha uma grande família. Certo dia na escola, a professora da disciplina de história pediu que todos os alunos fizessem uma árvore genealógica como um trabalho escolar. Terminada a aula, João foi pra casa e chegando lá, foi correndo para o seu quarto para começar fazer a sua árvore genealógica. Nela colocou seu pai Tiago, sua mãe Karol, seus irmãos Bruno e Breno, suas avós Cláudia e Ana, seus avôs Neto e Domingos, seu primo Henrique e sua prima Clara, assim que terminou, ele foi correndo mostrar a todos de sua família. Ao mostrar seu trabalho, quase todos gostaram e elogiaram menos seu primo Henrique que era cinco (5) anos mais velho do que ele e foi bem sincero e disse que não estava muito bom. João foi correndo para o seu quarto e começou a chorar. Quando sua mãe percebeu, foi até o quarto, e viu que ele tinha rasgado o papel da árvore genealógica que ele tinha feito com tanto gosto e perguntou por que ele tinha rasgado e ele respondeu: que era porque seu primo estava certo e que realmente o desenho estava feio. Então sua mãe perguntou se ele tinha se esforçado para fazer esse trabalho e ele disse que sim, aí a mãe dele falou uma frase muito bonita: João não se importe para o que os outros falem ou acham o que vale mesmo é seu esforço para conseguir agradar a todos.



Maria Lima



Maria Aparecida Lima dos Santos é brasileira natural de Água Branca – AL, filha de Maria do Carmo Lima dos Santos e de João Domingos dos Santos, nasceu em 13 de fevereiro de 1996, formou-se com licenciatura plena em Pedagogia, na Universidade Federal de Alagoas UFAL – Campus Sertão. Participou do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID, realizou cursos na área da Língua Brasileira de Sinais LIBRAS pela UFAL, e hoje é professora da educação básica pela rede municipal de Olho d'água do Casado - AL.



O ENCONTRO

Estávamos em casa, mainha, painho, eu e meus 12 irmãos; mainha apressada arrumava minhas 4 irmãs mais novas para irmos para a novena de São João de Botas, na casa de seu José de Melo Casado, uma casa linda, com vários quartos, eles eram uma das melhores famílias da região. E eu ia aproveitar a novena para vestir meu vestido novo, com o tecido florido azul, pinças na cintura, e um pequeno decote, o que me permitia usar cabelos soltos, para destacar meus cachos escuros e o tom amendoado da minha pele.

Logo o sol começou a se esconder, e então fomos todos para a novena, passamos pela roça de palma, caminhamos mais 1 légua até que vimos a fonte do umbuzeiro, lavamos os pés, colamos as sandálias, então nos dirigimos para a novena.

A casa estava cheia, e eu escolhi ficar com minhas amigas no quintal da casa, enquanto conversava e antes das mulheres começarem a rezar percebi vozes com sotaque distinto, decidi dar mais atenção e ver do que se tratava. Me apertei entre as mulheres que estavam para começar a rezar e vi muitas pessoas diferentes, o jeito de falar, o modo de se vestir, e até mesmo a maneira que se comportavam, mostravam que eles não pertenciam ao nosso povoado, e também não pareciam ter vindo da cidade. Enquanto observava

aquelas pessoas, notei que um deles se destacava, pela pele branca, barba espessa mas muito bem amparada e também pelas medalhas penduradas na roupa, que parecia só aumentar o calor que o pobre homem sentia, pois mesmo que o clima estivesse agradável, a sala não permitia muita entrada de ar, e aquele senhor também aparentava sofrer com as muriçocas que mostravam ter amado cantar em seus ouvidos e morder os poucos pedaços de pele que estavam a mostra.

Quando dei por mim já havia passado muito tempo, então decidi voltar para o terreiro em busca de ar fresco e boas companhias, fiquei frustrada ao perceber que todas as meninas não estavam mais por ali, então decidi ficar um pouco só e sentei-me embaixo de um pé de algaroba, enquanto me perdia em meus pensamentos sobre aquelas pessoas misteriosas observei que alguém se sentava ao meu lado, quando notei era aquele senhor de medalhas no terno. Não sei bem como começamos a conversar mais acredito que eu perguntei de onde ele era, então ele me falou que havia nascido no Rio de Janeiro, mas já tinha percorrido muitos lugares do nosso país, e naquele momento estava indo a Piranhas, falou sobre as belezas que viu sobre onde passou e como nosso país é extenso, aquele homem possuía o dom da oratória nem dei por mim e a novena tinha terminado, mainha me gritava, era hora de voltar para casa, saí puxada pelo braço por minhas irmãs mais novas, e não consegui saber o nome daquele senhor.

Passei o caminho de volta para casa com aquela incógnita na cabeça, e enquanto íamos andando sob o luar e o céu estrelado mainha foi falando sobre como aquela novena tinha sido importante, pois naquela noite ela tinha rezado junto a comitiva de Dom Pedro II, não dei muita importância. Porém logo descobri que Dom Pedro II era o senhor de medalha no terno, o homem mais importante do nosso país sentou-se comigo. Fiquei perplexa quando soube disso, quem diria que em uma novena, no sertão de Alagoas em meio as muriçocas, calor e ladainhas haveria o encontro de uma simples jovem com o imperador do Brasil.



Magna Cristina



Filha de Santana do Ipanema, erradicada em Arapiraca – AL, desde 1983. Escritora de Artigos e Crônicas. Organizadora da I Antologia Arapiraquense. Sócia Fundadora da UBE-União Brasileira de Escritores/ Núcleo Arapiraca. Membro do Conselho Fiscal na Delegacia Cultural de Alagoas-DCA. Parceira na Editroa Performance. Colaboradora na TV LiberdadeAL. Mestranda em Ciências da Educação (UAA-PY). Especialista em Gestão Escolar (UFAL) e LP (UNEAL), Graduação em Letras (FUNESA). Docente em LP no Ensino Médio (SEDUC) e Colégio Rosa Mística (Arapiraca).



FAMÍLIA CASADA COM ESCOLA

Estava prometido vir aqui nessa crônica para falar da riqueza de ser casadense. Na certeza de um adjetivo relacionando aos indivíduos que moram em Olho d'Água do Casado, seres tão especiais. Mas o adjetivo foi flexionado em verbo, no sentido mesmo de casar. Porque casar tem um sentido tão abrangente, mas ao mesmo tempo tão restrito e simples.

Contudo, fui chamada a uma obrigação: de continuar abordando a família. Mas família que visita escola, que frequenta escola, que participa de escola, que quase vive em escola. Pois, se os filhos passam boa parte do dia nesse espaço de aprendizagem, os pais casam-se ali, inevitavelmente. Eis que o sentido de casar toma outro direcionamento paradoxal aquele inicial.

Quando pensei em família, veio a ideia de casamento, a partir do qual, naturalmente a mesma surge. E casar combinou com casadense. Resolvi manter essa ideia e, assim, casar com minha obrigação na versão casadense. Perdão, caro leitor, por minha redundância: repito no intuito mesmo de enfatizar.

Venho tentando resolver esse problema: família casada com escola. Mas família de jovem estudante, porque isso não é fácil não. Pais de jovens em escola? Isto parece babaquice na visão juvenil, e

parece perda de tempo, na visão familiar, porque jovem já sabe andar com as próprias pernas e tem que ser responsável por seus atos, pensa a grande maioria social.

Tentarei insistir em minha ideia, a partir do adjetivo casadense, pensando naquilo mesmo que vejo nas paredes das escolas que perpasso, também casada, boa parte do meu dia. Que a boa aprendizagem se faz quando a família está casada com a escola, porque vivem em unidade sabendo o que verdadeiramente se passa no cotidiano escolar. E, assim, se ajudam, família e escola.

Família casada com escola.



Melo

Claudio Cardoso de Melo, nascido e residente em Delmiro Gouveia-Alagoas. Casado. Professor graduado em Pedagogia e Letras. Mestre em Teologia e em Gestão e Política em Educação. Especialista em Gestão Escolar; Formação em Docência; Direito Educacional, Inspeção Escolar; Gestão e Política em Educação; Cursando Especialização em Libras e Cursando Bacharelado em Direito. Tem artigos publicados.

CRÔNICA DE UM FILHO AOS PAIS AUSENTES

Há um descompasso na vida de um filho quando seus pais se vão. Não importa a idade do filho, mas se os pais se vão, o sofrimento é implacável! Não importa as idades dos pais, a dor é inexorável! A saudade invade a alma quando um deles se vai!

O pensamento a consumir: ah! Como era meu pai? Seu jeito simples está em mim, em cada pedaço do meu ser! Ah! Não me importa se ele era pai biológico ou de criação e quem sabe de coração! Emanava em mim teus ensinamentos e o que forjou em mim! Meu caráter é sua herança!

Pai, genitor, progenitor, gerador ou criador, és também sinônimo de amor!

E a mãe? Mesmo já estando ausente, não se pode olvidar que: Mãe é força que exala amor em nome de Deus! Mãe rica ou pobre, negra ou branca, parda ou amarela, indígena ou cigana, não importa sua cor, raça ou etnia, sempre simboliza o amor!

Mãe é mãe na hora da dor, do melhor sabor, do fel e do mel, seja ela biológica ou não biológica, é consolo e acalanto, é calmante e candura, é uma flor em formosura! É como a madona aos olhos de Deus, a mãe do Salvador! É vida que acolhe, que perdoa e abençoa, é doçura infinita!

Mãe deveria ser imortal! Ouve-se muito tal frase! Mas ela é sim imortal, no coração de cada filho que aprendeu com ela o que é o amor e o que é a eternidade! E o que é saber amar um filho até infinitamente!



Salatiel Hora

Robério Salatiel Silva Hora tem 12 anos, cursa o 7º ano na escola municipal profª eliete de melo guimarães. É escritor e membro fundador da alej- academia de letras estudantil de japoatã-sergipe.

O CAVALO QUE VIROU HERÓI

Era uma vez um cavalo bravo que ninguém conseguia domar muito menos montar. A dona do cavalo, Júlia, era uma menina triste e solitária. Seu pai teve a idéia de chamar um domador para tentar montar no animal. Quando o homem chegou, o cavalo começou a pular e sacudir as patas para cima do domador. Quando o pai de Júlia chegou, pegou o cavalo, colocou a sela e montou. Mais uma vez o cavalo atacou resistindo e o derrubou com força no chão e saiu correndo em circulo no estábulo. Júlia observava aquela cena e se aproximou.

Olhando nos olhos do cavalo falou: - Cavalo fique quieto! E pôs suas mãos sobre ele e começou a fazer carinho. O cavalo parou. Júlia montou sem ninguém domar. Seu pai ia gritar para Júlia não se aproximar, mas o domador o impediu para não assustar o animal.

Júlia deu ao cavalo o nome de Herói. Daquele dia em diante, o cavalo só deixava Júlia montar e saíam para cavalgar... Os dois viveram muitas aventuras e a solidão de Julia não mais existia.



Professor Oliveira

Sebastião Oliveira da Silva é Licenciado em Letras: Português-Francês; Especialista em Ensino Religioso e Mestre em Teologia. Foi Diretor da Faculdade de Filosofia e Teologia de Alagoas - FAFITEAL de 1997-2012. Foi Professor da Rede Pública Municipal de Marechal Deodoro-AL e professor da Rede Pública Estadual no período: 1978-2011. E-mail: sssdeoliveira@hotmail.com

AO LEITOR

Ao apresentar mais uma edição de Revista “Voz Missionária”, não posso deixar de agradecer a Deus pelo privilégio de poder apresentar à Igreja em Alagoas, os feitos e conquistas no campo Missionário; agradecer ao nosso Pastor Presidente Rev. José Orisvaldo Nunes de Lima, pela confiança que me foi dada para cooperar nesta obra como Secretário de Missões; quero destacar também a minha gratidão ao meu companheiro missionário Dario Marinho pela cooperação que tem dado à esta secretaria, contribuindo para um melhor desenvolvimento e atendimento aos obreiros, coordenadores e aos irmãos em geral.

Nesta publicação, queremos comunicar que tendo em vista algumas dificuldades, entre elas a pandemia, não teremos a Revista impressa. Portanto comunicamos a todos que esta será a primeira Edição de nossa Revista eletrônica. Esperamos que ela tenha a mesma aceitação e seja bastante acessada, principalmente por aqueles que gostam de estar sempre conectados. Que Deus abençoe a todos em nome do Senhor Jesus.

Caros leitores, nesta Revista seguiremos o mesmo padrão das anteriores, destacando relatórios, artigos e informações, entre outros. Apresentaremos relatórios da Espanha, de Portugal, de Moçambique na África, da Argentina etc.

Destacaremos o avanço da missão local, prestando um informativo sobre quatro campos missionários dentro do nosso Estado. Em seguida teremos um artigo pelo Professor e Presbítero Carlos Erimar, falando sobre “Missões em Tempo de Epidemia”. Além dos relatórios, informativos e Artigos, não poderíamos deixar de apresentar uma homenagem ao Pastor Jairo Érico Clementino, pelos relevantes trabalhos prestados à nossa Igreja como administrador e também como um dos membros do Conselho Deliberativo de Missões da Igreja Assembleia de Deus em Alagoas.

Concluindo esta palavra, não podemos esquecer que o objetivo da Igreja é alcançar o mundo com a pregação do Evangelho de Cristo: “Ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda Judéia e Samaria, até os confins da terra”... “Sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor”.

Portanto meus irmãos, uma Igreja poderosa é uma Igreja que além de fazer missão até os confins da terra, ama, cuida, protege seus irmãos e procura viver uma vida de plena comunhão com Deus.



Sóstenes Ericson



Sóstenes Ericson é brasileiro, natural de Paulista-PE, solteiro. Bacharel em Enfermagem (UIPE) e Licenciado em Letras (UNEAL); Especialista em Formação para a Docência do Ensino Superior (CESMAC); Mestre em Serviço Social (UFAL); Doutor em Linguística (UFAL); PhD em Linguística (UNICAMP), com atividade de pesquisa em Paris. Professor adjunto 3 da UFAL, atuando na área de Saúde Coletiva. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da UFAL, na linha de pesquisa de Análise do Discurso. Autor de diversos artigos, capítulos e livros. É membro honorário da Academia Canindeense de Letras e Artes-ACLAS e membro efetivo da Academia de Letras e Artes de Arapiraca.



DO TIPO PEGADOR

- Esperando alguém? Perguntei ao senhor que estava sentado ao meu lado na pracinha em frente à escola, numa tentativa de quebrar o gelo imposto pelo silêncio, depois que meu celular, infelizmente, descarregou.
- Sim, mas é surpresa. Faço isso de vez em quando...e você?
- Tendi. Gosto muito de surpresa não. Combinei mesmo de vir ver uma novinha que eu tou pegando...
- Ah, uma novinha...sei. É, hoje em dia só querem saber de novinha...
- Com certeza, amigo. A que o senhor tá esperando tem quantos anos?
- Tem 16 e é moça direita.
- Sorte a sua. Moça hoje é uma loteria e direita só por um milagre (risos). A mina que eu tou pegando é de boa, por isso vou só mantendo por garantia, já que nem sempre as outras tão disponíveis.
- As outras? Nossa! Então você é do tipo pegador...(risos).
- Nada, tou só administrando umas três, por enquanto. Quero ser mesmo assim como o senhor...
- Você, me chame de você (Interrompeu o coroa, já querendo se

chegar).

- Então, como eu ia dizendo, quero ser assim como você...quarentão, carrão, descolando com as novinhas, aí é só ouro, meu parceiro!

Naquele instante, minha princesinha apareceu, usando a farda da escola, que mais parecia uma chama para os outros caras do bairro. E quando ela se aproximou, foi logo dizendo pro coroa do meu lado:

- Bença pai!

E olhando pra mim, discretamente falou: - Eu não sabia que vocês se conheciam, mô...



Thiago Sotthero

Nasceu em Santana do Ipanema, mas tem sua naturalidade em Maravilha-Al onde reside desde o nascimento, Funcionário Público da cidade de Ouro Branco-Al, Thiago Sotthero tem sua formação em Técnico e. Agropecuária - IFALCampus Santana) , estudante de PedagogiaUNEAL(Campus Santana), Teve seu Livro 1 livro Publicado em 13 de novembro de 2018 com sua Obra "O ser Solitário", com pretensão de mas 2 futuras obras que monta a trilogia com os devidos títulos das obras "O ser Poético" e o "Ser Amado", Dono do Blog "Oushente Pensamento" e moderador das páginas em redes sociais "@Precisavadesabafar.al" Que é um livro em criação continua diária "Precisava Desabafar". Com Menção Honrosa pelo Concurso de Literatura de cordel, organizado pelo governo do estado- SECULT com

sua Obra " A Saga do Vaqueiro".

BAILE DE MÁSCARAS

A melhor se versão de mim de morreu faz tempo, o pouco cacos que sobraram só servem para ferir ou se ferir, tem horas que é melhor mentir , isso é o que faz grandes atores quando entram em cena , mantenha a postura, segura firme, respeita fundo, lembre-se de todas as falas combinadas, ao esquecer improvise com firmeza, para ninguém percebe.

O grande truque é ser indiferente ao que sente, como aquela velha brincadeira de estátua e desta forma você congela e descongela tudo que está sentindo, as cenas se repetem não esqueça, a única coisa diferente é apenas os atores em palco que vestem o personagem, que segue os mesmos enredos de outrora com falas repetidas.

O auto controle é o desespero de quem está inerte perante o espetáculo, uma mera pedra presa e grudada ao chão, preço pago para anular-se de forma clássica da monarquia, em um diálogo estranho sobre a mente e o manipular dos gestos corporais para que não vós entreguem.

Pronto início o baile de máscaras cada um decide quem vai interpretar e que rosto falso vai utilizar? Está vendo como é fácil sobreviver no teatro social! A melhor versão um dia entra em cena, hoje ou amanhã, não deixe de assistir as suas próprias e próximas cenas do seu "Eu" interpretando por "Você mesmo" no baile de máscaras.



Tinho Santana

Tinho Santana é poeta, escritor, cordelista, Jornalista DRT-2052/SE, um amante das letras e das artes; graduado em Administração pela Universidade Tiradentes; especialista em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional pela Faculdade Cândido Mendes; especialista em Gestão de Empreendimentos Turísticos pela UFS; discente de Letras/Português pelo IFAL. Autor do Livro Versos Sertanejos e do Cordel Uma Canindé de Sonhos. Participou de diversas antologias como: I Encontro dos Escritores Sergipanos, II Encontro dos Escritores Sergipanos, I, II, III, IV, V, VI, VII Encontro dos Escritores Canindeenses (idealizador), Abrindo ALAS, É Tempo de Poetar, Retalhos da

Alice (idealizador), Escritos do José (organizador), Cartas para Você, entre outras. Editor chefe da Revista Sertão na Mídia e também é imortal fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano – ALAS, Academia Canindeense de Letras e Artes – ACLAS e Academia Aguabranquense de Letras e Artes AABLAS. Contatos: (79) 9603-5842 e-mail: tinhosantana.adm@hotmail.com site: tinhosantana.com



REMINISCÊNCIAS DA INFÂNCIA

Ah! Que tempos bons aqueles.

Era uma época onde a maldade estava longe de existir; onde o financeiro não abalava a mente; onde a preocupação estava apenas na construção do caminhão de madeira.

Tudo era um sonho encantado e não existia espaço para a invasão do sofrimento, pois o único que existia era a falta de doce no momento de vontades. Mas minha mãe sempre dizia: “-vontade é como coceira, dá e passa.”

Não sabia o real significado dessa fala da minha mãe, mas entendia que naquele momento não iria ganhar o meu tão desejado doce.

Era um tempo onde eu não conhecia a dor da perda, por mais que essa já existisse. A saudade também só existia das brincadeiras: bicho de se esconder, bicho da lata, carreata de carros de madeira, pião de madeira, pipa, mula cega, marraia, furão. E o mais gostoso: o

jogo de futebol em meio à rua arrancando a cabeça do dedo ao errar a bola e chutar os paralelepípedos.

Era um momento onde tudo era festa e a felicidade se resumia nas brincadeiras com os amigos; um tempo onde não existia internet e tudo que se encontrava a nossa volta era utilizado como brinquedo. Os “amigos virtuais” nem pensavam em existir, afinal, tudo tinha que ser real, tocável, simples e verdadeiro.

Aos finais de tarde, quando retornávamos da escola, não pensávamos em outra coisa a não ser nos reunirmos para termos os nossos momentos de felicidades.

Que saudades, sinto das coisas da minha infância; saudades de tudo que nela aconteceu, até mesmo das broncas das minhas mães (mãe e vó) e dos corretivos que elas me davam com aquele cinto de couro que ficava atrás da porta. Sim, isso mesmo, os corretivos que eu necessitava para me tornar o homem que sou hoje, e um detalhe: não cresci com nenhuma revolta por causa desses momentos.

Tenho saudades da minha família, pois era uma época onde sequer cogitávamos a distância que os laços da vida pregaram para nós; dos momentos em que nos reuníamos, aos domingos, para jogar conversa fora.

É, infância querida, sinto muita saudade sua, mas sinto-me feliz em saber que aproveitei cada minuto ao seu lado sem preocupação do que estivesse por vir.



Vania Bandeira



Maria Vânia Bandeira de Matos, casada, nasceu em Fortaleza-CE, de registro maranhense, criou-se as margens do Rio Tapajós em Itaituba-PA, estudou Bacharel em Serviço Social, Pós Graduando Letras. trabalha na LBV, ocupou diversos cargos, em Belém-PA, Recife-PE, Manaus-AM, Teresina-PI, São Luiz-MA, reside em Aracaju, atualmente assessora de comunicação no centro Comunitário de Assistência Social, escritora com participação em diversas Antologias, Revista LiteraLivre online e Revista Atração, fez oficina de teatro em IMBUAÇA. Mãe de Luana e Malu Bandeira.



INVÓLUCRO

Era uma linda tarde de primavera. O dia estava ensolarado. O deslumbrante verde das árvores e a floração das plantas tornavam as praças um encantado jardim perfumado, principalmente para a pequena Pérola, que depois de alguns passos a mais, resolve sentar-se em um banco ao lado de uma bela roseira e fecha os olhos para ouvir a canção de um carro de som que passava a poucos metros dali.

Após aquele momento, seus pensamentos, como um invasor ousado, fazem-na refletir o que estava a fazer ali sozinha naquele banco de praça. Sentindo um arrepio que percorre todo o corpo, sente alguém tocar a sua mão. Assustada abre os olhos. Seu chão saiu dos pés, seu coração disparou em um minuto frente à figura rude de seu pai a lhe dar as ordens de “já para a casa para ajudar a sua mãe, amanhã será o primeiro dia de aula”.

A alegria tomou conta novamente de seus sentimentos. Sabia que esse seria o dia mais importante de sua vida. Começou a imaginar a sua saia azul preguiilhada e bem engomada. Seus sapatos, meias brancas e sua blusa de gola. Que emoção!

Lágrimas começaram a rolar do rostinho de Pérola. Não bastasse receber a notícia de que ela não iria frequentar a escola, nem teve forças para relutar, apenas silenciou e saiu.

Após aquele silêncio, Pérola renasceu todos os dias, brotando

como uma semente de uma flor, sendo de espécie única.

Era tarde de domingo quando Pérola estava sozinha e resolve caminhar na praça. Como de costume, abraçou algumas árvores, umas grandes, outras pequenas, comeu alguns frutos, alguns doces e outros azedos.

Os dias foram passando e a força de Pérola tomava conta de seu interior. A cada passo que dava, aproveitava para abrir seus olhos e enxergar sempre um novo dia, uma nova esperança.

“Nunca é tarde demais para novas águas do rio correrem para o mar, nunca é tarde demais para ver os raios do sol brilhar.” Pensava Pérola. Ela, que tinha seus tesouros escondidos em sua alma, e, em sua mente, a chave que abria portas da sabedoria para um mundo de liberdade. Era como uma abelha procurando a sua colmeia para trabalhar.

Em uma manhã de sábado, a movimentação na casa de Pérola não estava como de costume. Pessoas fazendo arrumação, mesas, flores e prataria nova exposta. “O que será que estava preste a acontecer?” Imagina Pérola no seu silêncio.

Logo mais, ao entardecer, pessoas bem vestidas chegando, sendo recepcionadas pelo pai da pequena Pérola, que chama a sua mãe e cochicha em seu ouvido. Pérola sente uma sensação diferente naquele momento. Logo a sua mãe começa a lhe arrumar com um deslumbrante vestido azul e um laço no cabelo. Pérola parecia uma princesa dos contos de fadas. Que dia emocionante para ela! Seus 15 anos! Imaginava a grande surpresa que estava por vir. Seus parabéns, cortar o bolo, o primeiro pedaço, o seu pedido. Era muita emoção para aquele momento mágico.

Todos se divertiam, bebiam, comiam e dançavam. Pérola não via a hora do momento de sua valsa com aquele que somente ela sabia ser o seu príncipe.

O grande momento chegou, o pai se dirige à frente e pede a atenção de todos e anuncia o noivado de Pérola com aquele que ela jamais havia conhecido. Seu coração bate descompassadamente. Sentiu-se mal. Alguém lhe oferece um copo com água e ela desmaia. Alguns minutos após ter recobrado a consciência, seu amado,

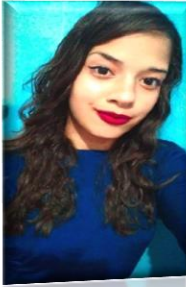
segurando a sua mão sussurra em seu ouvido “vá para o lado de fora disfarçadamente” e ali, em seu cavalo preto, os dois correm em disparada, aliviando o seu desespero e acalmando o seu coração. Como poeira no mar, os dois desaparecem.

Sim, o mar, essa seria a rota de fuga do lindo cavalheiro e sua amada. Eles precisavam ser ágeis para se distanciar da ira do seu prometido.

Viver esse amor não foi tão fácil assim. Havia um grande mar a percorrer, também havia tempo suficiente para o romance perfeito. Pérola, envolta nos braços de seu amado, reflete “Uma mulher, uma canção com o seu tom, uma mulher, um mar de imensidão.”

Pérola admirava essa imensidão do mar, ao mesmo tempo, lhe causava medo. O mar tinha calma e fúria, bravura, beleza, mistérios. E foi assim, revoltado em sua bravura, que causou o naufrágio do seu navio. Pérola em meio ao desespero nadou com suas longas braçadas ao lado de seu amado. Os dois rumo às margens a olharem a imensidão vencida. O coração de Pérola bate mais forte ao viver tamanha aventura.

Assim é Pérola. Vive a cada dia, no mar da vida, navegando por águas desconhecidas, no qual enfrentou tempestades terríveis, e viveu momentos devastadores. Em meio à vastidão do existir, intensificou a sua luta na grandeza de ser e de contemplar a beleza do mundo em sua volta, mergulhando no tudo é possível de ser, quando acredita ser.



Vitória

Vitoria Gabriele Alencar Soares, Estudante, cursando 9º ano do Ensino Fundamental II na Escola Municipal de Educação Básica Dom Pedro II. Nascida em 27 de maio de 2005, filha de Cícero Paulo Soares e Celaine Alencar de Lima.



UM AMOR VERDADEIRO

Olá você que está, ou já esteve na adolescência, já teve dificuldades em romances? Bom, eu já vou falar sobre um deles, que marcou a minha vida até os dias de hoje. Há dois anos, eu conheci um rapaz pelas redes sociais, ele era da minha cidade, porém nunca tínhamos nos visto. Ele parecia ser legal, mas não tinha como saber se isso era verdade.

Nós começamos a conversar, fomos nos aproximando e com o passar do tempo, ele transformou-se em um colega, apesar de nunca termos visto um ao outro. Um certo dia, fui a uma festa com uma amiga, ele estava lá. Fiquei surpresa, foi tudo tão rápido, eu estava com pressa, não pude nem, falar com ele, pelo menos o conheci. Percebi que ele estava afim de mim. Mas meu coração já tinha alguém ocupando espaço.

Com o passar do tempo, ele viajou á trabalho e em poucos dias, comecei a namorar com outro rapaz, que eu gostava. Mesmo assim, nunca deixamos de nos falar, a nossa amizade virtual crescia. Ele me aconselhava, me ajudava muito nos momentos de tristeza. Por motivos pessoais, decidi terminar o namoro e em alguns meses, o meu amigo falou que sentia mais do que amizade, ele queria algo sério comigo.

Fiquei surpresa, pedi esperasse porque estava confusa, não sabia o que queria da vida e prometi a mim mesma que não me apegaria a ninguém. Ele discordou e começou a namorar com outra garota. Eu não sei explicar o que sentia, mas algo dele mexia muito comigo. Daí então, pude perceber que o que sentia por ele, era mais que amizade, havia outro sentimento, o qual resolvi deixar guardado. Resolvi esperar, tempo se encarregará de colocar tudo em seu devido lugar.

Dias se passaram e lá estava, ele tinha voltado de viagem, havia terminado o namoro para minha surpresa foi á minha casa, conversamos e algo me dizia que era o momento tentar algo com ele. Eu tinha medo dele me magoar, como os demais fizeram. Começamos a namorar. As pessoas ao redor, tentaram acabar com nosso namoro, mas não conseguiram, pois o que sentíamos era verdadeiro.

O tempo foi passando, ele conseguiu um emprego em outra cidade, só tínhamos uma semana para aproveitar e eu fiquei muito pensativa porque nunca tinha namorado a distância. Estávamos seguros, isso era apenas mais um obstáculos que tínhamos que passar.

Chegou o dia da partida: bateu-me uma tristeza profunda, mas isso era necessário. E, até os dias de hoje, ele está lá, no trabalho e eu não vejo a hora de nos reencontrarmos para matar a saudade.



Uberlange Professor



Professor Uberlange da Silva Barreto: possui Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (2003). E Direito pela Universidade Tiradentes (2012). É Especialista em História e Geografia: Uma Interação Interdisciplinar pela Faculdade Educacional de Araucária – FACEAR e Instituto Superior de Educação Avançada – MASTERIDEIA (2007); Educação e Gestão pela Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo (2009); Direito do Estado pela Universidade Tiradentes (2014) e Direito e Processo Civil pela Faculdade Guanambi (2020). Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Interamericana (2018). Membro do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM).

Membro da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS). Atualmente é Professor de Educação Básica da Rede Oficial de Ensino do Estado de Sergipe. Professor de Educação Básica da Rede Oficial de Ensino do Município de Nossa Senhora da Glória – Sergipe. Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias – Bahia. Consultor na Consultoria Padrão e Projetos Educacionais.



POLÍTICAS PÚBLICAS E MEIO AMBIENTE

O presente artigo tem como objetivo tornar claro aos leitores, através de uma leitura introdutória, que a área de conhecimento denominada de Políticas Públicas vem se consolidando como lócus de discussão de notório saber para travar grandes debates sobre questões sociais, econômicas e ambientais. E também levar ao questionamento da sociedade quais são os motivos que possibilitam a busca pela sustentabilidade como ferramenta de defesa do Meio Ambiente no Século XXI. Uma vez que segundo a Constituição Federal de 1988, no seu art. 225 preconiza que todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e a coletividade, o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. Estes debates apresentam grandes e diversas problemáticas, da mesma forma que se deparam os debates com as áreas de educação, saúde, habitação, desenvolvimento

sustentável, reconhecimento social, entre outros, sobretudo aqueles que exemplificam a importância da abordagem adotada pelo estudo das políticas públicas para possibilitar uma essencial compreensão com mais clareza sobre os limites e as possibilidades de intervenção do Estado.

Vale salientar também, que esta área é, por excelência, multidisciplinar e qualquer esforço em trabalhar a temática deve em observância a esta relevante característica, agregar ao rol de preocupações dos pesquisadores, os diversos pontos de vista e interpretações, assim como, múltiplas linhas teóricas que compõe esta área do saber. Sendo assim, é público e notório, que é papel das Políticas Públicas contribuir, enquanto área do conhecimento para que possa se desenvolver as práticas da cultura de desenvolvimento sustentável que venham a contribuir com a preservação do Meio Ambiente.



Valéria Santos



Maria Valéria dos Santos é brasileira, natural de Olho D'Água do Casado-AL. Concluinte do Curso Letras, pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Membro de um grupo de Pesquisa em Literatura Alagoana- NELA (Núcleo de Estudos em Literatura Alagoana), foi Coralista do Coro do Sertão durante o ano de 2019, na Universidade a qual estudou. No momento atua no ensino fundamental I, na cidade Olho D'Água dos Casado-AL.



O AMOR E A ESTÉTICA REALISTA: UMA ANÁLISE DE “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”, DE MACHADO DE ASSIS

Maria Valéria dos Santos⁶

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões a cerca da forma como o amor se manifesta dentro da estética realista, sendo que esta surge no século XIX, tendo a objetividade como foco dentro da produção artística literária. Este movimento literário é marcado pela oposição de alguns aspectos presente no movimento que o antecedeu, ou seja, o romantismo. Nisto, vale destacar que no realismo houve uma forte moderação do sentimentalismo, dando lugar aos fatos sociais. A partir da obra em análise pode-se perceber que a personagem que protagoniza a obra, o Brás Cubas possui relacionamentos conflituosos e movidos por algum interesse próprio. Com isto, observa-se que o amor realista não mais é idealizado quanto ao amor romântico.

PALAVRAS-CHAVE: Realismo, Machado de Assis, amor realista, Brás Cubas.

⁶ Graduanda do curso de Letras (português) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), *Campus do Sertão* (SEDE). E-mail: mariavaleriadossanto@gmail.com

O realismo em si, surge em reação ao romantismo, com a finalidade de, através da forma artística literária, demonstrar a realidade social tal qual ela é, inclusive quando se trata sobre a vida sentimental, ou seja, as relações amorosas entre os indivíduos.

No presente artigo objetivamos discutir a maneira como Machado de Assis aborda o amor no período realista, dentro da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Sabendo que o realismo ocorreu em um Período de novas descobertas, e em que as pessoas sentem o desejo de materialidade, o autor desdobra a obra dando ênfase ao “defunto autor” (Brás Cubas), . Brás assume a narração, se colocando como defunto, pra assim contar suas desventuras nos relacionamentos com as três mulheres presente no romance, sendo elas, Marcela; prostituta a qual segundo a obra, Cubas aponta que Marcela o amou “durante quinze meses e onze contos de réis”; a próxima foi Eugênia, uma moça pobre e filha de uma amiga da mãe de Brás Cubas, no entanto, ao descobrir que a moça era coxa de nascença, Brás foge da ideia de passar o ridículo de casar com uma mulher coxa; e por fim ele se relaciona com Virgília, porém, foi mais uma paixão não correspondida, isso porque ela pretendia obter status, e então decide ficar com Lobo Neves pelo fato dele ser um político de maior influência, e nisso, mesmo casada com Neves, ela continua se encontrando às escondidas com Brás Cubas, resultando assim em adultério.

A obra busca refletir sobre o comportamento social e os dramas psicológicos das personagens destacadas a cima. Segundo Bosi, o pensamento burguês fazia parte da estética literária realista:

Assim, dos anos 60 por diante, só haverá duas vertentes ideológicas relevante na Europa culta: o pensamento burguês, o conservador (autora, radical, em face de tradição aristocrática), e o pensamento das classes médias (ou em casos de consciência de classe, dos proletariados), que assume os vários matrizes de liberalismo republicano e socialismo. (BOSI,1936,p.166)

Com seu estilo próprio, Machado incorporou em sua obra, essas principais vertentes, mostrando que a sociedade do momento possuía a vontade de “ter” e “poder”.

Por meio da narração em primeira pessoa, é notável que a personagens Brás sofra com algumas insatisfações da vida, especificamente quando se trata da vida amorosa. Assumindo o lugar de defunto autor, Brás detalha abertamente suas impressões sobre sua vida pessoal, uma vez que se considerando fora do plano físico, ele retrata as coisas sem se preocupar com o que pode ser desagradável às pessoas. Como alguém que já morreu, e agora conta sobre sua vida, Brás vai fazendo da narrativa um espaço de reflexões sobre sua vida, começando pelo seu funeral, e depois segue falando sobre o momento da infância, e assim por diante. Nisso, Brás vai tecendo uma análise psicológica sobre suas ações e comportamentos nas diferentes fases da vida.

Apesar de ter produzido essa obra no período realista, Machado aparentemente previa a sociedade atual; centrada nos interesses próprios e no desejo de crescer economicamente, chegando até mesmo a interferir nas escolhas dos pares afetivos.

REFERÊNCIAS:

ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ciranda Cultural editora e distribuidora Ltda, 2007.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Global, 1999

O QUE FOI A QUESTÃO COIMBRÃ. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-foi-a-questao-coimbra/> . Acessado em > 23 de setembro.

REALISMO. Disponível em : <https://www.infoescola.com/literatura/realismo/> . Acessado em > 25 de Setembro de 2018



Performance

Editora

Acesse:

www.editoraperformance.com

E-mail: editoraperformance@gmail.com

(82) 99376-2377 e (82) 99982-6896

